

COMO FAZER UMA DISSERTAÇÃO

Na dissertação desenvolve-se um tema sob os mais diversos aspectos. Ela é baseada principalmente em uma análise e sempre expõe ideias. Por estas características a dissertação é a menina dos olhos dos vestibulares. Que melhor maneira de saber se você domina um assunto da atualidade do que lhe colocando para escrever sobre ele? No desenvolvimento da dissertação é necessário que você tenha raciocínio lógico.

Eis a importância de você já estar informado sobre os aspectos que pode abordar sobre determinados assuntos. Você não pode esquecer que o tempo não é muito e dificilmente você terá o luxo de parar para pensar em diversos aspectos sobre o assunto. Mas até para o raciocínio lógico há uma saída, para não lhe levar ao desespero.

Atenção!

O raciocínio pode ser:

Indutivo: que é quando se utiliza experiências e observações para chegar a um princípio.

Dedutivo: quando você parte de uma norma para um fato específico. Vamos aos exemplos (dados imaginários).

Indutivo

Pessoas idosas que praticam exercícios físicos vivem mais e melhor. (*experiência*) 93% dos idosos que praticam exercício físico têm 90% menos chances de um enfarte (*experiência*)

Os exercícios físicos proporcionam uma vida melhor e com menos chance de infarto, (*princípio*)

Dedutivo

Para passar no vestibular é necessário estudar muito. (*norma*)

Luciana passou no vestibular.

Luciana estudou muito e passou no vestibular. (*fato específico*).

Depois de uma rápida passagem pelo senso crítico, vamos prosseguir com o assunto mais específico da dissertação. Se este tipo de redação exige opinião, você não se deve fazer de rogado, opine - dentro da coerência. Mas evite anunciar ao seu leitor que você irá opinar.

Expressões como:

"Na minha opinião"

"Eu acho"

"Creio eu"

"Acredito piamente"

Por favor, esqueça essas expressões na hora de escrever. Simplesmente, vá direto o assunto. Sem medo, dê sua opinião. Não dói nada. No que diz respeito à formatação da dissertação, atente para os seguintes fatos simples, mas que os vestibulandos não prestam atenção. Quando estes tópicos não são cumpridos, em geral o professor nem corrige a prova:

Lembre-se de dar a MARGEM, no início dos parágrafos.

Uma dissertação tem no MÍNIMO três parágrafos.

Não destaque frases que você acha mais importantes, isso é uma redação, e não um trabalho escolar.

Não se esqueça do TÍTULO (erro muito comum, que você deve deixar seu concorrente cometer, só ele).

NUNCA comece a dissertação com a mesma frase do título.

EVITE começar a dissertação com um verbo.

O tempo deve ser um só. Se você começou a escrever no passado, não mude para o presente no caminho, a não ser que isto seja imprescindível.

As partes de uma Redação

Introdução- É o ponto de vista- a tese a ser apresentada- um roteiro do estudo. O ideal é um parágrafo com 5 a 8 linhas.

É sempre a parte mais difícil de escrever, exatamente por ser a primeira. No entanto, quando uma introdução está bem escrita o restante do texto flui com uma naturalidade surpreendente. Porém, quando você trava no meio do texto é por que sua introdução está equivocada. Mas por que isto?

Simples. O desenvolvimento de uma dissertação é todo baseado na sua introdução. Se nela o assunto não estiver explícito; se estiver detalhado de mais; ou se estiver muito limitado, você não tem muito para onde correr depois.

Sua introdução não pode: (introduções realmente produzidas por vestibulandos)

Fazer referência ao título, nem direta nem indiretamente.

Título: "O HIV vem contaminando as esposas brasileiras"

Texto: "O vírus HIV está contaminando diversas mulheres casadas, brasileiras e fiéis...."

Análise: Terrível. É primário. E, só para constar, o HIV não contamina ninguém, quem contamina são as pessoas. O HIV é o objeto da contaminação e não o autor. Cheias de significados e expressões que não são do alcance médio da população.

Além de soar arrogante e presunçoso, você ainda corre o risco de o professor que for corrigir sua redação não conhecer o significado e interpretar seus textos de forma errada.

Texto: "Em uma análise subliminar da história brasileira, pode nos deparar com casos - como se chamava casos antigamente - dos mais intrigantes, inclusive conceitualmente".

Análise: Apesar de ter certo sentido, parece "enrolação". O professor, que já corrigiu 100 outras redações antes da sua, para por aí mesmo.

Ser abrupta.

Este recurso pode até ser usado em algumas ocasiões, mas definitivamente não em uma redação de vestibular.

Texto: "Essa é a opinião da maioria, a saúde do Brasil está na UTI".

Análise: Está tudo errado. Não dê um susto deste no seu leitor. Além disso, como ele sabia que é opinião da maioria? E, como se não bastasse, a frase "saúde na UTI" é mais do que batida e até certo ponto não tem a menor lógica conceitual.

Desenvolvimento

Argumentação- É o lugar onde explica, exemplifica, explicita, justifica, comprova. O ideal é de 2 a 3 parágrafos.

É a maior parte da redação, também é a mais fácil de entender. Esta parte deve ser convincente – deve conter provas- raciocínio lógico.

Na verdade, falamos indiretamente sobre a dissertação quando tratamos de parágrafos. Isso porque o desenvolvimento compreende todos os parágrafos contidos entre a introdução (o primeiro) e a conclusão (o último).

Mas precisamos abordar aqui outro aspecto. A colocação dos diversos ângulos que serão abordados sobre o assunto.

Veja bem:

Assunto: Ídolos brasileiros da juventude

Aspectos a serem abordados: ídolos de várias artes; influência positiva ou não; opinião dos pais; Cazusa e Renato Russo; a mídia como criadora dos ídolos. É provável que os aspectos ditados acima sejam também o conteúdo dos parágrafos a serem produzidos. Não precisa ser um parágrafo para cada assunto. Assim ao desenvolver um assunto, tenha em mente o que você falará sobre ele. E a melhor maneira de selecionar, isto é, saber sobre o que você acha que pode falar. Seria ótimo dominar todos os assuntos, mas não sendo possível limite-se a escrever sobre o que você conhece para não escrever errado. Treine, pegue algum texto de um assunto interessante para você e o desenvolva.

Utilize a introdução que já está lá, para que você tenha como ser guiado. Faça isso várias vezes, afinal você estará treinando ser guiado por terceiros, já que a introdução não é sua será uma experiência ímpar. Tente. **Não perca tempo!**

Conclusão- É a síntese—reforço da tese- questionamento aberto- Faça 1 parágrafo
A melhor forma de concluir uma redação é concluindo. Óbvio sim, mas não para todos. É comum se começar uma conclusão desculpando-se pela opinião contida, dando início a um novo assunto.

É necessário estar atento para as chamadas frases de encerramento. Você pode iniciar a introdução fazendo:

- Referência ao título ou reafirmando a ideia principal do texto;
- Com uma citação;
- Com uma advertência; ou
- Com uma sugestão.

Apesar de serem aceitáveis expressões como **sendo assim, portanto, assim**, entre outras, não as utilize no início da conclusão, para que seu leitor não ache que você está querendo dizer que ali começa a conclusão.

Ex.: (errado)

Sendo assim, é necessário que se faça uma reavaliação do sistema educacional...

Ex.: (correto)

É necessário que se faça uma reavaliação do sistema educacional...

Esta estrutura dá sentido ao texto

DICAS PRÁTICAS- Evite usar



Há verbos que podem ser utilizados nos mais diversos contextos, com os mais diversos significados. Entre eles, destacam-se “ter”, “dar”, “pôr” e “fazer”, os quais, devido à sua abrangência, devem ser evitados em textos que pretendam ser

adequados à modalidade escrita como os textos dissertativos. Logo, sobretudo em dissertações, em vez de “Há pessoas que têm baixa autoestima” escreva “Há pessoas que sofrem de baixa autoestima”; em vez de “Têm bandidos com formação militar” escreva “Há bandidos com formação militar” e assim por diante.

Coesão textual (I)- A coesão textual consiste na relação entre palavras dentro das orações, entre orações dentro dos períodos, entre períodos dentro dos parágrafos e entre parágrafos dentro do texto. Um texto coeso mantém uma conexão interna entre os enunciados. Em outros termos, num texto coeso, as palavras, as expressões, as frases e os parágrafos estão interligados, “amarrados”, “costurados” entre si. “A lâmpada abre um círculo mágico sobre o papel onde escrevo.” (Mário Quintana) é um exemplo disso. O termo “onde” liga ou costura a oração “a lâmpada abre um círculo mágico sobre o papel” à “escrevo” e, ao fazê-lo, estabelece a coesão entre as duas orações. “Onde” é um elemento de coesão, e a ligação entre as duas orações é um fenômeno de coesão. São inúmeros os elementos coesivos. Estudemos, por enquanto, dois deles: coesão por referência – anáfora e catáfora – e coesão por elipse.

Em um texto, costumam ocorrer termos que retomam outros – denominados anafóricos – e termos que anunciam ou antecipam outros – denominados catafóricos.

São anafóricos e/ou catafóricos o artigo definido, alguns pronomes, os verbos “ser” e “fazer”, alguns numerais, certos advérbios. No verso “essa chama de vida – que transcende a própria vida” (Mário Quintana), há um exemplo de anafórico: o pronome relativo “que”, pois retoma o substantivo “chama”. Já no fragmento “Qualquer que tivesse sido seu trabalho anterior, ele o abandonara (...). O professor era grande, gordo e silencioso, de ombros contraídos.” (Clarice Lispector), há exemplos de catafóricos: o pronome possessivo “seu” e o pronome pessoal do caso reto “ele”, já que antecipam o substantivo “professor”. Em um texto, também pode ocorrer apagamento de um termo – elipse – para evitar a repetição desse termo, por ser facilmente depreendido pelo contexto.

Em “Prudêncio, um moleque da casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão (...), eu trepava-lhe ao dorso (...)” (Machado de Assis), há elipse ou apagamento da palavra “Prudêncio” em relação ao verbo “punha”, uma vez que essa palavra pode ser facilmente depreendida pelo contexto.

Chegado (jamais “chego”): Tinha chegado atrasado. – usar “chego” revela desconhecimento da língua culta, o que confere ao usuário certo desprestígio social.

A arte de revisar um texto -A arte de escrever e de revisar um texto

Fazer e desconfiar do que fizemos. Refazer e desconfiar do que refizemos. Rascunhar e rascunhar... É assim que chegamos, enquanto escritores, à redação que queremos: totalmente clara e compreensiva. E chegamos “cortando”. “Escrever é cortar. A velha e boa definição bem que poderia ter tido origem no método de Graciliano Ramos. Como escritor, ele tinha dois trabalhos: fazer e desfazer o texto. (...) Quando não havia mais uma vírgula que pudesse ser jogada

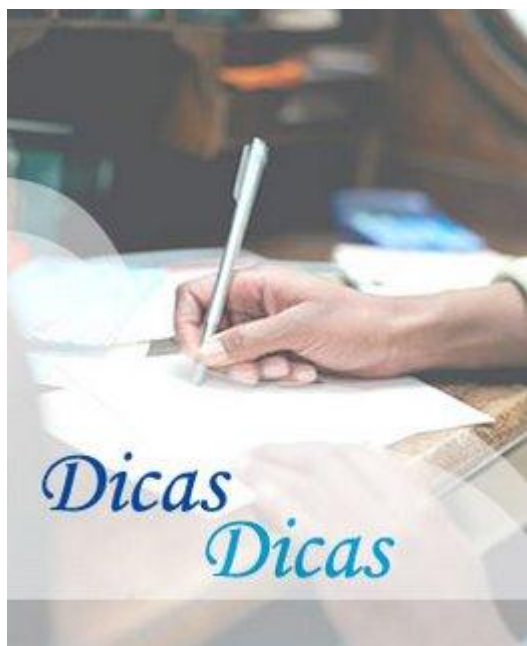
fora, o livro estava pronto.” Em geral, os rascunhos de nossos textos contêm mínimas correções e pouco se diferenciam do texto definitivo. São rascunhos “prontos”! E isso ocorre porque revemos nossos textos com uma leitura rápida e pouco crítica, em vez de realizarmos uma revisão como se deve. Citamos Graciliano Ramos. E Machado de Assis? Será que também fazia da revisão um passo fundamental para a produção de seus textos.

Vejam os trechos da primeira redação pública (estampada na Gazeta de Notícias de 13/7/1884) e a redação definitiva (na 3ª edição em livro – Várias histórias, 1904) de “O enfermeiro”:

(1ª) redação - “(...) tendo eu quarenta e dois anos [apareceu-me um emprego. Creio que era o quadragésimo. Eu, desde que deixei (por vadio) o curso de medicina, no segundo ano, fui todas as cousas deste mundo, entre outras, procurador de causas, mascate da roça, cambista, boticário e ultimamente agora era] teólogo, - quero dizer, copiava os estudos de teologia de um padre de Niterói, antigo companheiro de colégio, que assim me dava, delicadamente, casa, cama e mesa.”;

(2ª) redação - “No ano anterior, ali pelo mês de agosto, tendo eu quarenta e dois anos, fiz-me teólogo – quero dizer, copiava os estudos de teologia de um padre de Niterói, antigo companheiro de colégio, que assim me dava, delicadamente, casa, cama e mesa.”

Quarenta e uma palavra a menos! Também Machado de Assis, grande escritor, submetia seus textos à revisão para suprimir trecho de todo irrelevante para o objetivo central do escritor (no texto acima: insinuar certo cinismo da personagem ao contar que, aos 42 anos de idade, vivia à custa de um padre amigo, a troco de copiar para este os seus estudos de teologia). Em suma, a arte de escrever só se completa com a arte de revisar.



Verbo "falar"

O verbo “falar” é defectivo: faltam-lhe a maioria das pessoas do presente do indicativo e as formas delas derivadas. Possui apenas as formas: nós falamos, vós falais e fali (vós). Atenção: “falar” é conjugado em todas as pessoas dos outros tempos.

Planejando a dissertação -Planejamento de redação dissertativa seguindo a linha de raciocínio "síntese de ideias"

Faça (sempre, sempre, sempre) uma lista de ideias na sequência em que vierem à sua mente

1) Escreva resumidamente, na folha de rascunho, sua opinião ou tese. Comece com “penso que” (ao passar a limpo, elimine essa expressão);

2) Selecione, da lista de ideias, três argumentos ("a", "b", "c");

3) Monte o esquema do texto ("síntese de ideias");

Introdução (1º parágrafo): tema, tese e argumentos ("a", "b" e "c")

Desenvolvimento (2º parágrafo): argumento "a";

Desenvolvimento (3º parágrafo): argumento "b";

Desenvolvimento (4º parágrafo): argumento "c";

Conclusão (5º parágrafo): expressão inicial (desse modo; portanto; assim; em resumo; etc.), reafirmação do tema e dos argumentos ("a", "b" e "c") e observação final apresentando uma proposta de intervenção (o que fazer / para que fazer / como fazer)

4) Rascunhe a introdução apresentando o tema e os três argumentos;

5) Continue... escrevendo o desenvolvimento e a conclusão;

6) Revise o texto com atenção;

7) Passe-o a limpo com letra legível.

Dicas de redação

Dicas para escrever uma boa dissertação

1) Em textos de, no máximo, 30 linhas, não escreva mais do que quatro ou cinco parágrafos.

2) Não redija parágrafos nem muito curtos, nem muito longos. Fique dentro do limite que vai de 5 a 8 linhas para cada parágrafo.

3) Utilize letra legível de tamanho regular, seja ela de forma, manuscrita ou bastão. Ao contrário do que alguns afirmam, muitas redações são escritas em letra de forma.

4) Introduza cada parágrafo com uma frase curta, que contenha a idéia central ou o objetivo do parágrafo.

5) Escreva com simplicidade. Não utilize palavras difíceis ou supostamente bonitas, nem gírias ou expressões coloquiais.

6) Não generalize. Frases como "Todo político é corrupto" indicam falta de reflexão.

7) Evite expressões como "eu acho", "na minha humilde opinião", "quem sou eu para falar sobre isso", "quem sabe".

8) Utilize formas para tornar o texto impessoal, tais como verbo auxiliar “ser” + verbo principal no particípio (“O problema não será resolvido pela imposição de uma lei”) ou verbo principal + “se” (“Negociou-se a compra de medicamentos”).

9) Modere suas opiniões e afirmações utilizando verbos auxiliares como “dever”, “poder”, “precisar”; predicados como “é certo”, “é provável”, “é necessário”, “é preciso”; advérbios como “certamente”, “possivelmente”, “provavelmente”; futuro do pretérito como “teria”, “ficaríamos”, “haveria”.

10) Jamais utilize o pronome de tratamento “você”.

11) Modere o emprego do pronome pessoal “eu” e utilize, sem receio, pronome e verbo na primeira pessoa do plural.

Escrevendo Resumos

O resumo tem por objetivo apresentar com fidelidade ideias ou fatos essenciais contidos num texto. Sua elaboração é bastante complexa, já que envolve habilidades como leitura competente, análise detalhada das ideias do autor, discriminação e hierarquização dessas ideias e redação clara e objetiva do texto final. Em contrapartida, dominar a técnica de fazer resumos é de grande utilidade para qualquer atividade intelectual que envolva seleção e apresentação de fatos, processos, ideias, etc.

O resumo pode se apresentar de várias formas, conforme o objetivo a que se destina. No sentido estrito, padrão, deve reproduzir as opiniões do autor do texto original. A ordem como essas são apresentadas e as articulações lógicas do texto, não devem emitir comentários ou juízos de valor. Dito de outro modo trata-se de reduzir o texto a uma fração da extensão original, mantendo sua estrutura e seus pontos essenciais.

Quando não há a exigência de um resumo formal, o texto pode igualmente ser sintetizado de forma mais livre, com variantes na estrutura. Uma maneira é iniciar com uma frase do tipo: "No texto....., de, publicado em....., o autor apresenta/ discute/ analisa/critica/ questiona tal tema, posicionando-se" . Esta forma tem a vantagem de dar ao leitor uma visão prévia e geral, orientando, assim, a compreensão de que segue. Este tipo de síntese pode se for pertinente, vir acompanhada de comentários e julgamentos sobre a posição do autor do texto e até sobre o tema desenvolvido. Em qualquer tipo de resumo, entretanto, dois cuidados são indispensáveis: buscar a essência do texto e manter-se fiel às ideias do autor. Copiar partes do texto e fazer uma "colagem", sob a alegação de buscar fidelidade às ideias do autor não é permitido, pois o resumo deve ser o resultado de um processo de "filtragem", uma (re)elaboração de quem resume. Se for conveniente utilizar algo a mais do que original (para reforçar algum ponto de vista, por exemplo), esses devem ser breves.

Uma sequência de passos eficiente para fazer um bom resumo é a seguinte:

- a. ler atentamente o texto a ser resumido, assinalando nele as idéias que forem parecendo significativas à primeira leitura;
- b. identificar o gênero a que pertence o texto (uma narrativa, um texto opinativo, uma receita, um discurso político, um relato cômico, um diálogo, etc).
- c. identificar a ideia principal (algumas vezes essa identificação demanda seleções sucessivas, como nos concursos de beleza...);

- d. identificar a organização - articulações e movimento - do texto (o modo como as idéias secundárias se ligam logicamente à principal);
- e. identificar as idéias secundárias e agrupá-las em subconjuntos (por exemplo: segundo sua ligação com a principal, quando houver diferentes níveis de importância; segundo pontos em comum, quando se perceberem subtemas);
- f. identificar os principais recursos utilizados (exemplos, comparações e outras vozes que ajudam a entender o texto, mas que não devem constar no resumo formal, apenas no livre, quando necessário);
- g. esquematizar o resultado desse processamento;
- h. redigir o texto.

Evidentemente, alguns resumos são mais fáceis de fazer do que outros, dependendo especialmente da organização e da extensão do texto original. Assim, um texto não muito longo e cuja estrutura seja perceptível à primeira leitura, apresentará poucas dificuldades a quem resume. De todo modo, quem domina a técnica - e esse domínio só se adquire na prática - não encontrará obstáculos na tarefa de resumir, qualquer que seja o tipo de texto.

Resumos são, igualmente, ferramentas úteis ao estudo e à memorização de textos escritos. Além disso, textos falados também são possíveis de resumir. Anotações de idéias significativas ouvidas no decorrer de uma palestra, por exemplo, podem vir a constituir uma versão resumida de um texto oral.

DÚVIDAS DO COTIDIANO



1 - POR QUE X PORQUE / POR QUÊ X PORQUÊ /

QUE X QUÊ

- Usa-se a forma POR QUE:

a) Sempre que for possível acrescentar: motivo, causa, razão, coisa.

Ex.: Não sei por que (motivo) eles brigaram.

Por que (razão) eles saíram?

Por que (coisa) você se interessa no momento?

Por que (causa) você luta?

b) Sempre que for possível substituir por uma das expressões: pelo qual, pela qual, pelos quais e pelas quais.

Ex.: O caminho por que (pelo qual) passamos era muito ruim.

Esta é a razão por que (pela qual) eu não saí ontem.

- Usa-se a forma PORQUE:

a) Geralmente introduzindo explicação ou causa.

Ex.: Não reclames, porque é pior.

Faltou à aula porque estava doente.

b) Nas orações interrogativas em que a resposta já é sugerida.

Ex.: Você não veio porque estava doente?

- Usa-se a forma **POR QUÊ**:

a) Quando aparece antecedido de pontuação forte (ponto, ponto e vírgula, ponto de exclamação, ponto de interrogação, dois pontos e reticências) onde vírgula, quando se deseja enfatizar uma pausa.

Ex.: Mário saiu e não disse por quê?

-Por quê? Você não acredita em mim?

- Usa-se a forma **PORQUÊ**

Quando é substantivo:

Ex.: Ele não veio e ninguém sabe o porquê.

Seu porquê não me interessa.

O porquê de sua desistência ninguém ficou sabendo.

- Usa-se a forma **QUÊ**

a) Quando é substantivo. Ex.: Havia um quê de tristeza em sua voz.

b) Quando aparece antecedido de pontuação forte ou de vírgula, quando se deseja enfatizar uma pausa.

Ex.: **Quê!** Você não achou o caminho! Não sei para quê, nem me interessa.

2. SENÃO / SE NÃO

- Usa-se a forma **senão** equivalendo a:

a) do contrário: Saia daí, **senão** vai se molhar.

b) a não ser: Não faz outra coisa **senão** reclamar.

c) mas sim: Não teve a intenção de exigir, **senão** de pedir.

d) defeito, falha: Houve um **senão** em sua exposição.

- Usa-se a forma **se não**:

a) igual a “caso não”: Esperarei mais um pouco; **se não** vier, irei embora.

b) introduzindo oração com conjunção integrante: Perguntou **se não** era tarde.

3 - HÁ/ A

- A forma **Há** equivale ao verbo haver, indicando tempo decorrido. Pode ser substituída por “faz”.

Ex.: Não o vejo **há** (faz) quinze dias.

- A forma **A** é preposição, indicando distanciamento no tempo, futuro ou passado, e sentido geográfico.

Ex.: Sairei de casa daqui **a** duas horas.

Moro **a** dois quilômetros da escola.

4 - NENHUM / NEM UM

- **Nenhum** é empregado como antônimo de “algum”.

Ex.: Entrou na casa sem que **nenhum** morador o notasse.

- **Nem um** equivale a “nem um sequer”, nem um único.

Ex.: **Nem um** morador do prédio apareceu para a reunião.

5 - AFIM / A FIM

- **Afim** significa “semelhante”, “relacionado”:

Ex.: Temos gostos **afins**.

- **A fim** (de) equivale a “para”:

Ex.: Procurei-o **a fim** de conversar.

6 - À MEDIDA QUE / NA MEDIDA EM QUE

- **À medida que** = à proporção que:

Ex.: Alfredo construía a casa **à medida que** recebia as comissões.

- **Na medida em que** = considerando que:

Ex.: Na medida em que não sou rico, não posso comprar um carro novo.

7 - AO ENCONTRO DE / DE ENCONTRO A

- Ao encontro de indica conformidade, acordo:

Ex.: Os governantes deveriam ir ao encontro das necessidades do povo.

- De encontro a indica oposição, conflito:

Ex.: Infelizmente seu pedido vai de encontro a nossas posses.

8 - AONDE / ONDE / EM QUE

- Aonde deve ser usado com verbos que indicam movimento:

Ex.: Aonde (para onde) você vai?

- Onde refere-se a lugar físico:

Ex.: A casa onde mora é bonita.

- Em que deve ser usado nas demais situações:

Ex.: Nos casos em que a lei ordenar, há de se obedecê-la.

9 - AO INVÉS DE / EM VEZ DE

- Ao invés = ao contrário de:

Ex.: Ao invés de virar à esquerda, virou à direita.

- Em vez de = no lugar de:

Ex.: Em vez de tomar leite, tomou chá.

10 - MAL / MAU

- Mal É antônimo de BEM.

Ex.: Ele procedeu mal. / Qual é a origem do mal?

Observação: Também pode ser conjunção temporal (= LOGO QUE):

Ex.: Mal deixou a casa, bateram à porta.

- Mau é antônimo de BOM.

Ex.: Sempre foi mau pagador. / O mau tempo atrapalhou.

11 - DIA-A-DIA / DIA A DIA

- Dia a dia é um substantivo. Significa cotidiano.

Ex.: O dia a dia do trabalhador é muito monótono.

- Dia a dia é expressão adverbial. Significa todos os dias, cotidianamente.

Ex.: Os preços das mercadorias aumentam dia a dia.

12 - TAMPOUCO / TÃO POUCO

- Tampouco é advérbio. Significa também não.

Ex.: Não realizou a tarefa; tampouco apresentou qualquer justificativa.

- Em tão pouco, temos o advérbio de intensidade tão modificando pouco, que pode ser advérbio ou pronome indefinido.

Ex.: Tenho tão pouco entusiasmo pelo trabalho!

13 - CESSÃO / SESSÃO / SEÇÃO (SECÇÃO)

- Cessão: ato de ceder.

Ex.: João fez a cessão dos seus direitos autorais.

- Sessão: intervalo que dura uma reunião.

Ex.: Assistimos a uma sessão de cinema.

- Seção ou secção: parte de um todo.

Ex.: Lemos a notícia na seção (ou secção) policial.

14 - MAIS BEM / MELHOR

- Mais bem – usa-se antes de verbo no particípio:

Ex.: São os alunos mais bem preparados do colégio.

• Melhor – usa-se antes de verbo que não esteja no particípio ou outras palavras.

Ex.: São bem melhores do que nós.

15 – À TOA / À TOA

• À toa – é um adjetivo (refere-se, pois, a um substantivo) e significa impensado, inútil, desprezível.

Ex.: Ninguém lhe dava valor: era uma pessoa à toa.

• À toa – é um advérbio de modo e significa a esmo, sem razão, inutilmente.

Ex.: Andava à toa pelas ruas

16 - EM PRINCÍPIO / A PRINCÍPIO

• Em princípio = em tese.

Ex.: Em princípio, sou contra qualquer governo.

• A princípio = inicialmente.

Ex.: A princípio era contra; depois, mudei de opinião.

17 - VIMOS / VIEMOS

• Vimos indica o presente do verbo VIR ou passado do verbo VER.

Ex.: Vimos trazer-lhe nosso apoio. /Vimos um gato preto ontem.

• Viemos indica o passado do verbo VIR.

Ex.: Viemos ontem de carona.

18 - HÁ / HAVIA

• Há indica presente ou que a ação não findou.

Ex.: Há três carros na garagem. // Há dois dias que não fumo.

• Havia indica passado (pretérito imperfeito do indicativo), que a ação já findou:

Ex.: Havia três anos que não o via. // Havia dois anos que não fumava.

19 - A PAR / AO PAR

A PAR – expressão usada no sentido de “estar bem informado”

Ex.: Ele está a par dos acontecimentos

AO PAR – expressão usada apenas para indicar equivalência em valores cambiais.

Ex.: O real já esteve ao par do dólar.

20 - A FORA / AFORA

A FORA – para fora

Ex.: Saiu janela a fora

AFORA – exceto

Ex.: Afora este caso, não resolveu nada.

21. POR VENTURA / PORVENTURA

POR VENTURA – significa por sorte, por misericórdia.

Ex.: Por ventura divina, sobrevivemos.

PORVENTURA significa talvez, por acaso.

Ex.: Você, porventura, viu Cabeção por aí?

22 - DEMAIS / DE MAIS

DEMAIS é advérbio de intensidade e equivale a muito.

Ex.: Elas falam demais.

Também pode ser usado como substantivo, significando “os restantes”.

Ex.: Chegaram onze jogadores para jogar; os demais ficaram no banco.

DE MAIS é locução prepositiva e possui sentido oposto a de menos.

Ex.: Não haviam feito nada de mais.

23 - OH / Ó

• Oh é interjeição de admiração ou espanto.

Ex.: Oh! Que lindo dia!

• Ó acompanha vocativo

Ex: O que há com você, ó criatura?

DICAS PARA TURBINAR SEU DESEMPENHO



De nada adianta a decoreba – que a memória pode deletar a qualquer instante. O lance é encontrar um bom método de estudo, que valorize o raciocínio, a associação de ideias. Só assim, as informações vão desembarcar no seu cérebro para ficar: Mas não existem fórmulas prontas. Cada pessoa tem seu estilo, cada um sabe de que forma rende mais. Veja a seguir, quais dessas dicas podem melhorar a sua vida:

1. Um pouco de ordem na bagunça não vai fazer mal a ninguém, ao contrário. Mantendo o seu local de estudo normalmente arrumado, você não apenas vai se sentir mais animado a estudar, mas também vai encontrar borracha, régua e tudo o mais que precisar, na hora em que precisar.
2. Organize as matérias em pastas, onde também poderá colocar recortes de jornais, rabiscos do professor e outros materiais estratégicos.
3. Determine quantas horas vai reservar diariamente (o fim de semana entra na jogada) para estudar e faça uma grade de matérias de acordo com esse tempo. Tente cumprir esse horário.
4. Descubra em qual período você se sente mais disposto e acorde esse horário para estudo.
5. Relacione pelo menos duas disciplinas diferentes para um mesmo dia e programe intervalos entre elas.
6. Reconheça seus limites. Vá até onde rende o seu máximo. Quando precisar de uma pausa, não deixe que o intervalo ultrapasse 15 minutos, senão a preguiça aparece ou a concentração vai para o espaço.
7. Quando retomar a jornada, recomece com uma matéria diferente.
8. Estude as matérias em que tem dificuldade enquanto estiver com a cabeça fria.
9. Ao chegar do colégio ou do cursinho, reveja o que foi dado na classe.
10. Faça todos os exercícios propostos. Se vacilar em alguma questão, pergunte. Arrastar dúvidas pode atrapalhar a compreensão do próximo tópico.
11. Dicionário não é enfeite de estudante. Se não souber o significado de alguma palavra ou tiver dúvidas quanto sua grafia, use e abuse.
12. Se estiver fazendo cursinho, fique atento às datas do plantão de dúvidas e das aulas de reforço.

Os 10 mandamentos de um bom Texto

Escrever requer imaginação e familiaridade com palavras. Para isso, o melhor que você pode fazer é praticar, praticar, praticar. Adquirir o hábito de escrever, desde bilhetes até diário.

Não Fuja do tema em questões

Toda redação propõe um tema de improviso para debater. Fugir dele é revelar que não compreendeu o pedido ou arriscar a sorte, reproduzindo um texto decorado. Ambos os casos são motivos para anular a redação. Por isso, reserve uma parte do tempo para compreender a proposta. Toda redação começa pela interpretação das idéias contidas no texto sugerido.

Respeite o tipo de texto proposto para abordagem do conteúdo

Escrever uma narração em lugar de uma dissertação ou produzir um poema em vez de um texto em prosa também pode levar à anulação da prova. Como a maioria dos vestibulares exige uma dissertação em prosa, é essencial conhecer as características desejáveis num texto dissertativo.

Opine com argumentos em vez de jurar sinceramente

Todo texto deve revelar a opinião do seu produtor. Mas, além de escrever o que pensa, será preciso encontrar argumentos para sustentar seu ponto de vista. Aí, sim, conseguirá a adesão dos interlocutores.

Leve em conta e comente as opiniões contrárias

Para defender um ponto de vista com eficiência, você deve ter conhecimentos sobre o tema e sobre as diversas opiniões existentes a esse respeito.

Não caia em contradição

Evite incoerências. Se o texto começa defendendo uma determinada opinião, espera-se que ele continue fazendo essa defesa até o fim.

Não permita que as palavras saiam sem controle da intenção

Em toda cultura existem lugares comuns, ideias prontas, clichês, preconceitos que se insinuam no discurso de quem fala ou escreve. Policie-se e não jogue no papel aquilo que não tenha passado antes pelo raciocínio crítico.

Respeite as normas da língua culta

A não ser em casos muito específicos, em que se pode recorrer à variante informal, espera-se que a redação do vestibular obedeça aos preceitos da norma culta escrita.

Evite afetação e exibicionismo na linguagem

Não superestime a correção gramatical. Embora o respeito ao padrão culto da língua seja importante, não se pode crer que a avaliação da redação valorize demasiadamente aspectos ligados à ortografia, acentuação, crase, regência ou concordância. Muito menos linguagem artificial feita para impressionar. É mais grave cometer uma contradição de raciocínio do que escrever “pretensioso” (com c).

Não valorize mais o copo do que o vinho que ele contém

Não dê atenção a certos detalhes. A presença de rasuras, a dúvida sobre escrever ou não em letra de forma ou o tamanho do texto são preocupações impertinentes. Bancas sérias não levam esse tipo de detalhe em consideração.

Dicas de Professores e Jornalistas

As dicas abaixo foram dadas por dois profissionais, um professor de português e um conhecido Jornalista, conhecido pela qualidade dos seus textos.

Faça letra legível:

Você acha que alguém vai tentar decifrar sua redação, tendo outras 700 para corrigir?

Ordenação das Ideias:

A falta de ordenação de ideias gera um texto sem encadeamento e, às vezes, incompreensível, partindo de uma ideia para outra sem critério, sem ligação.

Coerência:

Você não deve apresentar um argumento e contradizê-lo mais adiante.

Coesão:

A redundância denuncia a falta de coesão. Não dê voltas num assunto, sem acrescentar dados novos. Isso é típico de quem não tem informações suficientes para compor o texto.

Inadequação:

Não fuja ao tema proposto, escolhendo outro argumento com o qual tenha maior afinidade. O distanciamento do assunto pode custar pontos importantes na avaliação.

Estrutura dos Parágrafos:

Separe o texto em parágrafos. Sem a definição de uma ideia em cada parágrafo, a redação fica mal estruturada. Não corte a ideia em um parágrafo para concluí-la no seguinte. Não deixe o pensamento sem conclusão.

Estrutura das Frases:

Faça a concordância correta dos tempos verbais;

Não fragmente a frase, separando o sujeito do predicado;

Flexione corretamente os verbos quando for usar o gerúndio ou o particípio.

Conselhos úteis:

Evite a repetição de sons, que é deslegante na prosa; (pressentimento/casamento)

Evite a repetição de palavras, que denota falta de vocabulário;

Evite a repetição de ideias, que demonstra falta de conhecimento geral;

Evite o exagero de conectivos (conjunções e pronomes relativos) para evitar a repetição e para não alongar períodos;

Evite o emprego de verbos genéricos, tais como dar, fazer, ser e ter;

Evite o uso exagerado de palavras e expressões do tipo: problema, coisa, negócio, principalmente, devido a, através de, em nível de, sob um ponto de vista, tendo em vista, etc;

Evite os coloquialismos: só que, daí, aí, etc;

Cuidado com o emprego ambíguo dos pronomes: seu, seus, sua, suas;

Cuidado com as generalizações: sempre, nunca, todo mundo, ninguém;

Seja específico: utilize argumentos concretos, fatos importantes;

Não faça afirmações levianas, como: todo político é corrupto.;

Não use expressões populares e cristalizadas pelo uso, como: a união faz a força

ASSUNTO- COMO ELABORAR TESE

Para tudo na vida é necessário planejamento. A produção de um texto é algo meticuloso e depende de ações inter-relacionadas e seqüentes. Utilize sempre os textos de apoio para você ter uma melhora significativa e imediata nos seus textos. Não se esqueça de sua ideia própria, pois esta dará ao texto a chamada "marca de autoria", ou seja o registro de seu próprio pensamento, da sua visão do mundo, de sua posição pessoal. O momento mais importante num texto é a introdução, pois nela encontramos a TESE.

- A- **INTRODUÇÃO:** declaração inicial, divisão, citação, alusão histórica, definição, interrogação, descrição de um fato, suspense, comparação, enumeração de informações, narração de um fato, dados estatísticos, e outras

Introdução-Declarativa

Antigamente, apenas a violência urbana ocupava as páginas dos jornais. É lamentável que os meios de comunicação anunciem também conflitos no campo, que se alastram por grande parte do país. Conflitos gerados pelo aumento de integrantes do movimento dos sem terra, pelas sucessivas invasões de propriedades rurais e, principalmente, pela péssima política agrária nacional.

Introdução- Divisão-

Só três homens conseguem mudar fundamentalmente a história: os estadistas, os militares e os historiadores.

Citação-

“Há muita gente complicando o presidente, inclusive o próprio presidente”, costuma dizer um governador. Trata-se de outra inconflência que permeia as confluências dos governadores.

Alusão histórica—dados retrospectivos—“Quem joga bola é menino, menina brinca com boneca”...”Mulher que pratica esporte se masculiniza”! Durante séculos pensamentos desse tipo afastaram as mulheres dos esportes.

Interrogação-

Já parou para analisar e definir o amor? Será que é um sentimento banal que apenas une as pessoas por causa do sexo? Por que Cupido, o símbolo do amor, não envelhece?

Suspense

-A maioria não acreditava mesmo. Fotos em revistas inglesas em grande quantidade mostravam o que era muito difícil admitir nenhuma mãe de família iria usar aquilo em público.

Convite-

Você quer estar “na sua?” Quer se sentir seguro, ter o sucesso pretendido? Não se iluda! Faça parte desse time de vencedores desde a escolha desse momento!

Comparação

Enquanto alguns fazendeiros deixam de investir em suas terras; muitos trabalhadores que não as possuem, buscam um pedaço de terra para fazê-la produzir.

Enumeração de informações.

Escolha profissional; eis o grande problema. Remuneração, satisfação social, status são elementos que dela devem fazer parte. Nem sempre o fazem E, nesse caso, o fracasso aparece como prioridade.

Narração de um fato-

4h30 da manhã. Marmitta pronta, ele encaminha-se para a obra, onde é servente de pedreiro. Sabe que só vai sair às 6:00 da tarde. Completamente exausto. Essa é a rotina de milhões de brasileiros. É a tal da mão-de-obra desqualificada que qualifica o Brasil.

Cena descritiva-

Cidades desertas. Livrarias ocultas ao lado de grande vídeo locadoras. Crianças, jovens, adultos, e idosos- todos sentados. Olhos fixos na telinha. Cena do cotidiano brasileiro.

Elabore uma introdução sobre:

1ª - A criação de ídolos pela mídia

2ª - O conteúdo das novelas

3ª A internet como meio de aprendizado

ASSUNTO:= Elaboração sobre Argumentação

Vimos como elaborar uma tese (introdução do texto dissertativo), agora veremos como argumentar. Na dissertação, pode-se expor, explicar uma idéia sem necessariamente tentar influenciar ou formar a opinião do leitor. Porém quando a intenção for a de convencer o leitor de que determinado ponto de vista é verdadeiro, deve-se produzir uma dissertação argumentativa. Há vários meios para se chegar a uma argumentação eficaz. Uma boa estrutura: **Introdução+ três parágrafos de desenvolvimento + a conclusão. A argumentação pode ser feita:**

Causa e Conseqüência; **Enumerando argumentos;** **Refutação** (esse é um dos mais enriquecedores tipos de desenvolvimento. Nesse tipo questionam-se quase tudo: valores, conceitos, juízos. Comparação; Bilateralidade, Oposição, etc)...

Observe um plano para o desenvolvimento;

Fato 1- Queimada.

Causas-limpeza da área, processo rápido, custo baixo.

Efeitos: empobrecimento do solo, poluição atmosférica, desequilíbrio ambiental.

Fato2- Uso de agrotóxicos.

Causas- proteger as áreas de cultivo contra a ação de insetos; aumentar a produção; falta de informação.

Efeitos: danos ao organismo humano: danos à cadeia alimentar.

Fato 3- métodos de cultivo

Causas: falta de conhecimento; falta de verbas; falta de apoio governamental.

Efeitos: desgaste do solo; produtos de má qualidade; vítimas de erosão.

Discute-se, atualmente, a respeito dos benefícios e prejuízos dos alimentos transgênicos. Contudo, não se deve esquecer dos principais fatores- já comprovados- destruidores do ambiente: as queimadas, o uso de agrotóxicos e os métodos inadequados de cultivo.

Fato 1- Deve-se focar, num primeiro momento, que para muitos agricultores a terra precisa ser totalmente desmatada até mesmo por meio de queimadas. Um verdadeiro absurdo, apesar de ser um processo rápido, e de custo baixo. As consequências são evidentes- o empobrecimento do solo em curto prazo, o desequilíbrio ambiental e, além disso, o aumento da poluição atmosférica.

Fato 2- É fundamental acrescentar que a falta de informação dos agricultores gera a manipulação inadequada dos inseticidas. Muitas vezes em excesso. Claro que essa utilização é para proteger as plantações contra os insetos e aumentar a produção. Entretanto, o procedimento provoca danos gravíssimos como agressões ao organismo humano e à cadeia alimentar.

Fato 3- Convém ainda, salientar que, além da falta de conhecimento, há uma carência de capital para ser aplicado na agricultura, pois é frágil a política governamental. Logo, as técnicas de produção passam a ser impróprias. Acaba, portanto, motivando alimentos de má qualidade, solos desgastados e por fim as erosões.

Em virtudes dos fatos mencionados, conclui-se que a violência no campo atinge drasticamente o meio ambiente e o próprio homem. É, pois, preciso uma maior dedicação por parte do governo com projetos objetivos, eficientes e leis coercitivas.

2- Tema - Violência policial

Enumerando argumentos-

(...) Tudo isso se deu porque a televisão mostrou o que mostrou, e isso merece duas observações:

A primeira se refere ao próprio peso da TV no Brasil, que muitas vezes tem sido subestimado, (...) Os fatos só acontecem de verdade no Brasil quando aparecem na TV, o que faz dela uma sede, por excelência, do que chamamos de espaço público. A barbárie policial pode ocorrer diariamente nas praças e calçadas, não importa. Ela só ganha a relevância de prática intolerável quando atinge a dimensão de espetáculo. Como se o país só conseguisse enxergar-se através da televisão.

A segunda observação, um pouco mais pessimista: a TV tem sua parte de responsabilidade na formação desses assassinos. Num tempo em que a legitimidade social cedeu espaço à popularidade, gente da própria polícia busca melhorar sua imagem atuando em telejornais sensacionalistas. Nesse papel deformado, policiais se confundem com justiceiros vingadores, desgarrados de qualquer lei, e cria-se o entendimento de que a força bruta é a sua única virtude. Viram astros.

ATIVIDADE PRÁTICA

Construa parágrafos, utilizando os tipos de argumentos solicitados:

A) Com argumentação por enumeração:

“A adoção da pena de morte no Brasil com intuito de solucionar, ou pelo menos minimizar, a criminalidade seria algo meramente paliativo.”

B) Com argumentação por exemplificação:

“A priorização da melhoria dos transportes coletivos ainda é a melhor saída para melhorar o trânsito nas grandes cidades.”

C). Com argumentação de causa e consequência:

“ O Ministério da Saúde recebeu e está estudando uma proposta para aumentar uma taxaço sobre o cigarro.”

D) Com argumentação por hipótese:

“ Já há alimentos para toda a população mundial.O problema é da distribuição,é político.”

Dissertação no Enem:

(como chegar lá)

As qualidades do texto valorizadas pelo Enem são o uso de conhecimentos de várias áreas, a utilização dos materiais de apoio e a linguagem direta, simples e correta.

O Enem, a proposta da redação é um texto dissertativo. A dissertação é um dos três “gêneros escolares” mais exercitados no ensino médio. Trata-se de uma redação que apresenta a opinião do autor de modo direto, sem a intermediação de personagens, enredos ou de qualquer tipo de recurso que esteja além da sintaxe mais regular possível. Portanto, não seria um exagero afirmar que é, de todos, o gênero mais simples de ser concebido. Mesmo assim, a hora do exame pode ser muito incômoda para o exercício de tanta simplicidade, não é mesmo?

Nem sempre desenvolver um texto que exponha a opinião do autor é tarefa fácil, quando esse autor dispõe de um horário e de um tempo “limitadíssimo”. Por isso, preparamos algumas dicas para você:

- Dissertações propostas em exames nacionais, nos concursos públicos e mesmo no dia a dia do ensino médio querem medir a competência que o autor tem para lidar com um tema da atualidade.
- Essa competência diz respeito ao modo pelo qual o estudante organiza sua opinião.

- A opinião do estudante/autor deve evoluir com consistência durante a leitura que o avaliador fará.
- A consistência se adquire com argumentos razoáveis, plausíveis, aceitos pela maioria das pessoas.
- As propostas de redação nos vestibulares e no Enem não exigem que o candidato resolva os problemas do Brasil ou do mundo em 30 linhas, e é por isso mesmo que a dissertação não deve apresentar soluções definitivas para certos temas. Redações vagas, como: “Devemos nos unir!”, “Vamos reciclar o planeta!”, “A sociedade não pode mais ficar imóvel” — são lidas como ingênuas e frágeis.
- No lugar da “panfletagem” é melhor organizar argumentos de modo a convencer o leitor de que seu texto é coerente e suficientemente denso para levá-lo às suas próprias conclusões.

Exigências na redação do ENEM

- I. Demonstrar domínio da norma culta da língua escrita.
- II. Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo.
- III. Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.
- IV. Demonstrar conhecimento dos mecanismos lingüísticos necessários para a construção da argumentação.
- V. Elaborar proposta de solução para o problema abordado, mostrando respeito aos valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

ENTÃO, O QUE FAZER...

Um bom caminho é desenvolver um plano de texto. E, para aqueles que acham que não é possível estudar para a prova de redação, segue uma orientação que demonstra o contrário.

1. Leia a proposta feita pelo Enem com todo o cuidado possível;
2. Destaque os elementos que compõem o tema proposto;
3. Elabore um breve questionamento com base nos próprios dados apresentados pela prova. Isso vai ajudá-lo, mais tarde, a compor a apresentação do tema proposto e a elaborar argumentos.
4. Lembre-se de que você não deve escrever apenas com reflexões pessoais. É muito importante estar bem acompanhado. Citações, ainda que parciais, trazem respeitabilidade para o texto.
- 5 Comece a arremessar ideias que sustentem sua opinião sobre o tema. Filmes que você assistiu, livros que

leu, conceitos, fatos que aprendeu em aulas de geografia, de história, de química, de filosofia... Relacione pensamentos, autores e obras artísticas de amplo reconhecimento.

Plano e roteiro

E muitas disciplinas escolares, estudar bem é treinar bem. Quem seguir as instruções anteriores, a partir de provas do Enem de anos anteriores, terá realizado um bom treino para o exame que vem pela frente. Veja nossas sugestões. Trata-se de um plano de texto e de um roteiro idealizados com base no último exame. Veja abaixo a proposta de redação do Enem 2006.

Proposta de redação – Enem 2006

Uma vez que nos tornamos leitores da palavra, invariavelmente estaremos lendo o mundo sob a influência dela, tenhamos consciência disso ou não. A partir de então, mundo e palavra permearão constantemente nossa leitura e inevitáveis serão as correlações, de modo intertextual, simbiótico, entre realidade e ficção.

Lemos porque a necessidade de desvendar caracteres, letrados, números faz com que passemos a olhar, a questionar, a buscar decifrar o desconhecido. Antes mesmo de ler a palavra, já lemos o universo que nos permeia: um cartaz, uma imagem, um som, um olhar, um gesto. São muitas as razões para a leitura. Cada leitor tem a sua maneira de perceber e de atribuir significado ao que lê.

Inajá Martins de Almeida. O ato de ler.

Internet: www.amigosdolivro.com.br (com adaptações).

Minha mãe muito cedo me introduziu aos livros. Embora nos faltassem móveis e roupas, livros não poderiam faltar. E estava absolutamente certa. Entrei na universidade e tornei-me escritor. Posso garantir: todo escritor é, antes de tudo, um leitor.

Moacyr Scliar. O poder das letras. In: TAM Magazine, jul./2006, p. 70 (com adaptações).

Existem inúmeros universos coexistindo com o nosso, neste exato instante, e todos bem perto de nós. Eles são bidimensionais e, em geral, neles imperam o branco e o negro.

Estes universos bidimensionais que nos rodeiam guardam surpresas incríveis e inimagináveis! Viajamos instantaneamente aos mais remotos pontos da Terra ou do Universo; ficamos sabendo os segredos mais ocultos de vidas humanas e da natureza; atravessamos eras num piscar de olhos; conhecemos civilizações desaparecidas e outras que nunca foram vistas por olhos humanos.

Estou falando dos universos a que chamamos de livros. Por uns poucos reais podemos nos transportar a esses universos e sair deles muito mais ricos do que quando entramos.

Internet: www.amigosdolivro.com.br (com adaptações).

Considerando que os textos acima têm caráter apenas motivador, redija um texto dissertativo a respeito do seguinte tema:

O PODER DE TRANSFORMAÇÃO DA LEITURA.

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista e suas propostas, sem ferir os direitos humanos.

Observações:

- _ Seu texto deve ser escrito na modalidade padrão da língua portuguesa.
- _ O texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- _ O texto deve ter, no mínimo, 15 (quinze) linhas escritas.
- _ A redação deve ser desenvolvida na folha própria e apresentada a tinta.
- _ O rascunho pode ser feito na última página deste Caderno.

Plano de texto: uma sugestão

Tema proposto pela prova:

O poder de transformação da leitura

Gênero- dissertação

Ofertada prova - Três textos que abordam a leitura de modos distintos, O primeiro considera a leitura a partir da decodificação de todo e qualquer texto escrito. O segundo narra de modo autobiográfico a aproximação do autor com os livros. O último trata a literatura como uma espécie de túnel do tempo e do espaço, capaz de conduzir o leitor assim que as páginas de um livro são abertas;

REFLEXÕES

- 1 - A palavra escrita realmente influencia as ações do dia a dia? Mesmo que estejamos em um país de poucos leitores?
- 2 - Como as pessoas se aproximam dos livros?
- 3 - Todos a quem os livros são garantidos pelas famílias se tornam escritores?
- 4 - O acesso aos livros, desde a infância, é uma realidade nacional?
- 5 - Os livros são tão indispensáveis para a família brasileira como a TV?
- 6 - “Todo escritor é antes de tudo um leitor» (Moacyr Scliar)?
- 7 - Os livros podem, de fato, transportar o homem para outros universos?
- 8 - Que outros veículos podem fazer o mesmo? Esse transporte depende apenas dos livros? Qual é a participação do leitor nesse processo?

Repertório (conhecimento adquirido)

- 1 - A literatura realista do fim do século XIX propõe uma aproximação entre o leitor e as reflexões desenvolvidas nos romances e contos.
- 2 - As digressões dos narradores de Machado de Assis muitas vezes questionam o próprio livro. Lembro de algumas dessas passagens?
- 3 - Filmes sobre escritores e leitores (As Horas, Nunca Te Vi, Sempre te Amei, O Carteiro e o Poeta, só para ficar com alguns bem conhecidos.)
- 4 - Versos sobre o assunto dos quais lembro: “Lutar com palavras é a luta mais vã, entanto lutamos mal rompe a manhã”, de Carlos Drummond de Andrade. “Seja eu leitura variada para mim mesmo”, de Fernando Pessoa. “Uma nação se faz com homens e livros”, de Monteiro Lobato.

Observação do entorno

Bienal do Livro; Festa Literária Internacional de Parati; circulação de revistas especializadas em leitura e literatura. O Brasil poderá se tornar um país de leitores ou o livro é mais um objeto comercial em nossos tempos tão consumistas?

Roteiro (uma sugestão)

I - Parágrafo introdutório contendo o tema proposto e uma abordagem crítica. O livro, afinal, não é artigo de “preferência nacional”.

II - O segundo parágrafo pode retomar a ideia, sugerida em um dos textos, de que o livro pode nos transportar para lugares e tempos longínquos, e acrescentar, a essa mesma idéia, o fato de que a leitura garante o acesso às ciências e às artes, passo fundamental para a conquista da cidadania. Afinal, como afirmou o pré-modernista Monteiro Lobato, “uma nação se faz com homens e livros”.

III - Um parágrafo ilustrativo que leve em consideração fatos recentes sobre o assunto. Eventos de grande sucesso como a Bienal do Livro de São Paulo ou a Festa Literária Internacional de Parati, além da importância que o mundo confere ao Prêmio Nobel de Literatura, tão reconhecido como o Nobel da Paz ou de áreas específicas das ciências.

IV - Ainda no mesmo parágrafo seria muito conveniente citar um filme de boa aceitação da crítica e de bom aproveitamento popular, como é o caso de O Carteiro e o Poeta, cujo tema central é o desenvolvimento intelectual de um jovem carteiro, com base no conhecimento que adquire da metáfora e da elaboração da poesia com o poeta Pablo Neruda, chileno exilado na Itália.

V - Concluir de modo reflexivo é sempre um bom caminho. Há reflexões de sobra no plano de texto. Se conseguir lembrar uma passagem de Machado de Assis sobre a escrita e a leitura...

Outro Roteiro (uma sugestão)

1.º § - Problematizar o tema. Por exemplo, relacionando o baixo índice de leitura no Brasil à rala cidadania existente na sociedade brasileira. A introdução deve ser curta, não ultrapassar a 1/5 das linhas do texto. Ela não deve ter apenas uma linha, para não ser confundida com o título.

2.º § - Por que isso acontece? Dentre às centenas de causas existentes para a falta do hábito de leitura, escolher uma. Como a falta de exemplo na própria família.

3.º § - Em razão disso, as escolas têm dificuldade em promover o hábito de leitura e o grau de cidadania da população fica comprometido, tornando-se presa fácil em campanhas eleitorais.

4.º § - A solução para o problema. Ela deve estar bem relacionada à causa apontada no 2.º §. O MEC devia fazer uma campanha para que todas as instituições se engajassem na formação do hábito de leitura, como sindicatos, fábricas, igrejas, incluindo, claro, a própria família. O texto da conclusão também deve ser curto, não ultrapassando a 1/5 das linhas do texto.

Não pode faltar na redação...

Introdução, desenvolvimento e conclusão.

Coesão e coerência

Título curto, claro e objetivo

(Coloque o título depois do rascunho pronto.)

Letra legível (cursiva ou de forma, desde que haja distinção entre maiúscula e minúscula)

Português da norma culta, sem rebuscamento, escrito de forma direta.

O estudando pode optar por fazer um texto de três parágrafos: introdução, desenvolvimento e conclusão, já que o tamanho mínimo, exigido, é de 15 linhas.

Aula Teórica sobre Crônica – UEM- UEL- UNICAMP- UFGD-UFPR

- O vocábulo «crônica» mudou de sentido ao longo dos séculos. A princípio, designava um *"relato cronológico dos fatos"*, isto é, uma lista ou relação de acontecimentos, organizados conforme a sequência linear do tempo, ou seja, uma narração de episódios históricos. Em termos práticos a crônica se limitava a registrar os eventos, sem aprofundar-lhes as causas ou dar-lhes qualquer interpretação. Dentro dessa característica a crônica atingiu seu ápice após o século XII. Porém, nessa altura a crônica já exigia uma distinção: as que narravam acontecimentos com abundância de pormenores, com a intenção de esclarecer ou interpretar os acontecimentos numa perspectiva individual, recebiam o tradicional nome de «*crônica*». Em contrapartida, as *"crônicas breves"*, isto é, as simples e impessoais notações dos acontecimentos históricos, passaram a denominar-se «*crônicas*».
 - A partir do século XIX, com o avanço da imprensa e do jornal, a crônica passa a ostentar estrita personalidade literária.
 - *"Era um texto mais longo, publicado geralmente aos domingos no rodapé da primeira página do jornal, e seu primeiro objetivo era comentar e passar em revista os principais fatos da semana, fossem eles alegres ou tristes, sérios ou banais, econômicos ou políticos, sociais ou culturais. O resultado, para dar um exemplo, é que num único folhetim podiam estar, lado a lado, notícias sobre a guerra da Crimeia, uma apreciação do espetáculo lírico que acabara de estrear, críticas às especulações na Bolsa e a descrição de um baile no Cassino."*
- (FARIA, João Roberto no prefácio de *Crônicas Escolhidas de José de Alencar*)

- De lá para cá, o prestígio da crônica não tem deixado de crescer, a ponto de haver os que a identificam com a própria Literatura Brasileira ou a consideram nossa exclusividade.
- De assunto livre, mas geralmente voltado para os pequenos fatos do cotidiano, a crônica é o único gênero literário produzido essencialmente para ser veiculado na imprensa, seja nas páginas de uma revista, seja nas de um jornal. De maneira, que ela é feita com uma finalidade pré-estabelecida: agradar aos leitores dentro de um espaço sempre igual e com a mesma localização, criando-se assim, no transcurso dos dias ou das semanas, uma familiaridade entre o escritor e aqueles que o leem. Pelo seu caráter jornalístico a crônica é efêmera e, não raro, sobrevive ao tempo.
- Regra geral, a crônica é um comentário leve e breve sobre algum fato do cotidiano. Seu motivo, na maioria dos casos, é o pequeno acontecimento, isto é, a notícia que ninguém prestou atenção, o acontecimento insignificante, a cena corriqueira, trivialidades. Mas nem só de uma conversa desprezível a respeito do dia-a-dia vive a crônica. Com relativa frequência, ela se aproxima do conto, devido a um tratamento literário mais apurado, principalmente no que tange a linguagem. Tanto é, que, muitas vezes, é difícil estabelecer as diferenças entre o conto e a crônica, pois, nesse caso, dela também participam personagens; o tempo e o espaço estão claramente definidos e um pequeno enredo é desenvolvido. Essa proximidade é que tem levado vários cronistas à prática mais ou menos disfarçada do conto. No entanto, esta diferenciação só é perceptível àquele com leitura contínua de contos e de crônicas. De qualquer maneira, há certa dificuldade de se estabelecer uma fronteira teórica entre ambos. Contudo, podemos enumerar algumas características da crônica que podem ser confrontadas com as do conto:
 - Ligada à vida cotidiana. Depoimento pessoal, com estilo e pontos de vista individuais. Narrativa informal, familiar, intimista.
 - Uso da oralidade na escrita = linguagem coloquial, às vezes sentimental, ou emotiva, ou ainda, irônica, crítica.
 - Sensibilidade no contato com a realidade. Natureza ensaística. Síntese, brevidade, leveza, dose de lirismo.
 - Uso do fato como meio ou pretexto para o artista exercer seu estilo e criatividade.
 - Diz coisas sérias por meio de uma aparente conversa fiada.

• OS VÁRIOS TIPOS DE CRÔNICA

- **Crônica Lírica ou Poética**
- Em uma linguagem poética e metafórica o autor extravasa sua alma lírica diante de episódios sentimentais, nostálgicos ou de simples beleza da vida urbana, significativos para ele. Por vezes, esse tipo de crônica é construído em forma de versos poéticos. Contudo, tem-se observado estar, a crônica lírica ou poética, cada vez mais em desuso, provavelmente devido à violência e a degradação da vida nas grandes cidades brasileiras.
- **Crônica de Humor**
- Apresenta uma visão irônica ou cômica dos fatos em forma de um comentário, ou de um relato curto. Como em *O Bom Ladrão*. As personagens não tem nome e o final é o inesperado.
- **Crônica-Ensaio**
- Apesar de ser escrita em linguagem literária; ter um espírito humorístico e valer-se, inclusive, da ficção; este tipo de crônica apresenta uma visão abertamente crítica da realidade cultural e ideológica de sua época, servindo para mostrar o que autor quer ou não quer de seu país. Aproxima-se do ensaio, do qual guarda o aspecto argumentativo. Paulo Francis e Arnaldo Jabor são dois grandes representantes desse tipo de crônica. Como exemplo, cito: *Reality Show*, de Marcelo Coelho.
- **Crônica Descritiva**
- Ocorre quando uma crônica explora a caracterização de seres animados e inanimados, num espaço vivo, como numa pintura.
- **Crônica Narrativa**
- Tem por base uma história (às vezes, constituída só de diálogos), que pode ser narrada tanto na 1ª quanto na 3ª pessoa do singular. Por essas características, a crônica narrativa se aproxima do conto (por vezes até confundida com ele). É uma crônica comprometida com fatos do cotidiano, isto é, fatos banais, comuns. Não raro, a crônica narrativa explora a caracterização de seres. Quando isso acontece temos a *Crônica Narrativo-Descritiva*.
- **Crônica Dissertativa**
- Opinião explícita, com argumentos mais “sentimentalistas” do que “racionalistas” (em vez de “segundo o IBGE a mortalidade infantil aumenta no Brasil”, seria “vejo mais uma vez esses pequenos seres não alimentarem sequer o corpo”). Exposto tanto na 1ª pessoa do singular quanto na do plural.
- **Crônica Reflexiva**
- Reflexões filosóficas sobre vários assuntos. Apresenta uma reflexão de alcance mais geral a partir de um fato particular.
- **Crônica Metafísica**
- Constitui-se de reflexos filosóficos sobre a vida humana.
- Cada cronista é singular pelo estilo que apresenta. Portanto, a tentativa de classificar a crônica deve ser vista aqui como uma sugestão para você criar seu próprio texto.
- A crônica teve um desenvolvimento específico no Brasil, não faltando historiadores literários que lhe atribuem um caráter exclusivamente nacional. Com efeito, a crônica como a entendemos, não é comum na imprensa de outros países. Por isso, entre nós, o prestígio da crônica não tem deixado de crescer. Machado de Assis, Olavo Bilac, Humberto Campos, Raquel de Queirós ou Rachel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Braga, Paulo Mendes, Paulo Francis, Arnaldo Jabor, Érico Veríssimo e tantos outros, cultivaram-na ou cultivam-na com peculiar engenhosidade, criatividade e assiduidade.

DISSERTAÇÃO x CRÔNICA REFLEXIVA

A crônica reflexiva e a dissertação se aproximam no conteúdo, mas se distinguem na forma:

DISSERTAÇÃO	CRÔNICA REFLEXIVA
<ul style="list-style-type: none"> • Estrutura definida (tese, argumentação e conclusão) • Prevalece a norma culta • Discute a ideia através da argumentação • A dissertação analisa e discute 	<ul style="list-style-type: none"> • Não há preocupação formal • A linguagem pode ser coloquial e irreverente • A crítica, o humor e o lirismo refletem o intimismo do autor, que compartilha suas idéias com o leitor • A crônica comenta a situação

Em resumo : Denomina-se **crônica** o tipo de composição em que, de forma breve e geralmente com linguagem acessível, um autor exprime suas reações e opiniões em relação a um assunto.

A crônica é, essencialmente, um texto escrito para ser publicado em jornais e revistas. Assim como o repórter, o cronista se alimenta de acontecimentos do cotidiano, dando-lhes outra dimensão e abordagem.

TEXTOS JORNALÍSTICOS

NOTÍCIA

O gênero próprio para a divulgação de acontecimentos é a **notícia**. Para que um assunto seja transformado em notícia, ele normalmente precisa ser relevante e trazer novidades para um grupo determinado. Em princípio, notícias veiculam informações de interesse público. Mas nem sempre isso ocorre, pois diversos fatores intervêm na divulgação (ou no ocultamento) de uma notícia: interesses da empresa jornalística, que podem ser comerciais, políticos ou outros; interesses do governo ou de grupos poderosos – empresariais, políticos ou religiosos; gosto do público, que se interessa por aspectos superficiais, geralmente pessoais dos fatos (neste caso, o *interesse público* é substituído por *interesse do público*, como no exemplo adiante) etc.

A **notícia** caracteriza-se por ser um texto objetivo, escrito em 3.ª pessoa e em português padrão. Estruturalmente, inicia-se pelo *lead* ou, em forma portuguesa, **lide**, (**que, quem, quando, onde, como, por quê**) que traz as informações básicas, sobre as circunstâncias do acontecimento.

07/02/2010 - 07h00- Mônica Bergamo: Fãs de Claudia Leitte tatuam nome da cantora com ferro de passar

A cantora Claudia Leitte tem um grupo de fãs radicais, que tatuam o nome da ídola com ferro de passar quente ou com um líquido ácido que sai da castanha de caju. A informação está na coluna Mônica Bergamo, publicada na **Folha** deste domingo (7). A íntegra da coluna está disponível para assinantes do jornal e do **UOL**.

A **reportagem** é um gênero textual em que informações são transmitidas através dos meios de comunicação. Via de regra, é dividida em três partes: **manchete** (título da reportagem), **lide** (resumo dos fatos - **que, quem, quando, onde, como, por quê**) e **corpo** (desenvolvimento e aprofundamento do assunto).

QUADRINHOS

As histórias em quadrinhos e as tiras humorísticas realizam a união entre a **linguagem verbal**, presente nas falas e rubricas, e a **linguagem não-verbal** do desenho. É uma forma de expressão nova, criada no século XX, que conheceu grande desenvolvimento em seu aspecto gráfico (grandes e originais desenhistas se dedicaram à criação de quadrinhos). As histórias em quadrinhos tratam dos mais diversos temas e, em sua enorme variedade, dirigem-se a públicos de todas as idades e de diferentes perfis culturais. Nas histórias em quadrinhos foram criados alguns dos mais marcantes mitos modernos, do Pato Donald ao Super-homem.

ENTREVISTA

Presença constante na mídia impressa ou falada, a **entrevista** é um gênero textual em que, por meio do diálogo, entra-se em contato com a personalidade entrevistada, podendo-se focalizar suas opiniões ou aspectos de sua vida. No mercado de trabalho, ela é uma das formas mais empregadas para a seleção de candidatos.

CARTA

A carta é, fundamentalmente, uma forma de comunicação interpessoal: uma mensagem manuscrita ou impressa enviada pelo autor (remetente) ao receptor (destinatário). Trata-se, em sua versão literária, de um gênero muito antigo – a epistolografia -, cultivado por grandes escritores, seja para comunicação interpessoal (cartas propriamente ditas), seja como trabalho propriamente literário (cartas fictícias – por exemplo, Horácio, séc. I a. C., e muitos poetas do século XVIII escreveram cartas - ou epístolas – em versos, tratando dos mais variados assuntos, desde eventos cotidianos até a arte poética). Há vários tipos de cartas não literárias: íntima, comercial, de reclamação, do leitor, de apresentação etc. São elementos típicos da composição da carta ou epístola (formal e informal): **local e data, vocativo** (acompanhado ou não de termos de cortesia para com o **destinatário**), **mensagem** (que pode estar distribuída em parágrafos de introdução, desenvolvimento e conclusão), **despedida, nome do remetente ou assinatura**.

Observe: SÓ COLOQUE NOME SE O COMANDO , no vestibular, EXIGIR

CONTO

O conto é uma narrativa em prosa, geralmente curta. Entre suas características destacam-se a brevidade, a unidade de ação, de tempo e espaço. Além disso, costuma haver um número diminuto de personagens

ROMANCE

O romance é uma narrativa extensa, em prosa, que versa sobre personagens fictícios tidos como reais. Apesar do termo **romance** ser bastante antigo, essa acepção surgiu com o Romantismo e a ascensão da burguesia . Estruturalmente, este tipo de texto apresenta pluralidade dramática, isto é, costuma haver mais de um núcleo de personagens. O tempo e o espaço podem ganhar bastante espaço na narrativa. Tudo dependerá das características do autor e da escola literária a qual ele pertence.

NOVELA

Em relação à extensão, a novela é uma forma intermediária entre o conto e o romance, caracterizada, em geral, por uma narrativa que acompanha a trajetória de uma única personagem.

E-MAIL/ MSN

Emails e afins não constituem propriamente um gênero textual, mas funcionam no plano do *canal* como meios de transmissão de textos.

RESENHA

A **resenha** é um gênero frequente no jornalismo cultural e nas publicações universitárias. Escrita em prosa, em terceira pessoa e geralmente em português padrão, neste gênero o objetivo do autor é ir além da mera informação. A intenção é comentar, analisar, apreciar produtos culturais, como livros, filmes, músicas, peças de teatro etc.

BIOGRAFIA

Biografia é texto em prosa escrito em terceira pessoa que conta a história de vida de alguém. A **autobiografia** é um texto em prosa, escrito em primeira pessoa, em que alguém conta sua própria história de vida.

ARTIGO DE OPINIÃO

O **artigo de opinião** é um gênero textual em que um indivíduo expressa seu ponto de vista em relação a um assunto. Escrito a partir de uma estrutura de tipo dissertativa (introdução, desenvolvimento e conclusão), geralmente é redigido no padrão culto da língua, em primeira ou terceira pessoa.

EDITORIAL

O **editorial** é um gênero textual no qual o autor expressa formalmente a opinião de um veículo de comunicação. Para que isso ocorra, apresenta ideias e argumentos que comprovem o ponto de vista adotado. Escrito em prosa, em terceira pessoa, no padrão culto da língua, trata-se de um texto de tipo dissertativo.

TEATRO

“O teatro apareceu na Grécia Antiga, no séc. IV a.C., em decorrência dos festivais anuais em consagração a Dionísio, o deus do vinho e da alegria. A palavra teatro significa uma determinada arte, bem como o prédio onde se apresenta a mesma. [...] A implantação do teatro no Brasil ocorreu devido ao empenho dos jesuítas em catequizar os índios”.

Por Patrícia Lopes-Equipe Brasil [Escola](#)

CANÇÃO

A canção é um gênero misto em que texto (“letra”) e música se fundem. Nos PCNs, a canção é considerada um gênero textual de natureza oral, pois se realiza através da voz, no canto, embora a sua transmissão possa ocorrer por meio de material impresso (partituras) ou gravado (discos, fitas, arquivos digitais etc).

TEXTO PUBLICITÁRIO

O **texto publicitário** é uma mensagem feita para **persuadir** alguém a aceitar determinada ideologia, agir de determinada maneira, comprar determinado produto ou a utilizar determinado serviço. Para atingir seus objetivos, primeiramente a propaganda deve **chamar a atenção** de seu público-alvo. Depois, **despertar o interesse** para que ele seja impulsionado à **ação**.

REDIGIR E CONVENCER

“Para desenvolver o desejo, a propaganda apela para:

- a imaginação – criação de cenas de sucesso ou prazer com o consumo do produto;
- a emoção – porque sem emoção não há desejo.

As maneiras mais tradicionais de levar as pessoas a desejar algo são:

- mostrar o objeto do desejo – um carro novo, um alimento, uma roupa no manequim;
- mostrar cenas de pessoas usando o objeto – comendo, vestindo, dirigindo;
- associar o uso do objeto a situações agradáveis – o indivíduo dirige o carro com uma bela mulher ao seu lado;
- sugerir que o uso do produto vai levar o indivíduo a atingir coisas que ele preza.”

ROSA, J. A. & NEIVA, E. G. *Redigir e Convencer*. São Paulo: STS, 2000. (**Texto editado**)

POEMA

O texto poético ou, mais precisamente, o poema é um tipo de mensagem em que o foco central de interesse não é o emissor (função emotiva da linguagem, como num “desabafo” ou uma confissão de amor), nem o receptor (função conativa, como na publicidade), nem a referência (função referencial, como uma notícia de jornal), nem a própria linguagem (função metalinguística, como uma gramática ou uma análise literária), nem o canal de comunicação (função fática, como nas fórmulas salutaras ou de despedida: “como vai”, “oi”, “tchau”), mas sim a estrutura da própria mensagem – ou seja, a organização das palavras em seus aspectos semântico e sonoro. Daí que a poesia se valha de formas especiais de composição, como a disposição em versos (unidades rítmico-semânticas), a métrica (na criação de ritmos regulares), as rimas, as paronomásias e outros recursos que envolvem a relação, essencial na poesia, entre som e sentido.

REDAÇÃO UEM – UEL- GÊNEROS TEXTUAIS

A PROVA DE REDAÇÃO DA UEM-UEL-2011-2012 –(diretamente do curso da UEM)

A prova de Redação exige do candidato a produção de dois a quatro textos em determinados gêneros textuais. A lista dos gêneros textuais é divulgada com antecedência e, periodicamente, sofre mudança, mantendo parte dos gêneros textuais solicitados. A prova de redação é o principal instrumento de avaliação da capacidade de pensar, compreender e de expressar-se por escrito sobre um determinado assunto, além de avaliar o domínio e o conhecimento dos mecanismos da língua culta. A seguir, apresentamos a lista dos gêneros textuais que poderão ser solicitados para a produção da redação neste vestibular. de 2012

1. Artigo de opinião. / 2. Carta de reclamação. / 3. Carta do leitor. / 4. Conto. / 5. Fábula. / 6. Notícia. / 7. Relato. / 8. Reportagem. / 9. Resposta argumentativa. / 10. Resposta interpretativa. / 11. Resumo. / 12. Texto instrucional.

SOBRE O GÊNERO CARTA - IMPORTANTE

1. Apesar das semelhanças com a dissertação, que você já conhece, é claro que há diferenças importantes entre esses dois tipos de redação. Vamos ver as mais importantes:

a) Cabeçalho: na primeira linha da carta, na margem do parágrafo, aparecem o nome da cidade e a data na qual se escreve. Exemplo: Londrina, 15 de março de 2003.

b) Vocativo inicial: na linha de baixo, também na margem do parágrafo, há o termo por meio do qual você se dirige ao leitor (geralmente marcado por vírgula). A escolha desse vocativo dependerá muito do leitor e da relação social com ele estabelecida. Exemplos: Prezado senhor Fulano, Excelentíssima senhora presidente Dilma Rousseff, Senhora presidente Dilma Rousseff Prezado deputado Sicrano, etc.

Evite usar CARO, CARA

c) Interlocutor definido: essa é, indubitavelmente, a principal diferença entre a dissertação tradicional e a carta. Quando alguém pedia a você que produzisse um texto dissertativo, geralmente não lhe indicava aquele que o leria. Você simplesmente tinha que escrever um texto. Para alguém. Na carta, isso muda: estabelece-se uma comunicação particular entre um eu definido e um você definido. Logo, você terá que ser bastante habilidoso para adaptar a linguagem e a argumentação à realidade desse leitor e ao grau de intimidade estabelecido entre vocês dois. Imagine, por exemplo, uma carta dirigida a um presidente de uma associação de moradores de um bairro carente de determinada cidade. Esse senhor, do qual você não é íntimo, não tem o Ensino Médio completo. Então, a sua linguagem, escritor, deverá ser mais simples do que a utilizada numa carta para um juiz, por exemplo (as palavras podem ser mais simples, mas a Gramática sempre deve ser respeitada...). Os argumentos e informações deverão ser compreensíveis ao leitor, próximos da realidade dele. Mas, da mesma maneira que a competência do interlocutor não pode ser superestimada, não pode, é claro, ser menosprezada. Você deve ter bom senso e equilíbrio para selecionar os argumentos e/ou informações que não sejam óbvios ou incompreensíveis àquele que lerá a carta.

d) Necessidade de dirigir-se ao leitor: na dissertação tradicional, recomenda-se que você evite dirigir-se diretamente ao leitor por meio de verbos no imperativo (“pense”, “veja”, “imagine”, etc.). Ao escrever uma

carta, essa prescrição cai por terra. Você até passa a ter a necessidade de fazer o leitor “aparecer” nas linhas. Se a carta é para ele, é claro que ele deve ser evocado no decorrer do texto. Então, verbos no imperativo – que fazem o leitor perceber que é ele o interlocutor – e vocativos são bem-vindos. Observação: é falha comum entre os alunos-escritores “disfarçar” uma dissertação tradicional de carta argumentativa. Alguns escrevem o cabeçalho, o vocativo inicial, um texto que não evoca em momento algum o leitor e, ao final, a assinatura. Tome cuidado! Na carta, vale reforçar, o leitor “aparece”.

e) Expressão que introduz a assinatura: terminada a carta, é de praxe produzir, na linha de baixo (margem do parágrafo), uma expressão que precede a assinatura do autor. A mais comum é “Atenciosamente”, mas, dependendo da sua criatividade e das suas intenções para com o interlocutor, será possível gerar várias outras expressões, como “De um amigo”, “De um cidadão que votou no senhor”, “De alguém que deseja ser atendido”, etc.

f) Assinatura: um texto pessoal, como é a carta, deve ser assinado pelo autor. Nos vestibulares, porém, costuma-se solicitar ao aluno que não escreva o próprio nome por extenso. Na Unicamp, por exemplo, ele deve escrever a inicial do nome e dos sobrenomes (J. A. P. para João Alves Pereira, por exemplo). Na UEL, somente a inicial do prenome deve aparecer (J. para o nome supracitado). Essa postura adotada pelas universidades é importante para que se garanta a imparcialidade dos corretores na avaliação das redações.

2. Uso de máscara: “máscara”, um recurso que pode ser utilizado em uma carta, significa o fingimento, por parte do autor da carta, de falar como se fosse qualquer outra pessoa (uma dona de casa, por exemplo), que não o candidato a uma vaga no vestibular. Esse recurso só deve ser usado desde que o uso da máscara tenha uma função no texto, desde que esteja a serviço de um objetivo fixado anteriormente.

1. ARTIGO DE OPINIÃO

O artigo de opinião é um texto produzido com o objetivo de apresentar as opiniões de seu autor a respeito de um determinado tema, em geral polêmico. Leia artigo a seguir, mas antes:

- O texto que você vai ler é um artigo de opinião e sua autora é uma psicóloga que costuma escrever sobre o comportamento de adolescentes. O que você supõe ser o conteúdo desse texto?
- A adolescência representa uma fase polêmica, de muitos questionamentos. E costuma ser considerado um momento difícil na vida de todos nós. Você considera a adolescência uma passagem difícil na sua vida? Por quê?

- Parece que hoje os jovens estão prolongando a adolescência. O que mudou na cabeça de nossos adolescentes? Quem são os responsáveis por essas mudanças? Agora leia o texto e conheça uma opinião sobre o assunto.

EDUCAÇÃO DE HOJE ADIA O FIM DA ADOLESCÊNCIA

Há pouco tempo recebi uma mensagem que me provocou uma boa reflexão. O interessante é que não foi o

conteúdo dela que fisgou minha atenção, e sim sua primeira linha, em que os remetentes se identificavam. Para ser clara, vou reproduzi-la: “Somos dois adolescentes, com 21 e 23 anos...”. Minha primeira reação foi sorrir: agora, os jovens acreditam que a adolescência se estende até, pelo menos, aos 23 anos?! Mas, em seguida eu me dei conta do mais importante dessa história: que a criança pode ser criança quando é tratada como tal, e o mesmo acontece com o adolescente. E, se os dois jovens adultos se vêm como adolescentes, é porque, de alguma maneira, contribuímos para tanto. A adolescência tinha época certa para começar até um tempo atrás, ou seja, com a puberdade, época das grandes mudanças físicas. E terminar também: era quando o adolescente, finalmente, assumia total responsabilidade sobre sua vida e tornava-se adulto. Agora, as crianças já começam a se comportar e a se sentir como adolescentes muito tempo antes da puberdade se manifestar e, pelo jeito, continuam se comportando e vivendo assim por muito mais tempo. Qual é a parcela de responsabilidade dos adultos e educadores?

Pais e professores, quando educam, visam à conquista da autonomia e não podem perder de vista esse objetivo. Assim, ensinar uma criança pequena a se calçar sozinha, por exemplo, é apenas uma parte do processo educativo que supões que, assim que possível, ela caminhe com seus próprios passos. É claro que isso não acontece de uma hora para outra, mas em etapas. Mas há de chegar o dia em que ela vai escolher os sapatos que calçar, quem sabe comprar com dinheiro fruto de seu trabalho, vai usá-los para andar por onde quiser e vai ter de se responsabilizar por suas escolhas. Isso é ser adulto. Qual a diferença em relação ao adolescente? Justamente essa: o adolescente está a caminho de ter autonomia sobre sua vida. Os pais, mesmo que à distância e discretamente, ainda tutelam os passos do filho adolescente – e não sem razão. É que, para os adolescentes, ainda é prioritário e natural pensar primeiro no tempo presente, no prazer, na diversão e só depois – às vezes – nas conseqüências que suas atitudes e comportamentos podem provocar. É difícil tornar-se responsável por tudo? Sem dúvida é, e os adultos sabem muito bem disso. Mas há ganhos, pelo menos em relação à vida dos adolescentes: o da liberdade possível e o da independência, por exemplo. E, certamente, um adulto que se considera adolescente aos 23 anos não deve sentir-se responsável por sua vida. O que ele talvez não saiba é que isso o impede de ser independente. Hoje, por conta de diversos fatores, muitos pais agem de modo confuso, mas sempre em nome da educação para a autonomia. Garotas e garotos de 12 a 15 anos são liberados para freqüentar festas noturnas quase sem limites de horário e sem adultos por perto, mas, em compensação, não têm autonomia para administrar sozinhos a vida escolar, porque os pais esperam determinados resultados e, para tanto, precisam verificar se o filho cumpre o que desejam. Professores universitários tratam seus alunos como adolescentes incapazes de discernir direitos e deveres e, depois, reclamam da falta de interesse deles pelo conhecimento. Exemplo desses não falta numa sociedade que trata seus cidadãos de modo infantilizado e os faz acreditar – e muitos acreditam – que isso é feito pelo bem estar deles. Por isso é bom que os pais e educadores pensem com carinho na educação que praticam. Para que crianças e adolescentes atinjam a vida adulta, é preciso que sejam tratados de modo coerente e sejam responsabilizados, pouco a pouco, por aquilo com que são capazes de arcar. Afinal, a adolescência tem de terminar. (Rosely Sayão. “S.O.S. Família”. Folha de São Paulo.)

• Texto argumentativo: Artigo de opinião - O texto de RoseLy Sayão (...) é um artigo de opinião. (...):

- a) introdução: apresentada nos primeiros dois parágrafos, contém a ideia defendida pela autora, ou seja, "Pais e educadores têm responsabilidade no fato de jovens adultos se considerarem adolescentes".
- b) corpo: apresentada do 2º ao 7º parágrafo, é composta de um brevíssimo histórico do conceito de adolescência, de comentários a respeito do papel dos pais em relação à criança e ao adolescente e, finalmente, de observações a respeito de como hoje os adultos se relacionam com os adolescentes e os jovens adultos. Em resumo, ela mostra como, em sua opinião, deveriam se comportar pais e educadores em relação aos adolescentes e como de fato eles se comportam.
- c) conclusão: apresentada no último parágrafo, é composta de uma recomendação: a adolescência tem que acabar. Ela afirma que aqueles pais e educadores mencionados na introdução precisam mudar.
- (Fonte: Português. Leila Lauar Sarmento)

Há muitas maneiras de construir um artigo de opinião. Você acaba de observar uma delas. Agora é a sua vez de exercitar esse gênero textual, fazendo uma paráfrase (transcrição com novas palavras, das ideias centrais de um texto) de um artigo de opinião. Antes, leia este comentário:

O artigo, que será apresentado para paráfrase, publicado na revista *Época*, registra as opiniões e os sentimentos pessoais de seu autor no relato de um fato de grande impacto mundial: os ataques terroristas a Nova York, nos Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001. No título "Como será o amanhã? — Responda quem puder" e no olho "Que seja o fim do século XX, não o começo do XXI", o autor antecipa o tema que abordará em seu artigo: a incerteza do futuro do mundo após os acontecimentos de 11 de setembro. No desenvolvimento, que comporta a maior parte do texto, o autor expõe seus argumentos em defesa de sua opinião, procurando deixar claro para o leitor seu ponto de vista a respeito do fato que gerou o artigo: os ataques terroristas a Nova York. Ao expor seus argumentos em defesa de um ponto de vista ou dar opiniões sobre um assunto e registrar sua assinatura, o autor criou um artigo, que constitui um exemplo de texto jornalístico. É possível notar ainda certo envolvimento emocional do autor na exposição de seu ponto de vista: "Mais do que um gesto humanitário, é um dever dos vencedores"; o que faz concluir que a questão em debate causa-lhe certa revolta e apreensão quanto aos diferentes rumos que ela irá tomar no futuro. Mesmo assim, na conclusão, o autor mostra-se confiante numa saída pacífica para o problema, após uma veemente análise crítica.

Como será o amanhã?
Responda quem puder
Que seja o fim do século XX, não o começo do XXI

É possível que o mundo tenha mudado mais nestes últimos 40 dias do que nos últimos 40 anos – ou pelo menos nossa concepção sobre ele. A questão agora, diante da incerteza presente, é saber como serão os próximos 40 anos ou 40 dias, ou até mesmo as próximas 40 horas. Tudo pode acontecer. O chamado homem pós-moderno descobriu, de uma hora para outra, literalmente, sua trágica e sofrida finitude, sua impotência,

o despropósito de sua existência. Já que não se escolhe a tragédia de uma época, seria pelo menos um consolo que, na falta de esperança maior, o 11 de setembro de 2001 estivesse encerrando o século XX, não iniciando o XXI, e que seus efeitos nocivos tivessem o menor futuro possível. Não pode haver mal que sempre dure. Ou pode? Até os provérbios e axiomas, todas as nossas certezas foram postas abaixo, junto com a implosão de nossos sistemas: de referência, de valores, nervoso, emocional. Diante desse mundo absurdo, dessa guerra em que só os inocentes pagam, de um lado e de outro, ficamos nos perguntando se é a vitória definitiva de Tanatos sobre Eros, da morte sobre a vida. De um lado, pessoas comuns, mães de família, crianças tendo de viver sob a ameaça do terror biológico, a morte chegando em qualquer envelope de carta, traiçoeira, quase imperceptível. Tão covarde que basta um pouco de talco para estabelecer o pânico. O crime nem precisa ser cometido. A ameaça já apavora tanto quanto o atentado. Do outro lado, as bombas “inteligentes” e as perdas, caindo como raios diários sobre as cabeças de uma população que não chega a entender a razão daquele horror, já se acostumou. Nestes últimos 20 anos é só o que tem recebido. As 100 mil crianças afegãs que, segundo calcula a Unicef, devem morrer de fome no próximo inverno nem desconfiam que, entre a cruel opressão dos talebans e as impiedosas bombas americanas, elas têm direito a um prato de comida, se não a uma existência digna. Dos terroristas só se espera o terror. Mas dos líderes das grandes potências espera-se que, passada a hora do acerto de contas e da punição dos criminosos, venha a compaixão pelos inocentes. O desmantelamento de Bin Laden e sua rede criminosa é indispensável, mas que isso seja não o fim, e sim o começo de um processo que inclua em suas prioridades a pacificação e reconstrução do Afeganistão. Mais do que um gesto humanitário, é um dever dos vencedores. Já que tanta coisa está terminando – é como se fosse o fim da História pelo mal, o fim do mundo, o pós-tudo, o pós-fim – que se acabe também com a indiferença das superpotências em relação às disfunções da globalização e da nova desordem universal. Que seja aberto enfim o contencioso de desigualdades econômicas e injustiças sociais acumuladas, e que sejam resolvidas as eternas pendências. Deveria ser um escândalo, por exemplo, uma questão que se arrasta desde 1948, como a dos israelenses e palestinos. Tudo bem, pode-se alegar: que ótimo que, em meio a tanta notícia ruim, Bush e Tony Blair prometeram tentar uma solução conseqüente. Tomara. Que para o caso ainda esteja valendo o bom e velho ditado de consolação: antes tarde do que nunca. (Fonte: Português. Leila Lauar Sarmento)

2. CARTA DE RECLAMAÇÃO -

"No geral, pudemos perceber a existência de 10 componentes textuais que podem ser encontrados no corpo de uma carta de reclamação. São eles:

- 1) indicação do objeto alvo de reclamação (ex: “os buracos existentes nas ruas”; “atraso na entrega do imóvel”);
- 2) Indicação das causas do objeto alvo da reclamação (Provável causa para o desgaste do calçamento - “(ele) suporta diariamente o peso dos ônibus e carros”);
- 3) justificativa para convencimento de que o objeto pode ser (merece ser) alvo de reclamação;

- 4) indicação de vozes que não consideram que o objeto pode ser alvo de reclamação;
- 5) resposta ao contra-argumento relativo à pertinência da reclamação (Mala que sofreu avarias - “Os objetos que sofreram estragos são relativamente fáceis de serem substituídos” – “Porém o fato que desapontou foi a maneira relapsa com que o diretor foi tratado quando reclamou verbalmente no balcão de informações da companhia”);
- 6) indicação de sugestões de providências a serem tomadas (“Reparar ou substituir o frigorífico no prazo de 10 dias”);
- 7) justificativa para convencimento de que a sugestão é adequada;
- 8) levantamento de vozes que não consideram que as sugestões são boas;
- 9) resposta ao contra-argumento quanto à pertinência da sugestão de providências (Ex:sugestão dada na carta - “Devolver o pagamento da roupa”; contra-argumentação: “A Empresa está em fase de recuperação do software de gestão financeira”; Refutação:“Mesmo com dificuldades, a empresa tem o dever de cumprir com as obrigações legais”);
- 10) saudação (“Esperamos, sinceramente, que nossas reclamações sejam ouvidas com mais atenção desta vez” e “Esperando que esse órgão cumpra com seu papel...”); outras, com agradecimentos à atenção dada (“Desejo, na oportunidade, mostrar minha satisfação com a gentileza e seriedade com que meus apelos e reclamações são recebidos”) e aquelas em que o escritor apenas cumprimentava o destinatário (“Com os melhores cumprimentos”)."

Modelo 1 - Indica e argumenta a respeito do objeto da reclamação - Neste modelo percebemos um cuidado em defender a relevância do que está sendo reclamado. Mas, os autores das cartas que adotaram este modelo optaram em não dar sugestões para a resolução do problema denunciado. Cerca de 30% dos autores adotaram este modelo textual. A seguir apresentamos uma dessas cartas: “Eu, Bruno Rodrigues, sou Cliente desta empresa desde maio/2006. Foi instalado na minha moto o rastreador da Graber-Mobisat. Durante este curto período em que utilizei seus serviços foram feitas manutenções no equipamento e a última manutenção feita foi no dia 11/11/06 as 14:00 horas, pelo Técnico da empresa, Sr. Ricardo Oliveira. Ocorre, que poucas horas após a liberação do equipamento e minha moto pelo técnico da Graber, fui roubado a mão armada e minha moto foi levada. Imediatamente liguei para vocês e pedi que fosse feito o rastreamento/bloqueio de minha moto, uma Kawazaki 750. Porém, até o momento, e já se passaram muitos dias, nenhuma notícia me foi dada sobre o bloqueio e rastreamento da minha moto. A Empresa não efetuou o rastreamento nem o bloqueio de minha moto.

Até o momento vocês não me deram nenhum retorno sobre o ocorrido, falando somente que não houve o rastreamento nem o bloqueio da minha moto. Instalei o equipamento justamente para me assegurar em caso de roubo, fui roubado e a empresa não cumpriu sua função. Ora, a função da empresa é justamente rastrear e bloquear a minha moto. Não houve o rastreamento, nem o bloqueio e nem mesmo me deram qualquer satisfação a respeito. Fiz o contrato com vocês por ser reconhecida no mercado, porém quando precisei o serviço não foi efetuado. Paguei pelo serviço que não foi prestado e fiquei no prejuízo tanto da moto, como pelo serviço que paguei e não foi prestado. Como vemos, o objeto alvo da reclamação foi o descumprimento pela empresa de suas funções. O

reclamante justifica a relevância de sua reclamação dizendo que contratou a empresa, mas o serviço não foi feito. A argumentação foi desenvolvida, mas o autor preferiu não dar sugestões explícitas para a solução do problema.”

Modelo 2 - Indica e argumenta a respeito do objeto da reclamação, indica sugestões - Ao contrário das cartas do grupo anterior, nestas, além de indicar e argumentar sobre o objeto a ser reclamado, há também uma indicação de providências a serem tomadas. No entanto, ainda não sem a preocupação de argumentar em favor de sua adequação. 25% das cartas analisadas foram escritas dentro deste modelo. A carta abaixo nos ajuda a entender o movimento realizado. Veremos que o escritor reclama de objetos perdidos durante uma viagem e também pela forma que foi tratada o dono da mala ao reclamar verbalmente. Argumenta que embora tais objetos sejam relativamente fáceis de serem substituídos, o caso mereça atenção e sugere reembolso, mas sem argumentar a favor dessa sugestão: “Lamentamos informar que em vôo realizado por essa Companhia, no trecho Maceió/ São Paulo no dia 21/01/05, detectamos que a mala de viagem pertencente a nosso Diretor-Presidente, Dr. YY sofreu sérias avarias, o que terminou por danificar permanentemente alguns de seus mais estimados pertences. Estamos cientes de que os objetos que sofreram estragos são relativamente fáceis de serem substituídos, porém, o fato que nos desapontou de maneira significativa foi a maneira relapsa com que nosso ilustre Diretor foi tratado quando de sua reclamação verbal junto ao balcão de informações da Companhia. E, sendo assim, informamos que entraremos com pedido de reembolso junto ao Departamento Financeiro de sua empresa para podermos recuperar, pelo menos, o prejuízo material, porque quesito confiança, a relação entre nossa empresa e a XX sofreu um considerável abalo.”

Modelo 3 - Indica e argumenta sobre o objeto de reclamação, indica e argumenta sobre as sugestões - Aqueles que adotaram esses modelos para as suas cartas inseriram no corpo do texto mais componentes textuais próprios de uma carta de reclamação. Trata-se de cartas que não só indicam e argumentam em favor do objeto alvo da denúncia, como também apresentam sugestões e argumentam a seu favor. A maioria das cartas de reclamação do nosso estudo (45%) foram analisadas como pertencentes a este modelo. Na carta abaixo, separada para ilustrar o referido modelo, o autor desenvolve a cadeia argumentativa em favor do objeto alvo de reclamação (a não entrega de um colchão e de um fone de ouvido). Argumenta dizendo que a entrega estava prevista para o dia 08-12-06, já era dia 05-01-07 e nada. Além de ressaltar a relevância de sua denúncia, o escritor apresenta uma provável solução “oferecer um produto de igual ou superior qualidade” e ainda reforça que sua idéia é a mais sensata, afinal, o próprio PROCON afirma ser esta a atitude esperada: “Inicialmente gostaria de deixar claro que o atendimento de vocês é precário. Estou desde dia 08/12/06 para receber um colchão que me foi entregue rasgado. Após uma semana foi retirado apenas o BOX rasgado e depois de 10 dias fui avisado que não havia mais o produto para me atender. Para eu receber o crédito vocês enrolaram mais 10 dias para retirar o colchão e me dar o crédito integral. Após isso fiz nova compra e estou esperando entregar até hoje. Coloquei o fone de ouvido na compra para completar o valor e vocês novamente não tem a mercadoria para me entregar. Até quando vocês vão tratar

os clientes dessa forma? Por que o fone de ouvido continua disponível no site (conforme figura anexada)? Que site tabajara é esse? Quero uma solução para isso hoje, caso contrário vou entrar no PROCON com uma reclamação, afinal das contas está tudo pago e vocês que estão causando problemas. Estou de saco cheio. Não há um similar para o fone de ouvido, sendo assim conforme código do consumidor, vocês são obrigados a me oferecer um produto de igual ou superior qualidade. Cansei de ser palhaço!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!”

Como vemos, a carta de reclamação tem suas peculiaridades. É comum neste gênero não apenas expor o objeto de reclamação, mas, sobretudo, justificar sua pertinência e mostrar de forma clara as conseqüências do problema. Mesmo acontecendo poucas vezes, vimos também que usar o recurso de enfraquecimento da posição contrária é um ótimo meio para fortalecer a reclamação e assim, quem sabe, vê-la atendida o mais rápido possível. Notamos, a partir do estudo acima, que é essencial o modo como o escritor organiza sua carta de reclamação e distribui seus argumentos nela. Acreditamos que esse seja um fator importante para o convencimento do outro.

3. CARTA DO LEITOR OU CARTA AO EDITOR -

"Na produção de texto, estilo carta, é dada uma correspondência de um leitor, publicada em alguma revista, e você deverá escrever, para a mesma revista, um comentário sobre o assunto, isto é, redigir uma carta posicionando-se a respeito da problemática abordada, externando sua visão pessoal sobre o assunto, adequando os recursos de linguagem ao texto-base."

Como escrever carta ao editor
Por Reader's Digest selecoes@algsobre.com.br

As redações dos jornais recebem várias cartas diariamente, por isso você terá de fazer com que sua carta se sobressaia para que seja publicada. Aqui vão algumas dicas úteis:

. Como sempre, preste atenção à apresentação e à limpeza da carta. Forneça seu endereço e escreva seu nome de maneira bem legível. Não importa o quão bem-fundamentada seja sua linha de argumentação, uma apresentação confusa irá sempre levantar dúvidas a seu respeito na cabeça do editor - e os editores geralmente relutam em publicar qualquer material de fonte duvidosa.

. Explique logo no início por que você está escrevendo a carta. O método mais simples é expor sua opinião na primeira frase, e mostrar por que você pensa daquela maneira na segunda: “A entrevista de Eveli Figueiredo com o ministro no programa "Notícias da Noite", na terça-feira, foi muito fraca. Ela não conseguiu arrancar do ministro qualquer resposta que interessasse ao ouvinte comum, além de deixá-lo totalmente à vontade para fazer propaganda do atual governo.”

. Procure sustentar suas opiniões com provas e argumentos irrefutáveis. E, sempre que vier ao caso, dê suas credenciais. Sua carta sobre a violência nos campos de futebol terá muito mais chance de ser publicada se você for um juiz ou um jogador.

. Deixe bem claro seus interesses. Se você estiver escrevendo contra o aumento da tributação das bebidas alcoólicas e for o gerente de uma firma de relações públicas a serviço de várias companhias importantes de

cerveja, "assuma" sua posição e seus interesses. A colocação de seus interesses muitas vezes favorece a publicação de sua carta - mesmo que seja apenas para provocar uma resposta.

Prezado Senhor.

Nos últimos vinte anos temos visto nossa pequena cidade ser absorvida pela expansão dos subúrbios. Temos testemunhado o desaparecimento de belas paisagens, que sucumbiram ao avanço dos concreto. Tudo o que restou dos antigos Campos Elíseos foram pequenos prados e arvoredos, últimos refúgios da vida selvagem na região, usados agora como área de jogos e piquenique pela população local. Se a proposta apresentada à prefeitura (relatada na edição do dia 18 de abril desta publicação), de transformar os Campos Elíseos numa área industrial, for aprovada, até mesmo o pouco que restou da nossa natureza será destruído.

Por que é que a prefeitura está tão encantada com esse plano? Esta cidade certamente tem espaço de sobra para novas construções. Por que não usar o terreno da antiga fábrica de tecidos? Ou os terrenos ao longo da Rua João de Queiroz? A área dos Campos Elíseos é única. Por isso, rogo ao conselho: salve a região rural e preserve-a para os moradores da área, para seus filhos e para as futuras gerações.

. Seja conciso. Faça seus comentários, ou exponha sua queixa e argumento, com clareza e vigor. Só enumere as razões e os argumentos que lhe pareçam mais importantes.

. Acima de tudo, esforce-se para compor uma carta interessante, inteligível e animada. Tente manter um certo senso de humor mesmo ao discutir assuntos sérios. Se você precisar fazer algum tipo de crítica, lembre-se de que terá mais chances de convencer as pessoas usando um tom satírico que apelando para insultos passionais e, o pior de tudo, ofensas. Procure apresentar-se como uma pessoa calma, racional, honesta e tolerante. Forneça seus próprios exemplos e inclua algum detalhe relativo à sua experiência pessoal.

. Explique como o assunto em questão o afeta. Tente mostrar-se como um ser humano e não como o dono da verdade.

A quem se dirigir

Normalmente as cartas enviadas aos jornais e às revistas devem ser dirigidas ao Editor e começar com Prezado ou Caro Senhor (ou Senhora). Se a carta não se destinar a publicação, mas discutir determinado assunto, pode-se ser mais específico e dirigir-se, por exemplo, ao Editor de Notícias, ou Editor de Publicidade.

Exemplo: Prezado Editor da revista Caros Amigos. Gostei da edição de março (156). Muito oportuno o artigo de Neco Tabosa sobre a escola flutuante do Recife. O texto do lixo radioativo também foi esclarecedor e assustador para quem mora em São Paulo, como eu. A entrevista do ministro Sérgio Rezende também é interessante, bem como a do português Boaventura. A revista tem assuntos variados que nos deixam curiosos. Parabéns. Maria Conceição Arruda, São Paulo (SP)

Leia, a seguir, um artigo de Eliane Catanhêde, publicado no jornal Folha de S. Paulo de 29 de junho, e excertos de três cartas enviadas por leitores.

Um cara desses

Quando os filhos são pequenos, chutam a canela da empregada, e os pais acham "natural", fingem que não vêem. Já maiores um pouco, comem o que querem, na hora em que querem, não falam nem bom-dia para o porteiro e desrespeitam a professora. Na adolescência, vão para o colégio mais caro, para o judô, para a natação, para o inglês e gastam o resto do tempo na praia e na internet. Resolvido.

Dos pais, ouvem sempre a mesma ladainha: o governo não presta, os políticos são todos ladrões, o mundo está cheio de vagabundos e vagabundas. "E quero os meus direitos!" Recolher o INSS da empregada, que é bom, não precisa.

É assim que os filhos, já adultos, saudáveis, em universidades, são capazes de jogar álcool e fósforo aceso num índio, pensando que era "só um mendigo", ou de espancar cruel e covardemente uma moça num ponto de ônibus, achando que era "só uma prostituta".

A perplexidade dos pais não é com a monstruosidade, mas com o fato de que seu anjinho está sujeito – em tese – às leis e às prisões como qualquer pessoa: "Prender, botar preso junto com outros bandidos? Essas pessoas que têm estudo, que têm caráter, junto com uns caras desses?", indignou-se Ludovico Ramalho Bruno, pai de Rubens, dá para apostar que ele votou contra o desarmamento, quer (no mínimo) "descer o pau em tudo quanto é bandido" e defende a redução da maioria penal. Cadeia não é para o filho, que tem estudo e dinheiro, um futuro pela frente. É para o garoto do morro, pobre e magricela, que conseguiu escapar dos tiroteios e roubar o tênis do filho.

Isso se resolve com o Estado sendo Estado, com justiça, humanidade e educação – não só com ensino para todos e professores mais bem treinados e mais bem pagos, mas também com a elementar compreensão de que "o problema", e os réus, não são os pobres. Ao contrário, eles são as grandes vítimas.

Tapa na cara

"Um primor o artigo de Eliane Cantanhêde de ontem. O pior é que muitos desses adolescentes de classe média, que ela descreve tão bem, quando não chegam ao extremo de espancar ou pôr fogo em pessoas em pontos de ônibus vão exercer cargos de comando em empregos arranjados. E alguns vão ser os gestores da sociedade."

SÉRGIO GERSOSIMO (Carapicuíba, SP)

"Concordo com Eliane Cantanhêde quando ela afirma, em sua coluna de 29/6, que o problema pode ser resolvido com o Estado sendo Estado, com justiça, com humanidade, com educação e com a compreensão de que o problema não são os pobres, pois eles são as vítimas neste rico país. O que me indignou foi a aposta que ela fez, argumentando que o senhor Ludovico Ramalho Bruno com certeza votou contra o desarmamento. A opinião dela sobre o referendo do desarmamento é apenas a opinião dela, e não uma verdade a ser seguida. Eu votei contra o desarmamento, sou contra a redução da maioria penal e não acho que bandidos devam apanhar, mas sim ser reeducados para que possam voltar ao seio da sociedade."

RICARDO REIS (Indaiatuba, SP)

"Tenho 60 anos, sou professor do ensino médio há cerca de quatro décadas e há muito tempo leio o que se escreve em nossos jornais. Mas o que Eliane Cantanhêde escreveu na sexta-feira passada sobre os papais dos

filhinhos que "têm estudo e caráter" (!), porém agridem empregadas pensando "serem apenas prostitutas", foi de uma precisão, de uma objetividade e de uma contundência que eu nunca havia lido em nenhum jornal deste país. Parabéns a Eliane e à Folha." IVAN G. ANJOS (São Paulo, SP)

4. CONTO - "Quem conta um conto, aumenta um ponto."

Foi dessa forma que esse tipo de texto surgiu. Não sendo por acaso seu nome, o conto teve início junto com a civilização humana. As pessoas sempre contaram histórias, reais ou fabulosas, oralmente ou através da escrita. O conceito de conto, hoje em dia, foi ampliado em relação a este citado acima. Isto se dá porque escritores passaram a adotar esse tipo de texto como uma forma de escrever, e essa tentativa tem sido promissora. Além de utilizar uma linguagem simples, direta, acessível e dinâmica o conto é a narração de um fato inusitado, mas possível, que pode ocorrer na vida das pessoas embora não seja tão comum. Essa praticidade tem atraído leitores de todas as idades e níveis intelectuais. Inclusive aqueles que não têm o costume de ler ou que ainda estão começando a adquirir este hábito. Não é um texto denso, que exija grande esforço intelectual para ser compreendido, e por isso mesmo é tão bem aceito em diversos tipos de meios de comunicação, não somente através dos livros.

Como narrativa oral o conto surge no Brasil trazido pelos portugueses, e até hoje é fortemente propagado, em diversas regiões do país. São as chamadas "estórias de Trancoso".

Como narrativa escrita o conto surge na literatura Brasileira durante o início do Romantismo, mas os autores românticos não conseguiram se destacar através desse tipo de texto. O primeiro grande contista brasileiro, Machado de Assis, iria surgir no início do Realismo, e seu nome se tornaria consagrado pelo brilhantismo com que dominava as palavras.

Há algumas características que podem nos ajudar a identificar ou até mesmo a produzir um conto:

- É uma narrativa linear e curta, tanto em extensão quanto no tempo em que se passa.
- A linguagem é simples e direta, não se utiliza de muitas figuras de linguagem ou de expressões com pluralidade de sentidos.
- Todas as ações se encaminham diretamente para o desfecho.
- Envolve poucas personagens, e as que existem se movimentam em torno de uma única ação.
- As ações se passam em um só espaço, constituem um só eixo temático e um só conflito.
- A habilidade com as palavras é muito importante, principalmente para se utilizar de alusões ou sugestões, frequentemente presentes nesse tipo de texto.

Além de fecundo na diversidade temática, os contos brasileiros são fecundos na produção. Talvez isso aconteça porque os contos produzidos no Brasil, principalmente a partir do modernismo, tem adquirido identidade própria e se manifestado das mais diversas maneiras, de modo que dificilmente são fiéis às características acima citadas.

Podemos até arriscar falar sobre alguns tipos de contos, como os contos alegóricos, os contos fantásticos, os contos satíricos, os contos de fadas, entre outros, mas não podemos traçar características fixas para eles, justamente devido a essa liberdade que os autores têm de imprimir novas características a cada conto que produzem.

O enredo como coluna vertebral do conto

O enredo é o fio condutor de qualquer narrativa, mostrando uma seqüência de fatos, ações, elementos que vão construindo o corpo do relato. É um encadeamento de episódios, que tecem a teia daquilo que está sendo narrado.

A palavra enredo pode assumir [...] algumas variações de sentido, mas não perde nunca o sentido essencial de arranjo de uma história: a apresentação/representação de situações, de personagens nelas envolvidos e as sucessivas transformações que vão ocorrendo entre elas, criando-se novas situações, até se chegar ao final – o desfecho do enredo. Podemos dizer que, essencialmente, o enredo contém uma história. É o corpo da narrativa (MESQUITA, 1994, p. 7)

Com essas palavras, Mesquita (1994) situa perfeitamente o enredo dentro da narrativa, destacando sua importância dentro desta.

No conto, o enredo funciona como espinha dorsal, como estrutura que sustenta e direciona. Nos contos que privilegiam o enredo, podemos distinguir claramente as partes que vão se encaixando com perfeição, até chegar ao desfecho ou desenlace. O contista irlandês Sean O’Faolin (apud Magalhães, 1972, p. 18) afirma: [...] o conto é um gênero curioso. Enredo, por si só, não faz um conto. Por outro lado, a ausência de enredo tampouco faz. Nos que são realmente bons, há um enredo interno, secreto.

William Somerset Maugham, também citado por Magalhães (1972, p. 18), considera o enredo fundamental: “é um natural desejo do leitor saber o que acontece às pessoas por quem se interessa e o enredo é um meio de satisfazer tal desejo”.

Porém, nem todos os contos oferecem uma estrutura tão clara e precisa. Por isso é possível falar em enredo psicológico ou até em contos que parecem não ter um enredo lógico e coerente. Afirma Cândida Vilares Ganchos (2000, p. 12 - 13): “[...] falta-nos falar sobre a narrativa psicológica, na qual os fatos nem sempre são evidentes, porque não equivalem a ações concretas do personagem, mas a movimentos interiores; seriam fatos emocionais que comporiam o enredo psicológico.” Mais adiante, conclui: “o enredo psicológico se estrutura como enredo de ação; isto equivale a dizer que tem um conflito, apresenta partes, verossimilhança e, portanto, é passível de análise.”

Veremos, então, as partes que formam o enredo e servem como espinha dorsal do conto.

Apresentação (ou introdução ou exposição) - Elemento que abre o conto, introduzindo personagens, espaço, ambiente, ações iniciais, etc. Alguns contos modernos começam abruptamente, entrando diretamente no assunto, procurando surpreender o leitor, para provocar um impacto desde o primeiro momento. Na apresentação, que geralmente coincide com o início da história, aparecem pontos de referência para o leitor, situando-o, ambientando-o e, de certa maneira, indicando o caminho que será seguido.

Complicação - Pode ser definido como o momento em que surge um fato novo que muda o rumo da história, provoca uma reação do personagem ou personagens, cria um clima instável que necessariamente requer uma solução. Esse fato que muda destinos e provoca modificações no rumo da história é parte integrante da complicação. Esta parte é, também, o próprio desenvolvimento do enredo. Desenvolve-se a história, mostrando o que acontece com o personagem ou personagens, o movimento dele ou deles dentro da narrativa, procurando solucionar o desequilíbrio causado por determinada peripécia.

Clímax - Momento de maior tensão e intensidade dentro da narração. Pico máximo dos acontecimentos, facilmente identificado pelo leitor, momento de auge no qual as ações atingem sua máxima expressão. Toda a estrutura do enredo parece direcionada para este momento culminante da história.

Desenlace (ou desfecho) - Conclusão da narração. Os conflitos desenvolvidos alcançam, ou não, um estágio de solução. O desenlace pode ser feliz, trágico, engraçado, diferente, surpreendente. O desfecho nem sempre traz uma solução à questão provocada pela peripécia. Muitas vezes, o final é aberto e deixa o caminho livre para a imaginação do leitor.

EXEMPLO DE CONTO

Uma galinha

Clarice Lispector

Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã. Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio.

Foi pois uma surpresa quando a viram abrir as asas de curto vôo, inchar o peito e, em dois ou três lances, alcançar a murada do terraço. Um instante ainda vacilou – o tempo da cozinheira dar um grito – e em breve estava no terraço do vizinho, de onde, em outro vôo desajeitado, alcançou o telhado. Lá ficou em adorno deslocado, hesitando ora num, ora noutra pé. A família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma chaminé. O dono da casa, lembrando-se da dupla necessidade de fazer esporadicamente algum esporte e de almoçar, vestiu radiante um calção de banho e resolveu seguir o itinerário da galinha: em pulos cautelosos alcançou o telhado onde esta, hesitante e trêmula, escolhia com urgência outro rumo. A perseguição tornou-se mais intensa. De telhado a telhado foi percorrido mais de um quarteirão de rua. Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida, a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar, sem nenhum auxílio de sua raça. O rapaz, porém, era um caçador adormecido. E por mais íntima que fosse a presa o grito de conquista havia soado.

Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. Às vezes, na fuga, pairava ofegante num beiral de telhado e enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. E então parecia tão livre.

Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma.

Afinal, numa das vezes em que parou para gozar sua fuga, o rapaz alcançou. Entre gritos e penas, ela foi presa. em seguida carregada em triunfo por uma asa através das telhas e pousada no chão da cozinha com certa violência. Ainda tonta, sacudiu-se um pouco, em cacarejos roucos e indecisos.

Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse

premature. Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade, parecia uma velha mãe habituada. Sentou-se sobre o ovo e assim ficou, respirando, abotoando e desabotoando os olhos. Seu coração, tão pequeno num prato, solejava e abaixava as penas, enchendo de tepidez aquilo que nunca passaria de um ovo. Só a menina estava perto e assistiu tudo estarrecida. Mal porém conseguiu desvencilhar-se do acontecimento, despregou-se do chão e saiu aos gritos:

- Mamãe, mamãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! Ela quer o nosso bem!

Todos correram de novo à cozinha e rodearam mudos a jovem parturiente. Esquentando seu filho, esta não era nem suave nem arisca, nem alegre nem triste, não era nada, era uma galinha. O que não sugeria nenhum sentimento especial. O pai, a mãe e a filha olhavam já há algum tempo, sem propriamente um pensamento qualquer. Nunca ninguém acariciou uma cabeça de galinha. O pai afinal decidiu-se com certa brusquidão:

– Se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida!

– Eu também! jurou a menina com ardor.

A mãe, cansada, deu de ombros.

Inconsciente da vida que lhe fora entregue, a galinha passou a morar com a família. A menina, de volta do colégio, jogava a pasta longe sem interromper a corrida para a cozinha. O pai de vez em quando ainda se lembrava: "E dizer que a obriguei a correr naquele estado!" A galinha tornara-se a rainha da casa. Todos, menos ela, o sabiam. Continuou entre a cozinha e o terraço dos fundos, usando suas duas capacidades: a da apatia e a do sobressalto.

Mas quando todos estavam quietos na casa e pareciam tê-la esquecido, enchia-se de uma pequena coragem, resquícos da grande fuga e circulava pelo ladrilho, o corpo avançando atrás da cabeça, pausado como num campo, embora a pequena cabeça a traísse: mexendo-se rápida e vibrátil, com o velho susto de sua espécie já mecanizado.

Uma vez ou outra, sempre mais raramente, lembrava de novo a galinha que se recortara contra o ar à beira do telhado, prestes a anunciar. Nesses momentos enchia os pulmões com o ar impuro da cozinha e, se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria mas ficaria muito mais contente. Embora nesses instantes a expressão de sua vazia cabeça se alterasse. Na fuga, no descanso, quando deu à luz ou bicando milho – era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos séculos.

Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos.

(Clarice Lispector, Laços de família. Rio, Francisco Alves, 2ª ed., 1961. Matéria publicada em 01/02/2001 - Edição Número 18 –

5. FÁBULA –

A fábula é uma narrativa alegórica em forma de prosa ou verso, cujo, as personagens são geralmente animais com características humanas, sustentam um diálogo, cujo desenlace reflete uma lição de moral, característica essencial dessa. É uma narrativa inverossímil, com fundo didático. Quando os personagens são seres inanimados, objetos, a fábula recebe o nome de apólogo. A temática é variada e contempla tópicos como a vitória da fraqueza sobre a força, da bondade sobre a astúcia e a derrota de presunçosos

Características das Fábulas

Apresenta os elementos essenciais da narrativa; a narrativa é curta, geralmente, um diálogo; as personagens quase sempre são animais; transmite um ensinamento; no final da história, destaca-se uma moral.

Estrutura das Fábulas - Através das fábulas podemos fazer duas leituras independentes:

1. A Narrativa propriamente dita cuja estrutura narrativa sempre se repete: Situação inicial / Obstáculo / Tentativa de solução / Resultado final / Moral
2. Moral - linguagem temática, dissertativa. Ela pode ser usada e analisada independentemente da fábula.

A fábula nos leva a dois mundos: o imaginário, o narrativo, fantástico; e o real, o dissertativo, temático. Na verdade, a fábula é um “estudo sério sobre o comportamento humano”, a ética e a cidadania.

http://www.rainhadapaz.g12.br/projetos/portugues/generos_textuais/fabulas/caract.htm

EXEMPLOS DE FÁBULA DE ESOPO

O CAMUNDONGO DA CIDADE E DO CAMPO

"Um camundongo que morava na cidade foi, uma vez, visitar um primo que vivia no campo. Este era um pouco arrogante e espevitado, mas queria muito bem ao primo, de maneira que o recebeu com muita satisfação. Ofereceu-lhe o que tinha de melhor: feijão, toucinho, pão e queijo. O camundongo da cidade torceu o nariz e disse: - Não posso entender, primo, como você consegue viver com estes pobres alimentos. Naturalmente, aqui no campo, é difícil obter coisa melhor. Venha comigo e eu lhe mostrarei como se vive na cidade. Depois que passar lá uma semana, você ficará admirado de ter suportado a vida no campo. Os dois puseram-se, então, a caminho. Tarde da noite, chegaram à casa do camundongo da cidade. - Certamente você gostará de tomar um refresco, após esta caminhada, disse ele polidamente ao primo. Conduziu-o à sala de jantar, onde encontraram os restos de uma grande festa. Puseram-se a comer geléias e bolos deliciosos. De repente, ouviram foinhos e latidos. - O que é isto? Perguntou, assustado, o camundongo do campo. - São, simplesmente, os cães da casa, respondeu o da cidade. - Simplesmente? Não gosto desta música, durante o meu jantar. Neste momento, a porta se abriu e apareceram dois enormes cães. Os camundongos tiveram que fugir a toda pressa. - Adeus, primo, disse o camundongo do campo. Vou voltar para minha casa no campo. - Já vai tão cedo? perguntou o da cidade. - Sim, já vou e não pretendo voltar, concluiu o primeiro. Moral: Mais vale o pouco certo, que o muito duvidoso."

O LEÃO E O RATO

"Um Leão foi acordado por um Rato que passou correndo sobre seu rosto. Com um salto ágil ele o capturou e estava pronto para matá-lo, quando o Rato suplicou:

- Se o senhor poupasse minha vida, tenho certeza que poderia um dia retribuir sua bondade.

O Leão deu uma gargalhada de desprezo e o soltou.

Aconteceu que pouco depois disso o Leão foi capturado por caçadores que o amarraram com fortes cordas no chão.

O Rato, reconhecendo seu rugido, se aproximou, roeu as cordas e libertou-o dizendo:

- O senhor achou ridículo a idéia de que eu jamais seria capaz de ajudá-lo. Nunca esperava receber de mim qualquer compensação pelo seu favor; Mas agora sabe que é possível mesmo a um Rato conceber um favor a um poderoso Leão.

Moral : Os pequenos amigos podem se revelar grandes aliados."

Descubra o que significa desfabulável

Descrição: s.m. Desesperança com irritação.

Angústia. Raiva; desesperação.

O ratinho estava na toca, encurralado pelo gato, que, do lado de fora, miava:

- MIAU, MIAU, MIAU.

O tempo passava e ele ouvia:

- MIAU, MIAU, MIAU.

Depois de várias horas e já com muita fome o rato ouviu:

- AU! AU! AU!

Então deduziu: Se há cão lá fora, o gato foi embora.

Saiu disparado em busca de comida.

Nem saiu bem da toca o gato NHAC!

Inconformado, já na boca do gato perguntou:

- Porra gato! Que merda é esta?

E o gato respondeu:

- Meu filho, neste mundo globalizado de hoje, quem não fala pelo menos dois idiomas morre à fome

Leia mais: http://obviousmag.org/archives/2006/03/fabula_moderna.html#ixzz1XJHQwEIJ

DESFÁBULA

Descubra o que significa desfabulável-

Descrição: **s.m. Desesperança com irritação.**

Angústia. Raiva; desesperação.

O ratinho estava na toca, encurralado pelo gato, que, do lado de fora, miava:

- MIAU, MIAU, MIAU.

O tempo passava e ele ouvia:

- MIAU, MIAU, MIAU.

Depois de várias horas e já com muita fome o rato ouviu:

- AU! AU! AU!

Então deduziu: Se há cão lá fora, o gato foi embora.

Saiu disparado em busca de comida.

Nem saiu bem da toca o gato NHAC!

Inconformado, já na boca do gato perguntou:

- Porra gato! Que merda é esta?

E o gato respondeu:

- Meu filho, neste mundo globalizado de hoje, quem não fala pelo menos dois idiomas morre à fome

Leia mais: http://obviousmag.org/archives/2006/03/fabula_moderna.html#ixzz1XJHQwEIJ

A Cigarra e a Formiga - Desfábula (HUMOR)

A formiga trabalhadora , sempre fazendo contas , juntando comida , pagando contas , em reuniões com gente com gente chata, sempre tão esforçada , sempre que podia via o programa na tv da Cigarra , o programa A CIGARRA CANTANTE E DANÇANTE . Ela só via o programa só pra rever a aquela Cigarra que um dia de inverno bateu uma porta pedindo comida, e a formiga mandou ela dançar, daí pra frente , foi tudo uma coisa inesperada , a Cigarra ficou famosa por sua maravilhosa e bem projetada dança e pelo seu canto maravilhoso.Mas a formiga só pensava em uma coisa : " Maldita cigarra , só está ai por minha causa, eu que te mandei dançar! Minha vingança ta planejada! Nesse inverno! VOCÊ VAI PASSAR FOME!"

E quando faltava apenas uma semana para o inverno , a formiguinha saiu da reunião com seu chefe de informática , aproveitou eu tempo livre para ir ao shopping de sua cidade. Quando chega lá vê lá ,a cigarra cantando com o violão e dançado. A formiga ri daquele momento humilhante , e vê que a cigarra se aproxima , a formiga se pronta pra atacar com suas palavras!

Cigarra : _Olá dona formiga , como está você e seu formigueiro?

Formiga : _ Ahh , muito bem ... Vejo que você vai ter que cantar no inverno pra poder comer... Que coisa hein?

A formiga diz com um tom maldoso...

Cigarra:_ Ah que nada! Graças a você que me mandou dançar , to fazendo sucesso!Vou ganhar 200 mil dólares em Paris!Dá pra comprar comida...Além de que minhas músicas são TOP das paradas!

Formiga : _ OQUE? VOCÊ VAI PASSAR O INVERNO COM 200 MIL DOLÁRES?

Cigarra: _ Não , não!Isso é só em Paris... Depois vou fazer turnê em Nova York , São Paulo , Hawaii , México ...Entre outros...Cada lugar ganho pelo menos 250 mil dólares...

Formiga : _ Ei Cigarra , me faz um favor? Quando você vai a Paris?

Cigarra: _Próxima semana, no começo do inverno.

Formiga: _Ótiiiimo , então diga a La Fontaine* que eu mandei ele ir pro raio que te partiu!

OBS:*La Fontaine é um escritor que nasceu em Paris, e que criou várias fábulas , inclusive a da CIGARRA E A FORMIGA , que a formiga não ajuda a cigarra , e manda ela dançar

FÁBULA = Pequena narrativa em que se aproveita a ficção alegórica para sugerir uma verdade ou reflexão de ordem moral, com intervenção de pessoa, animais e até entidades inanimadas. (Moderno Dicionário de L. Portuguesa – Michaelis).

As fábulas são tão antigas quanto as conversas dos homens, às vezes, nem sabemos quem as criou, pois através da oralidade eram carregadas como vento de um lado para outro, já que a própria palavra provém do latim FABULA = contar.

No século VIII a.C. já se tinha notícias dessas histórias, sendo que as fábulas muito antigas do Oriente foram difundidas na Grécia, há 2600 anos, por um escravo chamado Esopo. Apesar de gago, corcunda, feio e miúdo, como diziam alguns, era inteligente, esperto e de muito bom senso; por esse motivo, conquistou a liberdade e viajou por muitas terras dando conselhos através das fábulas.

Esopo foi condenado à morte e jogado do alto de um abismo. O motivo foi a vingança do povo de Delfos, mas as suas 600 fábulas continuaram a ser contadas, escritas e reescritas por outros fabulistas. Fedro é o primeiro escritor latino a compor uma coletânea de fábulas, tendo sido imitado e refundido várias vezes. O escritor francês Jean de La Fontaine (século XVII – 1601 – 1700) usava fábula para denunciar as misérias e as injustiças de sua época em versos e em prosa.

A partir dessa época, muitas histórias escritas inicialmente para adultos já começaram a ser adaptadas para crianças, retirando delas os elementos violentos e os aspectos nocivos à educação. Mas a fábula moderna preserva todo o vigor que vem apresentando desde os tempos antigos.

No Brasil, temos o grande fabulista, Lobato. Além de recontar as fábulas de Esopo e La Fontaine, cria suas próprias fábulas com a turma do sítio, como mostra o seu livro “Fábulas”, onde Pedrinho diz “As fábulas, mesmo quando não valem grande coisa, têm um mérito: são curtinhas.” Narizinho acha as fábulas sabidíssimas e Emília as considera uma indireta.

O escritor brasileiro usou fábulas para criticar e denunciar as injustiças, tiranias, mostrando às crianças a vida como ela é. Em suas fábulas, alerta que o melhor é esperto (inteligente) porque o forte sempre vence e Visconde afirma que o único meio de derrotar a força é a astúcia.

Até hoje esse gênero narrativo existe e por ser curto, tem o poder de prender a atenção, de entreter e deixar uma mensagem, um ensinamento.

Millôr Fernandes, com seu humor e ironia, cria e recria fábulas refletindo valores e antivalores, satirizando a nossa realidade sócio – política – econômica em seus livros, “Fábulas fabulosas”, “Novas fábulas fabulosas” e “Eros uma vês”.

Veja outra desfábula

Um coala estava sentado numa seringueira, curtindo um baseado.

Uma lagartixa passava e, olhando para cima, disse:

'E aêê Coala...tudo beleza? O que você está fazendo?'

O coala disse: 'Queimando um . Suba aqui'

A lagartixa subiu na seringueira e sentou-se ao lado do coala, curtindo alguns baseados.

Após algum tempo, a lagartixa disse: Pô cara,minha boca tá seca,vou tomar água no rio.

A lagartixa meio desorientada, se inclinou muito e caiu no rio.

Um jacaré a viu cair e nadou até ela, ajudando-a a subir na margem.

Depois ele perguntou: Qual é a sua, lagartixa? O que aconteceu? Quer morrer?

A lagartixa explicou que ela estava curtindo um baseado com o coala numa seringueira, ficou zuadinha e caiu no rio enquanto tomava água.

O jacaré, querendo verificar esta estória, entrou na floresta e, encontrou o coala sentado num galho, chapadão.

O jacaré olhou para cima e disse:

'Ei! Você aí em cima!'

O coala olhou para baixo e disse: 'PUTA-QUE-PARIU, lagartixa, tu bebeu água pra caralho!'

Uma Fábula Moderna

Você sabe o que é fábula? É uma história em que os personagens são animais que agem como se fossem seres humanos. No final, sempre há um ensinamento inspirado pela história e que é chamado "moral".

O texto a seguir é uma fábula moderna: os personagens que agem são seres humanos e não animais, no entanto, a história termina com uma moral, tal como as fábulas antigas.

A MORTE DA TARTARUGA

O menino foi ao quintal e voltou chorando: a tartaruga tinha morrido. A mãe foi ao quintal com ele, mexeu na tartaruga com um pau (tinha nojo daquele bicho) e constatou que a tartaruga tinha morrido mesmo. Diante da confirmação da mãe, o garoto pôs-se a chorar ainda com mais força. A mãe a princípio ficou penalizada, mas logo começou a ficar aborrecida com o choro do menino. "Cuidado, senão você acorda seu pai". Mas o menino não se conformava. Pegou a tartaruga no colo e pôs-se a acariciar-lhe o casco duro.

A mãe disse que comprava outra, mas ele respondeu que não queria, queria aquela, viva! A mãe lhe prometeu um carrinho, um velocípede, lhe prometeu uma surra, mas o pobre menino parecia estar mesmo profundamente abalado com a morte do seu animalzinho de estimação. Afinal, com tanto choro, o pai acordou lá dentro, e veio, estremunhado, ver de que se tratava.

O menino mostrou-lhe a tartaruga morta. A mãe disse: — "Está aí assim há meia hora, chorando que nem maluco. Não sei mais o que fazer. Já lhe prometi tudo mas ele continua berrando desse jeito". O pai examinou a situação e propôs: — "Olha, Henriquinho. Se a tartaruga está morta não adianta mesmo você chorar. Deixa ela aí e vem cá com o pai."

O garoto depôs cuidadosamente a tartaruga junto do tanque e seguiu o pai, pela mão. O pai sentou-se na poltrona, botou o garoto no colo e disse: — "Eu sei que você sente muito a morte da tartaruguinha. Eu também gostava muito dela. Mas nós vamos fazer pra ela um grande funeral". (Empregou de propósito uma palavra difícil). O menino parou imediatamente de chorar. "Que é funeral?" O pai lhe explicou que era um enterro. "Olha, nós vamos à rua, compramos uma caixa bem bonita, bastante balas, bombons, doces e voltamos para casa. Depois botamos a tartaruga na caixa em cima da mesa da cozinha e rodeamos de velinhas de aniversário.

Aí convidamos os meninos da vizinhança, acendemos as velinhas, cantamos o "Happy-Birth-Day-To-You" pra tartaruguinha morta e você assopra as velas. Depois pegamos a caixa, abrimos um buraco no fundo do quintal, enterramos a tartaruguinha e botamos uma pedra em cima com o nome dela e o dia em que ela morreu. Isso é que é funeral! Vamos fazer isso?" O garotinho estava com outra cara. "Vamos, papai, vamos! A tartaruguinha vai ficar contente lá no céu, não vai? Olha, eu vou apanhar ela". Saiu correndo.

Enquanto o pai se vestia, ouviu um grito no quintal. "Papai, papai, vem cá, ela está viva!"

O pai correu pro quintal e constatou que era verdade. A tartaruguinha estava andando de novo, normalmente. "Que bom, hein?" — disse — "Ela está viva! Não vamos ter que fazer o funeral!" "Vamos sim, papai" — disse o menino ansioso, pegando uma pedra bem grande — "Eu mato ela".

MORAL: O importante não é a morte, é o que ela nos tira.

Fernandes, Millôr. Fábulas fabulosas. São Paulo: Círculo do Livro, 1973.

FÁBULA MODERNA

Era uma vez uma galinha que encontrou alguns grãos de trigo no quintal. Chamou a vaca, o porco, o pato e o cão, para ajudar a plantá-lo.

"Eu não", a vaca mugiu.

"Nem eu", grunhiu o porco.

“Deixa para lá”, grasnou o pato.

“Tô fora!”, latiu o cão.

A galinha, então, plantou o trigo, sozinha. Assim que estava próxima a colheita, voltou a convocar os animais para colhê-lo. Teve as seguintes respostas:

“Não recebi treino para fazer estas coisas!” (vaca)

“Quem, eu? Trabalho me cansa!” (porco)

“Estou de férias” (pato)

“Serviço pesado não é comigo!” (cão)

Não houve jeito de convencer a bicharada a colaborar, de forma que a galinha teve que colher o trigo sozinha.

Chegou a hora de assar o pão com o trigo colhido. “Quem vai me ajudar?”, foi a pergunta da galinha, diante da qual obteve as seguintes evasivas:

“Estou no seguro desemprego, e por isso não preciso trabalhar” (vaca)

“Está muito quente, deixa isto para um dia mais frio!” (porco)

“Ei, você tem que me pagar hora extra, senão não faço!” (pato)

“Se eu trabalhar e aumentar minha renda, perco a *bolsa-ração*, eu preciso dela!” (cão)

Então a galinha assou o trigo e obteve 5 pães como resultado. Satisfeita, mostrou-as à bicharada.

Todos exigiram uma parte, mas a galinha prontamente cacarejou: “Não! Fiz todo o trabalho sozinha! Eu é que devo consumir estes pães, e não vocês!”. Como resultado, recebeu vários impropérios, entre os quais:

“Sua verme burguesa!” (vaca)

“Exijo direitos iguais!” (porco)

“Que falta de solidariedade, sua ...!” (pato)

“Gananciosa, capitalista, exploradora!” (cão)

Houve alvoroço, protestos, discursos contra a atitude da galinha. Logo chega um funcionário do governo e exige da galinha os vários impostos sobre a produção do pão.

Diante de tamanha pressão, a galinha alegou que trabalhara sozinha, e que ninguém a ajudara, nem o governo, nem a bicharada, portanto, tinha direito a dispor do pão como bem entendesse.

O funcionário do governo chamou então a polícia e falou: “você se arriscou a produzir, pelas nossas leis, você deve pagar os impostos e os trabalhadores produtivos devem dividir os lucros com todos, para a paz e a justiça social”.

Desta forma, 2 pães foram entregues ao governo, como pagamento de impostos, e os 3 pães que restaram foram divididos em fatias e distribuídos em partes entre a bicharada.

Todos comeram e se fartaram, achando muito justas as leis do país da tributação e da solidariedade. Porém, a bicharada não entendeu porque, nunca mais, a galinha voltou a fazer pão...

6. NOTÍCIA - A NOTÍCIA E SUA ESTRUTURA-FONTE:

1- O TRIPÉ DA ESTRUTURA

A notícia é formada por três partes: título, cabeça e corpo.

2- TÍTULO

O “(...) título é a frase (...) composta em letras grandes que se dispõe acima do texto, com a finalidade básica de dar ao leitor uma orientação geral sobre a matéria que encabeça e despertar o interesse pela leitura”.

(Joaquim Douglas, 1966)

3- CABEÇA

A cabeça ou lead é a introdução ou abertura de uma notícia ou reportagem. O lead em geral é constituído do primeiro parágrafo. A palavra provém do inglês, que significa “comando”, “primeiro lugar”, “liderar”, “guiar”, “induzir”, “encabeçar”.

<http://lucajor.vilabol.uol.com.br/estrutnot.htm>

Lead - O lead é a abertura da matéria. Nos textos noticiosos, deve incluir, em duas ou três frases, as informações essenciais que transmitam ao leitor um resumo completo do fato. Precisa sempre responder às questões fundamentais do jornalismo: o que, quem, quando, onde, como e porquê. Uma ou outra dessas perguntas pode ser esclarecida no sub-lead, se as demais exigirem praticamente todo o espaço da abertura. Graficamente, recomenda-se que o lead tenha de quatro a sete linhas da lauda padrão do Estado. Nada

impede, porém, que ocupe uma ou duas linhas, apenas, em casos excepcionais ou quando se tratar de informações de impacto. Mais que nas demais partes do texto, o lead deve ser objetivo, completo e simples e, de preferência, redigido na ordem direta.

Todas as demais recomendações feitas a respeito do texto jornalístico valem especificamente para o lead (as palavras estranhas ou desconhecidas deverão ser sempre explicadas: rebuscamentos não têm vez na abertura; o fato que constitui o lead deve ser novo; use frases curtas; procure dar um ritmo adequado à frase e, principalmente, jamais construa leads de um único período).

1 — Objetividade

Veja exemplos de leads objetivos e diretos:

O fogo destruiu na noite de ontem, em menos de três horas, todo o prédio de 18 andares da Cesp, no Center 3, e atingiu dois outros edifícios na Avenida Paulista, esquina com Augusta. Um milagre: apenas cinco pessoas ficaram feridas levemente. No início da madrugada de hoje, a Polícia Federal e a Secretaria da Segurança receberam a informação de que o incêndio pode ter sido criminoso, "para a queima de arquivos". Técnicos e engenheiros de Furnas fizeram a denúncia ontem: alguns dos equipamentos da usina de Angra I são usados e vieram de outra usina também fabricada pela empresa norte-americana Westinghouse e montada em Porto Rico. A usina porto-riquenha não pôde funcionar por causa do local em que foi construída, sujeito a terremotos. O diretor de Furnas, Márcio Costa, admitiu que parte dos equipamentos veio de Porto Rico, mas se recusou a definir esse material como "sucata".

Com os astronautas Steven A. Hawley e Kathryn Sullivan a bordo, o ônibus espacial Discovery foi lançado ontem em Cabo Canaveral às 10h34 (hora de Brasília). Uma pequena falha fez a nave subir cerca de dois minutos depois do horário previsto. Sua principal missão será colocar em órbita hoje, a 600 Km de altitude, o telescópio espacial Hubble, um tesouro científico de US\$ 2 bilhões. O voo deverá durar cinco dias. Nos três casos, todas as informações importantes constam da abertura, e qualquer pessoa que tivesse lido apenas essas linhas já estaria razoavelmente informada sobre o assunto. (Manual de redação e estilo - O Estado de S. Paulo)

Análise de uma notícia - A notícia analisada "Criador do Miojo e da Nissin morre no Japão aos 96 anos", foi produzida no Jornal folha de São Paulo, edição on line. Por ser on-line é uma narrativa curta, com um texto mais condensado. Trata-se de uma enunciação com o enunciador não marcado, alguém diz mas não assina. Quanto ao destinatário provavelmente será alguém quem tenha acesso à Internet ".

O texto tem como provável objetivo noticiar a morte de Momofuku Ando e comentar a respeito de sua grande invenção. Essa notícia foi publicada no dia 07/01/2006 com circulação ilimitada. Apresenta o falecimento do criador de um produto consumido por milhares de pessoas no mundo todo e que sintetiza as características do homem contemporâneo: praticidade e rapidez, sendo assim o produto é consumido mundialmente até os dias de hoje.

O título da notícia indica o enfoque principal do tema o qual será abordado, ou seja, o comentário sobre a morte do inventor do miojo e alguns fatos interessantes sobre a sua invenção, chamando a atenção do leitor. A construção composicional do gênero notícia, para Faria & Zancheta (2005), pode ser representado da seguinte forma:

Quem – o quê – quando e onde (abertura ou lide)

como

por quê

contexto

consequência (corpo ou desenvolvimento)

Os primeiros parágrafos de uma notícia, ou seja, o espaço do lide, contém as informações importantes ou interessantes. Em seguida, tem-se o corpo do texto, em que surgem informações secundárias até se chegar aos detalhes. Essa forma permite leitura rápida do texto, independentemente do seu tamanho, basta ler os primeiros parágrafos e tem-se uma idéia geral sobre o fato.

Já as marcas lingüístico-enunciativas mais visíveis nesse gênero são: a estrutura com lide, linguagem intermediária, poucos adjetivos dando ênfase aos substantivos e verbos, os quais devem impressionar o leitor. Os verbos do texto da notícia devem vir no passado, embora os títulos sejam postos no tempo presente. No entanto, buscam-se verbos vigorosos como "morrer", ao invés de "falecer" dando a idéia de fato concreto, predominante nessa análise. O estilo também é marcado pela objetividade e procura destacar

aspectos principais ou interessantes de um fato, situando-o no seu momento histórico, como forma de revestir a informação de seriedade.

Criador do Miojo e da Nissin Morre no Japão aos 96 Anos

[1] O inventor do macarrão instantâneo e fundador da Nissin Food Products, que produz o miojo no Brasil, morreu na última sexta-feira no Japão aos 96 anos após sofrer um ataque cardíaco.

[2] Momofuku Ando teve a idéia de criar o macarrão instantâneo após a 2ª guerra Mundial ao perceber que as pessoas passavam horas na fila para comprar alimentos no mercado negro devido ao racionamento.

[3] Ele fundou a Nissin e criou o “chiken ramen”, um macarrão instantâneo que se tornou bastante popular no Japão em 1958.

[4] Ando também inventou em 1971 o “cup noodle”, um outro tipo de macarrão instantâneo em que água quente é despejada dentro do copo de plástico da embalagem e amolece antes de ser comido.

[5] Devido aos preços baixos e ao fácil preparo, o “cup noodle” fez tanto sucesso que passou a ser vendido ao redor do mundo.

[6] Ando permaneceu bastante ativo mesmo na velhice. No ano passado, ele apareceu na televisão para promover uma versão do “cup noodle” desenvolvido para alimentar os astronautas do ônibus espacial american Discovery.

[7] Costumava também fazer aparições públicas freqüentes, quando aproveitava para devorar os pratos que ele mesmo criou.

[8] Ando nasceu em Taiwan em 1910 quando o país vivia sob ocupação japonesa. Já jovem, ele se mudou para o

Japão e dirigiu várias empresas antes de se tornar o inventor de uma das mais populares comidas do mundo. (Folha de São Paulo-edição online 07/01/2007)

Vejamos agora a análise linguística de uma notícia jornalística retirada do jornal Folha de São Paulo (online) do dia 07/01/2007 às 17h33. Primeiramente o título da notícia (Criador do Miojo e da Nissin morre no Japão aos 96 anos), indica o enfoque principal do que será relatado. Neste caso, trata-se da notícia da morte de uma pessoa notável conhecida internacionalmente. O título chama a atenção do leitor, ativa e cria expectativas, provocando a prosseguir a leitura da matéria. Sendo assim podemos observar o tamanho das letras e as poucas palavras com informações contundentes e densas as quais são umas das características principais do título. A palavra (criador) usada como sujeito e logo depois a seqüência do verbo e complemento, tendo uma frase na ordem direta. Uso de substantivos no título para tornar os fatos concretos, mais visíveis. O verbo (morre) usado no tempo presente a fim de contribuir para a informação de atualidade, mesmo sabendo que o fato já é passado. O texto tem o relato em terceira pessoa, o qual busca um distanciamento em relação ao fato, contribuindo para a idéia da objetividade, sustentando a credibilidade da informação. Possui uma linguagem intermediária, isto é emprega o registro culto, não excessivamente formais. Logo no primeiro parágrafo abordaremos a questão do lide o qual nos mostra o assunto ou destaca o fato essencial, o clímax da história, respondendo a algumas perguntas básicas (quem, o que, quando, onde, como e por que), destinando a explicar quem morreu, quando, onde e como.

Quem?: Momofuku Ando

O quê?: Morreu

Quando?: Morreu na última sexta-feira

Onde?: no Japão

Como?: após sofrer um ataque cardíaco

Por quê?: Informar o porquê da morte de Momofuku Ando não é pertinente nesta notícia, impossível de se obter uma resposta concreta. Os parágrafos posteriores (2 a 8) explicitam as informações mais presentes no lide, a qual rapidamente fala sobre a vida do inventor Momofuku Ando e sua invenção. Pelo que se pode perceber o lide resumiu e situou o leitor quanto aos principais aspectos da notícia. Focando para a análise linguística, ainda no primeiro parágrafo, podemos ressaltar a predominância dos substantivos tornando os fatos mais concretos, em oposição ao número de adjetivos, aproximadamente doze adjetivos em oito parágrafos, (instantâneo, cardíaco, negro, popular, quente, plástico, baixos, fácil, ativo, espacial, públicas e japonesa), evitando assim comprometimento com o jornal. Percebe-se também o uso de estrangeirismos Nissin Food Products, escritos com letras maiúsculas por ser uma referência importante no texto. Verbo no

tempo presente (produz), indicando fato passado com informação de atualidade. Uso da expressão adverbial de tempo (última sexta-feira e após), e de lugar (Brasil e Japão), indicando o dia da morte do inventor e o lugar onde também se produz o miojo. O locutor faz uso de vírgulas entre oração adjetiva explicativa (que produz o miojo no Brasil), enfatizando que a pessoa a qual morreu foi o fundador da fábrica do macarrão instantâneo miojo. No segundo parágrafo, explicita o nome completo (Momofuku Ando) no sentido de buscar um enunciado concreto. Faz uso de verbos no pretérito perfeito e imperfeito (teve e passavam), situando o fato no tempo e no espaço e de unidade lingüística com valor temporal (passavam horas), procurando focar o tanto de tempo que as pessoas esperavam para conseguir seu alimento. A expressão (mercado negro) usada como expressão adverbial de lugar, indica clandestinidade e preconceito, mostra a dificuldade que as pessoas tinham para comprar alimento na época da 2ª guerra mundial, pois os preços eram exorbitantes. Emprego da expressão devido ao racionamento, justifica o enunciado anterior, isto é, o sucesso da invenção. No terceiro, quarto e quinto parágrafos faz-se uso de aspas como destaque gráfico para indicar o estrangeirismo (“chicken ramen” e “çup noodle”). No terceiro quarto e oitavo parágrafos o relator usa as datas (1958, 1971 e 1910) a fim de indicar unidades lingüísticas de valor temporal, presentes aqui para situar os acontecimentos no tempo. Observa-se no quinto parágrafo a expressão devido aos preços baixos, enfatizando um enunciado anterior, para explicar porque se vendeu tanto o alimento citado no texto. Uso de letra maiúscula no 6º parágrafo para enfatizar o uso de estrangeirismo (Discovery), palavra em língua inglesa, que significa descoberta. Emprego da expressão devorar os pratos no 7º parágrafo, no sentido figurado, a fim de utilizar recursos retóricos, exemplificando o emprego da linguagem intermediária. No oitavo parágrafo, ao concluir, faz uso novamente de verbos no pretérito perfeito e imperfeito (vivia, nasceu, mudou, dirigiu), situando o fato no tempo e no espaço. Expressão adverbial de lugar (Taiwan), indicando o lugar onde o criador do miojo nasceu. Finaliza, no entanto, com o uso do verbo que indica mudança de estado (tornar) e se apropria do grau superlativo (uma das mais populares comidas no mundo), indicando obtenção de recordes. Diante disso, podemos perceber que todos os elementos do texto são importantes, mas obviamente existem aqueles que são estritamente necessários e comuns no gênero notícia. Consideramos que a concretude, o tipo de linguagem e as marcas temporais mostradas ao longo do texto são marcas próprias da notícia, contribuindo, assim, para a credibilidade da informação, mobilizadas pelo autor juntamente com as marcas enunciativas (adjetivação e estrangeirismos), sobretudo importantes na construção de efeitos de sentido no texto notícia em questão.

7. RELATO -

Relatar é representar pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo.

Exemplo de relato de experiência

Como fazer um pequeno filme em inglês

Autor: André da Silva Ramos

Disciplina: Língua Inglesa

Série: Ensino Fundamental

Tive a oportunidade de desenvolver um trabalho em outra escola antes de trabalhar no Educacional Compact. Levei um filme para os alunos assistirem com a finalidade de passar a história relatada para a vida real. De certa forma, fiquei um pouco preocupado no início, pois vi que seria um desafio enorme fazer com que todos eles falassem em uma encenação contendo o texto inteiro em inglês.

Primeiramente, assistimos ao filme. Depois, selecionei cenas fundamentais dele que, após serem unidas, formariam uma espécie de curta do original. Dividi a turma em grupos, de acordo com o número de personagens de cada cena. Feito isso em sala, pedi aos grupos que se reunissem durante a semana com o intuito de rever o filme, dando ênfase à cena selecionada para eles (é interessante escolher cenas que não ultrapassem três minutos e que todos tenham pelo menos uma participação oral).

Uma semana depois, os alunos transcreveram a fala de cada um em inglês e português (com ajuda do DVD). Em sala, fizemos algumas adaptações nos textos, e eles aproveitaram para ensaiar e esclarecer dúvidas com relação à pronúncia. Pedi que assistissem ao filme novamente, dessa vez dando ênfase à pronúncia, entonação e expressão corporal.

Depois de duas semanas, os alunos trouxeram tudo pronto. Fiz um pré-ensaio em sala e, na aula seguinte, apresentamos o trabalho. Um dia antes da apresentação, convidei um grupo de estudantes a me ajudar na montagem de um pequeno palco. Os alunos vieram vestidos com roupas características de seus personagens, e fizemos uma filmagem. Muitos ficaram nervosos diante da câmera. Já que se tratava de um pequeno filme,

não poderia haver erros grosseiros. Mas tudo deu certo.

Fizemos a edição do filme e assistimos a ele juntos. Para mim, foi uma atividade de grande proveito. Envolvemos de uma vez só fundamentos da Língua Inglesa como speaking, writing e listening. Para realizar essa atividade, são necessárias paciência, calma e muita dedicação para com os alunos que têm dificuldade de assimilação de uma segunda língua, mas ela traz uma grande recompensa a um profissional. O filme selecionado foi Patch Adams: O Amor é Contagioso, e o trabalho durou um mês.

"Roteiro de perguntas para escrever seu relato

Quando estamos conversando vamos fazendo diversos de relatos naturalmente, sem nos darmos conta. Mas quando vamos escrever, muitas vezes sentimos dificuldade. "Qual a melhor forma de escrever? Será que precisa ter algum formato? Será que estou escrevendo tudo certo?"

Nesse espaço não temos um formato definido. A intenção é que vocês sintam-se livres para relatar as experiências da maneira que acharem mais apropriada. Mas uma coisa é muito importante: que os/as outros/as que forem ler, entendam o que vocês está contando.

Abaixo, criamos um roteiro de perguntas para ajudar a contar essas experiências. Esse roteiro é apenas uma sugestão.

Qual título você daria a sua experiência?

Porque é importante compartilhar essa experiência?

O que motivou essa experiência?

O que aconteceu? Quais os problemas encontrados? Quais as oportunidades?

O que aconteceu de diferente do esperado? Por que? Como vocês lidaram com isso?

O que mudou depois da implantação desse projeto/plano etc.?"

<http://www.fpabramo.org.br/node/5926>

Relatórios ou relatos: quais as diferenças?

As marcas de autoria fazem a diferença entre relatórios profissionais e relatos de experiência vivida. As marcas de autoria são reveladas quando o autor se coloca como sujeito de uma experiência que mobilizou sentimentos.

Marcas de autoria

. Exemplos de expressões que revelam sentimentos pessoais:

"...senti-me confusa...", "Essa tarefa constitui um desafio...", "senti a insegurança...", "sinalizam-me limitações..."

. Verbos na primeira pessoa: (no nosso caso será em terceira pessoa, pois estamos falando de uma experiência coletiva da escola)

. Apresento, senti-me, venho, minhas atitudes, sinalizam-me, senti, sou, apodera-se de mim, vejo-me, foi-me, vai me, minha, gosto, estou...

. O autor se revela no relato sua experiência vivida pelo uso de: pronomes pessoais e de tratamento que o autor usa como se dialogasse com o leitor; adjetivos que aproximam o leitor dos sentimentos vividos por ele; formas de expressão pessoais, às vezes inusitadas; expressões típicas de sua região.

. Exemplos de expressões que identificam os autores: "Desde que me /nos senti(mos) responsável por ..."
"Dou-me (nos damos conta) conta de meus sentimentos de ..." " ... uma dúvida acompanhando os meus (nossos) passos."

"Foi o que me (nos) trouxe esta experiência." Alguns adjetivos usados junto aos pronomes e verbos que expressam sentimentos da autora: (senti-me) desafiada", (sinalizam-me)contraditórias , (sou a) única.

8. REPORTAGEM -

A reportagem é um gênero de texto jornalístico que transmite uma informação por meio da televisão, rádio, revista.

O objetivo da reportagem é levar os fatos ao leitor ou telespectador de maneira abrangente. Isso implica um fator essencial a um jornalista: falar bem e escrever bem.

Se televisionada, a reportagem deve ser transmitida por um repórter que possui dicção pausada e clara e linguagem direta, precisa e sem incoerências. Além de saber utilizar a entonação que dá vida às palavras, uma vez que representa na fala os sinais de pontuação!

Se imprensa, a reportagem deve demonstrar capacidade intelectual, criatividade, sensibilidade quanto aos fatos e uma escrita coerente, que dinamiza a leitura e a torna fluente! Por estas questões, a subjetividade está mais presente neste tipo de reportagem do que no outro, apontado acima!

Atualmente, com o desenvolvimento dos softwares, os repórteres têm mais recursos visuais e gráficos disponíveis, o que chama a atenção para a notícia .

Em meio aos fatos presenciados e que deverão ser transmitidos, cada repórter tem seu estilo próprio de conduzir ou de narrar os acontecimentos. Por isso, a reportagem pode ser a mesma, mas a maneira como é comunicada é diferente de um profissional para outro! Para o leitor ou telespectador é ótimo, pois ele poderá optar, por exemplo, por um jornal falado no qual se identifique com o tipo de linguagem!

Qual a diferença entre notícia e reportagem? A primeira informa fatos de maneira mais objetiva e aponta as razões e efeitos. A segunda vai mais a fundo, faz investigações, tece comentários, levanta questões, discute, argumenta.

A reportagem escrita é dividida em três partes: manchete, lead e corpo.

Manchete: compreende o título da reportagem que tem como objetivo resumir o que será dito. Além disso, deve despertar o interesse do leitor.

Lead: Pequeno resumo que aparece depois do título, a fim de chamar mais ainda a atenção do leitor.

Corpo: desenvolvimento do assunto abordado com linguagem direcionada ao público-alvo!

Características da reportagem

1. informa de modo mais aprofundado fatos que interessam ao público a que se destina o jornal ou revista, acrescentando opiniões e diferentes versões, de preferência comprovadas;
2. costuma estabelecer conexões entre o fato central, normalmente enunciado no lead, e fatos paralelos, por meio de citações, trechos de entrevistas, boxes informativos, dados estatísticos, fotografias, etc.;
3. pode ter um caráter opinativo, questionando as causas e os efeitos dos fatos, interpretando-os, orientando os leitores;
4. contém predomínio da função referencial da linguagem;
5. é escrita em linguagem impessoal, objetiva, direta, de acordo com o padrão culto da língua.

Como começar

Se a grande reportagem deve ser discutida com o editor por seu peso na edição do dia, a abertura da matéria não precisa levar ninguém ao sofrimento.

O importante, segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (Técnica de reportagem – Notas sobre a narrativa jornalística, São Paulo, Summus, 1986), é que o texto tenha uma boa narrativa, um relato humanizado, que cause impressão e que trate dos fatos objetivamente, tanto numa reportagem de ação (com o fato em andamento: uma votação importante, uma competição esportiva, uma ação policial), como numa reportagem de fatos (em que se dão todos os detalhes de um evento, como a morte de um presidente, a execução de um condenado famoso), ou numa reportagem documental (baseada em depoimentos, de cunho pedagógico, como numa matéria sobre o relacionamento homem-mulher em Cuba, por exemplo).

Na prática do dia-a-dia, é preciso que a abertura da matéria seja criativa e interessante para prender a atenção do leitor. Por isso, o conteúdo informativo das frases iniciais que vão introduzir os parágrafos não deve ser completo a ponto de esvaziar a seqüência do texto. É preciso faltar sempre um dado essencial para criar expectativa no leitor, a exemplo do que se faz nas chamadas da primeira página, despertando a curiosidade. Exemplo: "Foi um dia trágico. Logo pela manhã o tiroteio entre milicianos cristãos, sunitas, drusos e palestinos deixou em chamas todo um bairro de Beirute. À tarde vieram notícias de nova retaliação israelense no sul, com a morte de 43 pessoas..."; ou "O assassinato de um medíocre arquiduque, por terroristas que tinham motivação muito particular, mergulhou o mundo na primeira guerra mundial deste século..."

Também se pode abrir o texto com uma historinha que reflita o tom geral da matéria (alegria, tristeza, esperança) ou que defina os atores, como políticos, militares, guerrilheiros, ministros.

Algumas aberturas de matéria na Veja de 2/2/2000: "A Vasp está fazendo uma guerra para tentar recuperar alguns pontos no mercado de aviação." (No box, um quadro comparativo de preços com as demais companhias aéreas e um título relacionado com a abertura da matéria: "A guerra dos preços"); "A ousadia da senadora Heloísa Helena, do PT de Alagoas, aquela que deu voz de prisão ao ex-presidente do Banco Central Francisco Lopes, acabou custando caro."; "Há um empresário no Piauí que atende pelo nome de Mazuca. Ele foi goleiro de um time de futebol do interior, depois comprou uma borracharia, um trio elétrico

e uma distribuidora de refrigerante."; "Quem disse que felicidade não se compra? Compre-se, sim, como bem sabem os cidadãos daquela moderna terra prometida, os Estados Unidos da América."

Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari dão outros exemplos de abertura criativa:

** "Lápis, papel e carbono. Com esses instrumentos, um contingente de 45 mil pessoas (apenas no Rio) movimentam a astronômica cifra de Cr\$ 400 a Cr\$ 500 milhões por dia, cerca de Cr\$ 10 bilhões por mês... (segue matéria sobre o jogo do bicho).

** "Pouco antes da meia-noite de segunda-feira passada, o telefone tocou na casa do presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, Jair Meneghelli. Na outra ponta da linha, o empresário Roberto Della Manna, coordenador do Grupo 14, da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), propunha um encontro entre os dois no dia seguinte, em horário a combinar."

** Oito horas da noite. O vento sopra, vindo do lago, e faz uma chuvinha miúda bater nas janelas da Avenida das Figueiras, na parte residencial de Lausanne, Suíça. Também afugenta o cortejo habitual de turistas que vêm, do mundo inteiro, ver a casa do escritor vivo mais popular do mundo, Georges Simenon."

** "Buenos Aires – Silvia Mabel Isabela Valenzi era loura, tinha os olhos azuis e quem a conheceu diz que era linda. Tão bonita que a chamavam de 'A Gata'. Devia ter uns 25 anos quando deu à luz no Hospital Provincial de Quilmes, na Grande Buenos Aires."

** "À luz dos lampiões, numa noite de lua cheia, o casal de meia idade se levanta do banco em que estava conversando, de braços dados, para comprar pipocas..."

** "'Bem-vindos sejam todos à Pracinha de São Cosme, São Damião e do Um.' Um cartaz mal-escrito chama o povo à praça, onde existe um altar para a devoção aos santos meninos e um viveiro com mais de 20 passarinhos, o local mais freqüentado da favela do Rebu, em Senador Camará."(*) Professor da Unesp-Bauru, SP –

Segundo Clovis Rossi "reportagem é uma coisa paradoxal, por se tratar, ao mesmo tempo, da mais fácil e da mais difícil maneira de viver a vida. Fácil porque, no fundo, reportagem é apenas a técnica de contar boas histórias. Todos sabem contar histórias. Se bem alfabetizado, pode-se até contá-las em português correto e pronto: está-se fazendo uma reportagem, até sem o saber. Difícil porque o repórter persegue esse ser chamado verdade, quase sempre inatingível ou inexistente ou tão repleto de rostos diferentes que se corre permanentemente o risco de não conseguir captá-los todos e passá-los todos para o leitor".

Rossi cita um exemplo prático para ilustrar sua abordagem:

- Suponha que você está numa ponte sobre uma rodovia qualquer. De repente, um carro passa para a pista contrária e bate de frente num caminhão. Morre o motorista do carro. Qual é a verdade? O motorista atravessou a pista e, logo, foi o culpado. Mas a função do repórter é ir atrás das causas, e estas não ficam visíveis nem mesmo no exemplo simples usado. O motorista pode ter perdido a direção porque dormiu, porque estava bêbado, porque sofreu um colapso e morreu no ato, porque quebrou a barra de direção. Ou seja, mesmo que você seja testemunha ocular de um fato, nem por isso fica seguro de que sabe tudo a respeito dele. Ora, jornalistas quase nunca são testemunhas oculares de fatos menos corriqueiros. Em geral, eles se passam nas sombras dos gabinetes, no escurinho dos palácios, nos fundos dos morros e favelas e assim por diante. Logo, resgatar a 'melhor versão possível da verdade' - como definiu em uma palestra em São Paulo o repórter do "Washington Post", Carl Bernstein, que, com Bob Woodward, desvendou o caso Watergate - é uma tarefa ingrata. Para executá-la, sejamos francos, exige-se muito mais transpiração que inspiração. Mais esforço físico que intelectual. Exige que se gaste a ponta do dedo telefonando para todas as pessoas que possam dar ao menos um fragmento de informação. Exige que se gaste a bunda nos sofás das ante-salas de autoridades ou 'ôtoridades', na espera que se gastem as pernas e as solas dos sapatos andando atrás de passeatas, comícios ou fugindo da polícia. Exige, ainda, gastar a vista lendo livros, revistas, jornais, documentos, relatórios, certidões, o diabo, atrás de detalhes ou confirmações ou, no mínimo, como ponto de partida para se iniciar um trabalho com um mínimo de informações prévias. Gasta-se a vista também no simples exercício de olhar com olhos de ver. Tem muita gente que olha e não vê detalhes que acabam compondo pedaços por vezes vitais de uma reportagem".

9. RESPOSTA ARGUMENTATIVA -

Argumentar é fundamentar, justificar, validar nossas opiniões. Uma resposta argumentativa é uma minidissertação: na introdução, sua tese ou opinião; no desenvolvimento, seus argumentos e na conclusão, a reafirmação de sua tese e sua proposta de intervenção e/ou uma observação final.

A coletânea de recortes de textos abaixo, retirados de fontes variadas, aborda a temática Brincadeiras de criança. Tendo-a como apoio, redija os gêneros textuais solicitados.

Brincadeira é Coisa Séria!

As brincadeiras aparentemente simples são fontes de estímulo ao desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança e também são uma forma de auto-expressão. Talvez poucos pais saibam o quanto é importante o brincar para o desenvolvimento físico e psíquico do seu filho. A idéia difundida popularmente limita o ato de brincar a um simples passatempo, sem funções mais importantes que entreter a criança em atividades divertidas.

Brincar

(...) para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das idéias, de uma realidade anteriormente vivenciada. (...) Pela oportunidade de vivenciar brincadeiras imaginativas e criadas por elas mesmas, as crianças podem acionar seus pensamentos para a resolução de problemas que lhes são importantes e significativos. Propiciando a brincadeira, portanto, cria-se um espaço no qual as crianças podem experimentar o mundo e internalizar uma compreensão particular sobre as pessoas, os sentimentos e os diversos conhecimentos.

(BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 27-28.)

O valor de uma brincadeira

Brincar é uma das atividades mais importantes para o desenvolvimento da identidade e da autonomia das crianças.

O faz-de-conta permite que os pequenos experimentem viver como diferentes personagens — pai, mãe, filho, avô. A fantasia e a imaginação são essenciais para aprender mais sobre o relacionamento entre as pessoas.

Preocupação demais, brincadeira de menos

Cerca de 70% das brasileiras ouvidas consideram que se sujar e entrar em contato com vermes é uma experiência valiosa para os pequenos. Ainda assim, elas evitam os espaços públicos. Brincar com terra, areia e água, ao contrário do que muitas mães imaginam, torna o sistema imunológico das crianças mais resistente. Além disso, como bem reconhecem as mães entrevistadas nesta pesquisa, brincar em parques e praças é a atividade que melhor proporciona a formação de vínculos com o filho.

(Veja, edição 2020, 8 de agosto de 2008.)

Brincadeira de criança

Autora: Claudia Liz

Hoje fui brincar de roda / Na calçada pula corda / E também amarelinha / Eu a Paula e a Julinha. / Lá no muro contei dez / Todo mundo se escondeu / Corre aqui corre acolá / E o João Pedro se perdeu / Na ciranda cirandinha / Nossa roda bem grandinha / Pras meninas passa anel / Pros meninos figurinha / Todas essas brincadeiras / As crianças sempre gostam / Com carinho e alegria / No sorriso sempre mostram.

Estatuto da Criança e do Adolescente

Art. 15. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

Art. 16. O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos:

(...)

IV - brincar, praticar esportes e divertir-se;

(...)

GÊNERO TEXTUAL

A partir das informações da coletânea de textos, redija, em até 10 linhas, uma resposta argumentativa à

pergunta “Por que brincar é um direito da criança?”. Sua resposta não deve apresentar cópias de partes dos textos.

10. RESPOSTA INTERPRETATIVA -

Interpretar é reproduzir o conteúdo de um texto, de maneira resumida, parafraseando-o. Vejamos um exemplo de questão interpretativa:

Em posição proeminente encontramos a Europa (...) Está retratada com vestes de soberana, com coroa e cetro, e segura um globo imperial (...) À esquerda uma princesa oriental ornada de jóias (...) personifica a Ásia das especiarias; em frente, do outro lado, a África tem o aspecto de uma negra pobremente vestida (...) A América reconhece-se na mulher impudicamente nua (...) com a cabeça de um homem sentado na mão (...) a indicar que se alimenta de carne humana (...) na ignorância de qualquer forma de organização civil e política. Ao lado está uma cabeça feminina que se ergue sobre um pedestal, a Oceania, justamente privada de corpo porque o continente austral era então quase completamente 'terra incógnita'.

Questão: Interprete, do ponto de vista da cultura europeia, as imagens dos continentes que compõem o Atlas. Aqui, o enunciado pede uma interpretação, do ponto de vista da cultura europeia, da descrição que o historiador Jacques Lê Goff faz de um Atlas de 1574.

Lendo tal descrição e relacionando-a com o momento histórico a que se refere — o século XVI — podemos interpretar as "imagens" dos continentes como as "imagens" do mundo mercantilista, mas também do mundo renascentista de valorização do homem perante o domínio da Igreja.

Repare que interpretar se parece com comentar: em ambos os casos, é necessário discutir o que foi lido, a partir de um determinado contexto, dado pelo enunciado. Quando se comenta, entretanto, opina-se a respeito do lido, faz-se considerações pessoais mesmo que direcionadas, enquanto quando se interpreta, procura-se reproduzir o conteúdo do texto, procura-se entendê-lo resumindo-o, parafraseando-o ou associando-o ao contexto dado pelo enunciado. Novíssimo curso vestibular. Interpretação de texto. Literatura. Emílio Amaral e Severino Antônio.

A seguir, apresentaremos uma prova em que a UEM solicitou a redação de uma resposta interpretativa. Se julgar conveniente, desenvolva-a.

Vestibular de Verão/2008 - A coletânea de textos abaixo, retirados de fontes variadas, aborda a temática As funções dos sonhos. Tendo-a como apoio, redija os gêneros textuais solicitados.

Mundos dos sonhos

O que é o sonho, como se manifesta e qual a sua função? Por que sonhamos e o que acontece enquanto sonhamos?

Essas questões suscitam debates e pesquisas há milhares de anos. Desde o Egito antigo, no tempo dos faraós, o sonho já era objeto de estudos. Na Grécia, os famosos templos de Asclépios (deus da medicina) recebiam pessoas

em busca de conselho e cura, muitas vezes atribuída à ajuda dos sonhos.

Estado de Minas, 11/4/2005.

Sonhar é preciso

Mais de 100 anos depois da psicanálise de Freud, pesquisadores afirmam que sonhar é uma necessidade biológica, capaz de indicar também como funciona a memória humana.

Sonhar é essencial à vida. Sem o sonho, morreríamos. A frase poderia ser creditada a um poeta ou a um escritor, mas é do pesquisador Sérgio Tufik, diretor do Instituto do Sono da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

(...)

Os motivos que levam o ser humano a sonhar e qual a função dos sonhos na nossa vida, no entanto, ainda não foram desvendados. Mas o estudo dos sonhos revelou, por exemplo, o fato de que temos uma consciência, quando estamos acordados, e outra, que parte dos especialistas prefere chamar de não-consciência, quando dormimos. É nessa hora que a nossa memória entra em prática, colocando em seqüência uma série de situações que vivemos durante o dia. (<http://www.escutaanalitica.com.br/responsabilidade.htm>)

O que dizem os sonhos

Claudia Jordão e Jonas Furtado

“Nós nos iludimos no dia-a-dia, trabalhamos com o que e com quem não gostamos, temos que nos enquadrar nos padrões da sociedade. Os sonhos ajudam a mostrar quem somos na essência, são um caminho para o autoconhecimento, para a nossa verdade mais profunda”, afirma Kwasisnki, psicólogo e professor de mitologia.

(...)

“O sonho é uma simulação do futuro possível com base no passado conhecido”, resume Sidarta Ribeiro, o neurocientista e diretor científico do Instituto Internacional de Neurociências Edmond e Lily Safra, em Natal, Rio Grande do Norte. (...)

De importância comprovada para o fortalecimento da memória, os sonhos começam a ter seu papel reconhecido também na reestruturação dela, de forma a gerar novos comportamentos. Ou seja: sonhar estimula a criatividade. “Durante o sono de ondas lentas, não há sonhos, apenas pensamento no escuro. Quando aumenta a atividade neural e as memórias começam a interagir, é como se acendesse a luz do projetor e começasse a sessão cinema”, compara Ribeiro. (ISTOÉ, n.º 2011, 21 de maio de 2008)

Sonhos

Por Isaac Ismar. 16/8/2007

A psicóloga Tatiana Vasconcelos Cordeiro explica que, para a psicanálise, o sonho é um meio pelo qual o inconsciente procura alertar a consciência para o que ela não percebe ou não quer aceitar, e tenta, por compensação, equilibrar a psique, a totalidade de fenômenos psíquicos. “Os sonhos trazem à tona os complexos e sugerem alternativas para a consciência, cujo centro é o ego, realizar o que a pessoa é potencialmente. Ou seja, os sonhos são “avisos”, afirma a psicóloga.

(<http://msn.bolsademulher.com/corpo/materia/sonhos/9708/1>)

Sonhar

Sonhar é transportar-se em asas de ouro e aço / Aos páramos azuis da luz e da harmonia; / É ambicionar o céu; é dominar o espaço, / Num vôo poderoso e audaz da fantasia. / Fugir ao mundo vil, tão vil que, sem cansaço, / Engana, e menospreza, e zomba, e calunia; / Encastelar-se, enfim, no deslumbrante paço / De um sonho puro e bom, de paz e de alegria. / É ver no lago um mar, nas nuvens um castelo, / Na luz de um pirilampo um sol pequeno e belo; / É alçar, constantemente, o olhar ao céu profundo. / Sonhar é ter um grande ideal na inglória lida: / Tão grande que não cabe inteiro nesta vida, / Tão puro que não vive em plagas desse mundo.

(KOLODY, Helena. Viagem no espelho e vinte e um poemas inéditos. Curitiba-PR: Criar Edições, 2001)

GÊNERO TEXTUAL

O poema de Helena Kolody apresenta algumas funções dos sonhos mostradas nos fragmentos da coletânea. Redija, em até 15 linhas, uma resposta interpretativa, que indique quais são as funções dos sonhos presentes no poema e relacione, pelos menos, duas delas com os fragmentos dos textos da coletânea.

11. RESUMO -

"Um resumo é fundamentalmente um tipo de texto que busca aferir compreensão de leitura, seleção dos principais argumentos do texto-base, domínio de escrita e boa organização textual."

"a. no resumo, interessa apenas o que está no texto lido. Não faça comentários pessoais;

b. não se trata de uma cópia de sentenças avulsas do texto original. Leia o texto, extraia as informações e os argumentos básicos apresentados e os apresente com suas próprias palavras. Como você dispõe de apenas 10 linhas, limite-se às informações essenciais;

c. seu texto deverá ser discursivo, isto é, não faça simplesmente uma sequência de itens avulsos."

*****NÃO se coloca título em resumo.**

EXEMPLOS DE RESUMO

1. Vestibular UFPR) - A satanização do público - Há um conto-do-vigário em curso no Brasil. O espertalhão entra em cena, denuncia a falência do tesouro, louva as virtudes do mercado e propõe o desmanche do

Estado. Desfalques escabrosos fazem-no convincente. A autópsia do collarato credencia-lhe a ínfabilidade. Seu lema é "tudo que o governo toca vira pó". Debaixo dessa aparente verdade transita uma confusão na qual se mis-turam dois conceitos, o da atividade estatal; e o de serviço público.

O estatal e o público são coisas diversas. O Banerj é um banco estatal e o Hospital das Clínicas é um hospital público. Por mais doidos que haja no Rio de Janeiro, nunca um carioca entrou numa agência do Banerj e pediu 10 milhões para pagar o colégio do filho. Isso porque, mesmo sendo estatais, os bancos oficiais funcionam como empresas privadas. Por mais doidos que haja em São Paulo, ninguém deixa de ir ao Hospital das Clínicas porque está sem dinheiro. Serviço público, o hospital, existe para o cidadão.

Confundir uma conveniente redução da atividade económica do Estado com atrofia dos serviços públicos é uma vigarice. Muitas vezes ela vem disfarçada no discurso da competência: tudo o que é privado funciona e tudo o que é público enguiça. Trata-se de uma generalização falaciosa. As universidades públicas são as melhores do país e as bibocas médicas dos bairros pobres são piores que os hospitais públicos.

Nove entre dez brasileiros jamais tiveram relações com a face generosa do Estado. Aquela que tem BNDS, juros subsidiados, anistias fiscais e jantares em homenagem ao ministro da Fazenda. Essa fauna enriquece à custa do Banco e, agora que ele faliu, proclama a inutilidade do papel do Estado. Construir um manicômio social de apaneísmo na presunção de que saúde, segurança e ensino públicos são coisas de pobre, quando na realidade são coisas de cidadão.

Para o brasileiro que carrega marmitta, os serviços públicos são ineficientes, porém, indispensáveis. A prosopopéia do desmanche do Estado oferece o fechamento de empresas estatais que fizeram milionários no andar de cima junto com cortes nos serviços onde vivem os contribuintes do andar de baixo. Corno é mais fácil fechar um hospital no subúrbio cortando-lhe as verbas do que um banco oficial acabando com seus empréstimos, alguns serviços de saúde pública já suspenderam as consultas, mas as caixas de financiamento continuam abertas.

A satanização dos serviços públicos é um ardil anti-social. No tempo do Brasil Potência, quando havia dinheiro de sobra, contava-se que era preciso esperar que o boto crescesse para servi-lo. Comeram um bolo, botaram a culpa no Estado e agora se tenta confundir a broa de quem não tem com a panqueca de quem tem. Feita a confusão, busca-se nas padarias dos trabalhadores a farinha da próxima festa.

Resumo: "Segundo Élio Gaspari, no Brasil confunde-se atividade pública com atividade estatal. Enquanto estas funcionam como empresas privadas, aquelas se destinam ao cidadão. Assim, a redução do Estado não deve se confundir com a atrofia dos serviços públicos (saúde, segurança, ensino público) essenciais para o cidadão comum. Os mesmos setores minoritários da sociedade que enriqueceram à custa do Estado, por meio de juros subsidiados, anistias fiscais, etc., agora pretendem destruir suas atividades públicas, sob o falso argumento de que tudo que é público não funciona."

12. TEXTO INSTRUCIONAL

Os textos instrucionais são aqueles cuja função é regular ou indicar formas de agir. Eles descrevem etapas que devem ser seguidas. Dentro desta categoria, encontramos desde as mais simples receitas culinárias até os complexos manuais de instrução para montar o motor de um avião. Existem numerosas variedades de textos instrucionais: além de receitas e manuais, estão os regulamentos, estatutos, contratos, instruções de jogos etc.

Referindo-nos especialmente às receitas culinárias e aos textos que trazem instruções para organizar um jogo, realizar um experimento, construir um artefato e consertar um objeto, entre outros, distinguimos duas partes, uma, contém listas de elementos a serem utilizados, a outra, desenvolve as instruções.

As instruções configuram-se, habitualmente, com orações bimembres, com verbos no modo imperativo (misture a farinha com o fermento), ou orações unimembres formadas por construções com o verbo no infinitivo (misturar a farinha com o açúcar).

O estudo de textos normativos também pode ser associado ao estudo de sinalizações normalmente utilizadas com a mesma função, por exemplo, os sinais de trânsito e outras placas indicativas como: "proibido fumar", "reservado a deficientes físicos", etc.

Todos eles, independente de sua complexidade, compartilham da função apelativa da linguagem, a medida que prescrevem ações e empregam a trama descritiva para representar o processo a ser seguido na tarefa empreendida.

Em nosso cotidiano, deparamo-nos constantemente com textos instrucionais, que nos ajudam a usar

corretamente um processador de alimentos ou um computador; a fazer uma comida saborosa ou a seguir uma dieta para emagrecer.

CARACTERÍSTICAS DOS TEXTOS INSTRUACIONAIS

O texto instrucional apresenta duas partes distintas: uma contém a lista dos elementos a serem utilizados; a outra desenvolve as instruções (modo de fazer), como, por exemplo, receitas de culinária.

As listas são semelhantes, em sua construção, às que usamos habitualmente para fazer compras. Apresentam substantivos acompanhados de numerais.

As instruções são iniciadas com verbos no modo imperativo (misture, junte, acrescente, etc.) ou por construções com verbos no modo infinitivo (misturar, juntar, acrescentar, etc.)

Os verbos aparecem acompanhados por advérbios ou locuções adverbiais que expressam o modo como devem ser realizadas determinadas ações (lentamente, rapidamente, devagar, vagarosamente, etc.)

As ações aparecem estruturadas, visando a um objetivo (mexa lentamente para diluir o conteúdo do pacote em água fria), ou com valor temporal final (bata o creme com as claras até que adquira uma consistência espessa).

Nesse tipo de texto, aparece com frequência o uso de palavras, como aqui, agora, neste momento, etc.

LINGUAGEM

É um texto que exige muita precisão, pois qualquer troca ou falta de um dos materiais ou ingredientes causa problemas na execução da tarefa. Apresenta uma organização lógica. Essa ordem pode obedecer:

* a uma sequência cronológica (um passo só pode ser feito depois de outro);

* a um agrupamento de atividades comuns;

* ao critério do nível de dificuldade (primeiro as operações mais simples, depois as mais complicadas).

Os textos instrucionais apresentam uma ordem e uma estrutura que se repete. Levam em conta os aspectos visuais para facilitar a compreensão. Nesse sentido, é preciso:

* colocar títulos e subtítulos;

* separar uma instrução da outra;

* inserir, preferencialmente, ilustrações que auxiliem no esclarecimento das instruções.

EXEMPLOS - São inúmeros os exemplos de textos instrucionais ou prescritivos: receitas culinárias; receitas médicas (prescrições médicas); bula de medicamento; manual de instrução de aparelhos e veículos; regras de jogos;

dicas de comportamento; etiquetas e rótulos de produtos; (...)

OBSERVAÇÃO: Há diversas formas sintáticas para expressar a ordem.

Modo imperativo = Digite o nome...

Infinitivo = Digitar o nome...

Orações declarativas = Deve-se digitar o nome...

Orações passivas e impessoais = Digita-se o nome...

Uso da 1ª pessoa no presente do indicativo = Digito o nome...

Texto Injuntivo: qualquer texto que tenha a finalidade de instruir o leitor (interlocutor). Por esse motivo, sua estrutura se caracteriza por verbos no imperativo: ordenando ou sugerindo.

a) **Injuntivo-instrucional:** quando a orientação não é coercitiva, não estabelece claramente uma ordem, mas uma sugestão, um conselho.

Exemplos:

a) o texto que predomina num livro de autoajuda;

b) o manual de instruções de um eletroeletrônico;

c) o manual de instruções (programação) - dirigido a determinados funcionários de uma empresa – sobre metas, funções etc.;

d) uma ingênua receita de bolo escrita pela avó...

b) **Injuntivo-prescritivo:** a orientação é uma imposição, uma ordem baseada em condições sine qua non.

Exemplos:

- a) a receita de um médico (a um paciente) transmitida à enfermeira responsável;
- b) os artigos da Constituição ou do Código de Processo Penal;
- c) a norma culta da Língua Portuguesa;
- d) manuais de guerrilha;
- d) as cláusulas de um contrato;
- e) o edital de um concurso público...

Exemplos de texto instrucional

1. Minhas receitas preferidas. Bolo de Banana. Caramelize uma forma com açúcar, corte 10 bananas no sentido do comprimento, coloque-as na forma, bata 4 ovos com uma xícara de leite, duas de farinha de trigo e uma colher de fermento. Despeje a massa na forma, polvilhe (a gosto) com canela e açúcar e leve ao forno pré-aquecido em 180°C. Deixe...

Chega. Este é um texto injuntivo (instrucional).

2.. Como fazer um parto de emergência (recado para minhas filhas e netas). Mantenha a calma. Prepare uma superfície limpa para ela se deitar. Pegue uma tesoura e três pedaços de linha de 25cm. Ferva tudo por 10 minutos. Dobre um cobertor e coloque-o sobre a futura mamãe. Lave bem as mãos e as unhas com água e sabão. Quando as contrações aumentarem...

Basta. Este é um texto injuntivo-prescritivo.

VEJA UM EXERCÍCIO DA UFPR- COMENTÁRIO

(VESTIBULAR UFPR) Criação ou descoberta?

Fala-se muito no grande abismo entre ciência e arte, a primeira lógica, objetiva, enquanto a segunda é intuitiva, subjetiva. O poeta inglês John Keats acusou seu conterrâneo Isaac Newton de ter "desfiado o arco-íris" com suas explicações físicas sobre a difração da luz. Ou seja, explicar racionalmente algo de belo que existe no mundo é insultar a sua existência, tirar a sua poesia. (...)

Nós criamos ou descobrimos a ciência? Será que as nossas teorias e os nossos teoremas estão codificados de algum modo na natureza e tudo o que faz um cientista é "des-cobri-los", levantar a coberta que os esconde, revelando seu significado? Ou será que os criamos, usando nossa intuição, observação e lógica? Complicada essa pergunta. (...) Se fosse prudente, parava por aqui, citando a minha sábia avó, que dizia que "criar é coisa de Deus, e descobrir é coisa de gente". Mas por que não tentar inverter isso, fazer do homem criador e não só criatura? Afinal, descobrir é emocionante, mas bem mais passivo do que criar. (...)

O artista é o criador, ele ou ela dá existência a algo que não existia, enquanto o cientista é o descobridor, aquele que revela o significado oculto das coisas, sem criá-las. Beethoven criou a sua Nona Sinfonia, certo? Ela não existia antes de ele existir. Já Newton descobriu as três leis do movimento – elas estavam lá, escondidas na natureza, esperando para serem reveladas pela mente certa.

Muita gente pode se contentar com essa explicação e dar o caso por encerrado. Mas eu não. Para mim, a ciência é uma criação, tão criação quanto uma obra de arte. O fato de arte e ciência obedecerem a critérios de validade diferentes, de a ciência ter uma aceitação baseada no método científico, que provê meios para que teorias sejam testadas frente a observações, não muda a minha opinião. Ciência é criação do homem, fruto de nossos cérebros e de nosso modo de ver o mundo. Para entender isso, basta examinar um exemplo de sua história.

Aristóteles dizia que a gravidade vinha da tendência dos corpos de voltarem ao seu lugar de origem: uma pedra caía no chão porque foi de lá que ela tinha vindo. Newton, no século 17, propôs que a gravidade era uma força entre quaisquer corpos materiais, com intensidade proporcional ao produto de suas massas e inversamente proporcional ao quadrado de sua distância. Einstein, em 1916, disse que a gravidade vem da curvatura do espaço em torno de um corpo maciço, reduzindo-o a um efeito geométrico.

Todas essas teorias foram propostas para explicar os mesmos fenômenos. Imagino que Einstein não terá a última palavra: a gravidade será explicada de formas diferentes, na medida em que o conhecimento científico avançar. Junto com novas tecnologias e novos conceitos surgem novas representações do mundo natural. Pode-se descobrir um novo fenômeno, mas sua explicação é criada. (...)

A visão científica, como a artística, está em constante transformação. Ciência é uma construção humana,

criada para que possamos compreender o mundo em que vivemos. O que se descobre são novos modos de criar.

(Adaptado de: GLEISER, Marcelo. Folha de S. Paulo, Mais!, 14 set. 2003.)

COMENTÁRIO DA UFPR: Essa questão corresponde ao tradicional resumo das provas de redação dos concursos vestibulares da UFPR. O texto que serve de base para a elaboração do resumo traz uma discussão do físico Marcelo Gleiser sobre a distinção entre duas manifestações humanas - a criação e a descoberta - e as suas imbricações com a ciência e a arte. Um resumo é fundamentalmente um tipo de texto que busca aferir compreensão de leitura, seleção dos principais argumentos do texto-base, domínio de escrita e boa organização textual. Nesse sentido, os critérios estabelecidos após a fase de treinamento foram, em síntese, os seguintes:

a) **Nível REGULAR:** Atendem o requisito mínimo como resumo - textos que sejam de fato um resumo, isto é, que se constituam em uma paráfrase, com redação própria - das principais idéias contidas no texto-base. Neste caso particular, devem mencionar (ainda que de passagem e corretamente) o autor das idéias veiculadas.

b) **Nível BOM :** Tomando como texto médio o que atende ao enunciado no item anterior, recebem avaliação crescente os textos que apresentarem maior refinamento vocabular e de articulação entre os principais argumentos, densidade argumentativa, bem como domínio formal de língua padrão e de formas de fazer referência ao texto original.

c) **Nível INSUFICIENTE :** Ficam abaixo da avaliação média textos que não cumprirem ao especificado no item (a), seja porque não se enquadram no gênero solicitado - porque são comentários, ponderações e não resumos, ou ainda porque são apenas colagens de trechos do texto-base, seja em função da falta de domínio formal da língua padrão escrita. Também equívocos de leitura e de atribuição de autoria deslocam negativamente a escala de avaliação. Casos de cópias mal articuladas, textos desconexos sintática ou semanticamente ou que apenas aludem ao assunto do texto-base receberão grau zero.

Seguem textos representativos do **NÍVEL BOM**

Em seu texto publicado na Folha de São Paulo, Marcelo Gleiser levanta a seguinte questão: Afinal a ciência é uma criação humana ou apenas uma descoberta?

Para muitos, cientista é aquele que revela o sentido oculto das coisas pré-existentes, enquanto que o artista cria o que não existia antes. No entanto Gleiser acredita que a ciência é uma criação do homem, assim como a arte o é, apesar de obedecerem a critérios diferentes. Como exemplo ele cita a gravidade, que ao longo da história foi explicada de maneiras distintas por Aristóteles, Newton e Einstein, mas que poderá encontrar novas possibilidades de explicação à medida em que o conhecimento científico avança. Portanto, finaliza Marcelo, a visão científica é uma construção humana em constante transformação, e o que se descobre são novos modos de criar.

Marcelo Gleiser, que aqui desenvolve uma dialética entre arte e ciência, rejeita a idéia de que esta, por seu caráter lógico e objetivo, não constitua fruto de criação, como a arte. Para o autor, a ciência pode ser essencialmente uma obra de arte. O próprio cérebro humano é capaz de conceber o pensamento artístico tanto quanto o científico. Para sustentar seu ponto de vista cita o fato de que cientistas diferentes em épocas diferentes explicam o mesmo fenômeno de modos diversos. A concepção de mundo evolui em função do tempo e do conhecimento, os quais, equacionados pela extraordinária capacidade humana de pensar, convergem para uma criação que se renova.

Em seu texto, Marcelo Gleiser procura relacionar temas aparentemente opostos: a ciência e a arte. Ao invés de restringir a ciência ao campo das descobertas e a arte, ao campo da criação humana o autor vai além: inicia uma discussão na qual sugere que as distinções entre ciência e arte (uma delas, o fato de a primeira ter aceitação baseada no método científico) não justificam ignorar a ciência enquanto criação humana, bem

como uma obra de arte. Tal ideia fica clara quando o autor mostra que um mesmo fenômeno, a gravidade, por exemplo, já foi explicada por Aristóteles, Newton e Einstein. O exemplo provaria que a ciência não é simples descoberta, já que diferentes teorias surgiram para explicar um mesmo acontecimento. Assim, o que se descobre é o fenômeno, cuja explicação é criada da mente humana e ocorre de variadas formas, pois assim como na arte, a ciência é uma constante transformação.

Marcelo Gleiser propõe, em seu artigo na Folha de São Paulo, uma discussão a respeito da ciência ser ou não uma criação do homem. Segundo ele, muitas pessoas acreditam que, diferentemente do artista, o cientista não cria, ele apenas descobre explicações para fenômenos que já existiam. Para Gleiser, entretanto, a ciência também é uma criação, já que sempre existirão explicações diferentes para um mesmo fenômeno. Defendendo esse argumento, o escritor do artigo cita as idéias distintas de Aristóteles, Newton e Einstein, em relação à gravidade. Gleiser acredita que isso ocorre porque à medida que o mundo se transforma, novas representações dele surgem. Ele termina dizendo que o homem criou a ciência objetivando a compreensão do mundo.

MATERIAL COMPLEMENTAR DE REDAÇÃO- -AULA ESPECIAL PARA UEM—UEL-UEPR Profª Sônia Marga

REPORTAGEM X NOTÍCIA

Como a notícia, a reportagem é um texto jornalístico que enfoca um **assunto ou um fato atual de forma abrangente e direta; por isso apresenta mais detalhes que a notícia e é, geralmente, um texto mais longo. A linguagem é formal, objetiva e direta.**

O assunto da reportagem pode ser desenvolvido de forma **expositiva** (narração simples e objetiva do fato), **interpretativa** estabelecendo conexões com acontecimentos passados ou fatos relacionados ou **opinativa** (tentando convencer o leitor de uma opinião).

É comum ver na reportagem os mesmos elementos da notícia; após a **manchete ou título principal**, há um **título auxiliar**, para atrair o interesse do leitor; em seguida, o primeiro parágrafo – **lide** – resume os elementos principais do texto e depois vem o **corpo da reportagem**. No **lide**, devem ser respondidos alguns questionamentos básicos do jornalismo.

**O QUÊ?
QUEM?
QUANDO?
ONDE?
COMO?
POR QUÊ?**

PROPOSTA

Escreva uma notícia em até 10 linhas, tendo por base os seguintes dados e outros criados por você, desde que pertinentes à situação comunicativa.

mulher de 25 anos.
infarto agudo no miocárdio.
uso de emagrecedores.
estado gravíssimo.

Fábula

Uma fábula é uma narrativa onde os personagens podem ser humanos e animais. A principal característica da fábula é que os animais falam. A estrutura de uma narrativa é composta de: enredo, ambiente, tempo, personagens, clímax, desfecho. No caso da fábula do chapeuzinho vermelho o enredo gira em torno da desobediência da menina ao se arriscar em ir por um atalho. O ambiente é a floresta, o tempo não fica claro, a fábula é atemporal, nossos avós ouviram, nossos pais, nós e nossos filhos. Os personagens principais são a mãe da chapeuzinho, a chapeuzinho, a vovó, o caçador e o lobo. o clímax acontece quando o lobo recebe a menina como se fosse a sua avó e a come. O desfecho acontece quando o caçador salva as duas.

Estrutura

Título
Texto de fundo didático
Ideia de tempo e espaços vagos
Presença obrigatória da moral
Poucos personagens
Presença de nome dos personagens só quando houver intencionalidade sugerida pelo nome
Escrito preferencialmente em 3ª pessoa
Escrito em mais de um parágrafo
Presença facultativa do discurso direto

Predominância da voz do narrador
Uso de verbos no pretérito

FÁBULA MODERNA- Estrutura

Título

Texto de fundo didático

Ideia de tempo e espaços vagos

Presença obrigatória da moral

Poucos personagens

Presença de nome dos personagens só quando houver intencionalidade sugerida pelo nome

Escrito preferencialmente em 3ª pessoa

Escrito em mais de um parágrafo

Presença facultativa do discurso direto

Predominância da voz do narrador

Uso de verbos no pretérito

Presença de intertextualidade

Presença de ironia

Caso o texto com o qual se faz a intertextualidade não possa ser reconhecido, compromete-se a nota da fábula moderna.

O sapo e o escorpião

Certa vez, após uma enchente, um escorpião, querendo passar ao outro lado do rio, aproximou-se de um sapo que estava à beira e fez-lhe um pedido:

"Sapinho, você poderia me carregar até a outra margem deste rio tão largo?"

O sapo respondeu:

"Só se eu fosse tolo! Você vai me picar, eu vou ficar paralisado e vou morrer."

Retrucou o escorpião, dizendo:

"Isso é ridículo! Eu não pagaria o bem com o mal."

O sapo sempre se negando a levá-lo. E tanto insistiu o escorpião que o sapo, de boa-fé, confiando na lógica do aracnídeo eçonhento, concordou. Levou o escorpião nas costas, enquanto nadava para atravessar o rio. No meio do rio, o escorpião cravou seu ferrão no sapo.

tingido pelo veneno, já chegando à margem do rio, moribundo, o sapo voltou-se para o escorpião e perguntou:

Por quê? Por quê essa maldade? Por que você fez isso, escorpião?"

O escorpião respondeu:

"Não sei... Não sei mesmo !!! Talvez porque eu seja um escorpião e essa é a minha natureza..."

Observação- É uma fábula que serve para mostrar que todos nós temos uma natureza e não podemos fugir a ela. Era da natureza do escorpião picar, como era da natureza do sapo ajudar. Mesmo que tivesse sobrevivido o sapo voltaria a ajudar e o escorpião a picar. Isso demonstra quão difícil é mudarmos, transformar nossa natureza. Existe outra fábula nesse sentido que é a do homem que encontrou uma serpente quase morta à beira da estrada e a ajudou, quando a serpente se recuperou picou o homem que a beira da morte lhe perguntou porque fizera aquilo, se a tinha ajudado. Ao que ela respondeu : é de minha natureza picar, e você sabia disso quando me ajudou". Dificilmente se muda a natureza de uma pessoa, se mudou é porque nunca foi aquilo.

EX: *As amantes são acusadas de serem interesseiras e destruidoras de lares, mas não são as verdadeiras vilãs das traições. A maioria delas apenas se apaixonou por homens que não têm coragem de acabar com o casamento. Aceitam a situação porque querem ser amadas. Mas recebem muito pouco do parceiro e toda a culpa da sociedade.*

Outro Exemplo: Ao pensarmos em psicopatia, logo nos vem à mente um sujeito com cara de mau, truculento, de aparência descuidada, pinta de assassino e desvios comportamentais tão óbvios que poderíamos reconhecê-lo sem pestanejar. Isso é um grande equívoco!

Para os desavisados, reconhecê-los não é uma tarefa tão fácil quanto se imagina. Para a psiquiatra, é importante ressaltar que os psicopatas podem estar em qualquer ambiente de convívio social. São homens, mulheres, de qualquer raça, credo e nível social. Em sua grande maioria, eles não são assassinos e vivem como se fossem pessoas comuns.

PROPOSTA- O texto acima é uma fábula – uma narrativa de fundo didático, em que os animais simbolizam um aspecto ou qualidade do ser humano. Diante de alguns exemplos narre uma história da vida moderna que seja a transposição da fábula acima. O seu texto deve ter personagens humanos, e a narração poderá ser em primeira ou terceira pessoa. Não ultrapasse o limite de 15 linhas.

Orientações:

- Dê um título ao seu texto;
- Atente ao comando inicial acima;
- Construa uma moral criativa para seu texto;
- Respeite o uso formal da linguagem;
- Em uma fábula moderna é muito importante que se possa, por meio de características do enredo, identificar o texto base, aquele com o qual se faz intertextualidade;
- Procure não consumir espaço caracterizando excessivamente personagens ou espaço, esquecendo-se do conflito. Esta parte do texto é muito importante para construção criativa.

O TEXTO INSTRUCIONAL

Você já deve ter dado instruções a alguém e, portanto, feito uso de um gênero textual muito veiculado socialmente. Trata-se do texto instrucional, presente nas bulas dos remédios, nas receitas de comidas, nas instruções de jogos, nas instruções de como usar aparelhos eletroeletrônicos, de como utilizar novos programas de computador, etc.

O texto instrucional tem uma estrutura bem simples, o que permite a uma pessoa leiga no assunto em questão aprender a manusear ou a fazer uma coisa a partir de sua leitura. Essa é a intenção: ensinar aqueles que não sabem jogar um jogo, a jogar; ensinar aqueles que não sabem preparar um prato diferente, a preparar; ensinar as pessoas que tomam remédios, a tomá-los adequadamente.

Em alguns casos, os textos instrucionais servem para orientar pessoas em situações de emergência. Em situações como essas, é recomendável que a pessoa tenha acesso a instruções para resolver determinados problemas de forma bastante objetiva e clara. Daí a importância da estrutura dos textos instrucionais, que até na maneira como estão diagramados podem contribuir para facilitar a tomada de decisões.

As instruções configuram-se, habitualmente, com verbos no modo imperativo (misture, adicione, sirva...) ou com verbos no infinitivo (misturar, preparar...)

Lembre-se de que o texto acima é apenas um reforçador, porque a teoria e a estrutura do texto instrucional já foram trabalhadas em sala pelo professor. Agora, é hora de colocar em prática o que se aprendeu.

PROPOSTA

Elabore um texto instrucional sobre como prevenir a obesidade

GÊNERO – ARTIGO DE OPINIÃO

Uma das principais características do artigo de opinião, ou opinativo, é a busca por resposta a uma questão controversa ou polêmica; ou seja, uma questão diante da qual se pode assumir diferentes posições.

É importante observar que num artigo de opinião, ao expor sua posição diante de uma questão controversa, você deve procurar justificá-la com argumentos; aí entra a sua fundamentação teórica.

Para a elaboração de um artigo de opinião, você deve atentar para os seguintes aspectos:

- a escolha da questão polêmica a ser respondida no artigo;
- a sua opinião diante desta questão;
- os argumentos utilizados para sustentá-la;
- a seqüência dos argumentos, no texto;
- os contra-argumentos que podem ser levantados contra sua posição e as considerações que podem desmobilizá-

las;

- a forma como pretende concluir suas considerações.

Ao organizar o raciocínio, leve em conta três fatores: premissa maior, premissa menor e conclusão.

Na introdução do texto, você deve apresentar **os principais aspectos abordados em seu artigo**, justificando o motivo da escolha do seu tema, em termos de relevância social e/ou científica.

Na discussão final, recapitule os principais aspectos abordados em seu texto, procurando explicitar sua manifestação crítica sobre o tema em questão e, se possível, levantando algumas propostas de ação.

Uma das principais características do artigo de opinião, ou opinativo, é a busca por resposta a uma questão controversa ou polêmica; ou seja, uma questão diante da qual se pode assumir diferentes posições.

É importante observar que num artigo de opinião, ao expor sua posição diante de uma questão controversa, você deve procurar justificá-la com argumentos; aí entra a sua fundamentação teórica.

Para a elaboração de um artigo de opinião, você deve atentar para os seguintes aspectos:

- a escolha da questão polêmica a ser respondida no artigo;
- a sua opinião diante desta questão;
- os argumentos utilizados para sustentá-la;
- a seqüência dos argumentos, no texto;
- os contra-argumentos que podem ser levantados contra sua posição e as considerações que podem desmobilizá-

las;

- a forma como pretende concluir suas considerações.

Questões éticas relacionadas ao conceito de propriedade intelectual apontam a necessidade de referendarmos os autores, mesmo no caso de paráfrase, na qual não há transcrição literal. Quando habitamos as idéias dos autores basta referendar o ano da obra; no caso de haver transcrição literal das palavras dos autores, precisamos colocar também o número da página. Quanto a isso, há necessidade de você se posicionar em relação às transcrições ou paráfrases dos teóricos (ex: Em que medida concordo com o citado? Do que discordo? O que acrescento, a partir de tais colocações? No que se refere ao eixo teórico, procure fazer um roteiro de leitura, anotando os conceitos pertinentes ao seu tema. Posicionar-se em relação às transcrições literais ou paráfrases dos teóricos. Em que medida concordo com o citado? Do que discordo? O que acrescento, a partir de tais colocações? Etc. Se possível, procure apontar pontos de convergência e divergência entre eles, posicionando-se em relação à temática tratada (o que penso disso?). Este movimento poderá contribuir para que você sustente seu argumento com consistência teórico-reflexiva.

Na discussão final, recapitule os principais aspectos abordados em seu texto, procurando explicitar sua manifestação crítica sobre o tema em questão e, se possível, levantando algumas propostas de ação.

RESUMO DA TEORIA

EXPLORANDO A ESTRUTURA DE UM ARTIGO DE OPINIÃO

São várias as formas de estruturar um artigo de opinião. Mas, em geral, os artigos de opinião contém os seguintes elementos:

- 1) Contextualização e/ou apresentação da questão em discussão.
- 2) Explicitação da posição assumida.
- 3) Utilização de argumentos que sustentam a posição assumida.
- 4) Consideração de posição contrária e antecipação de possíveis argumentos contrários à posição assumida.
- 5) Utilização de argumentos que refutam a posição contrária.
- 6) Retomada da posição assumida e/ou retomada do argumento mais enfático.
- 7) Proposta ou possibilidade de negociação.
- 8) Conclusão (que pode ser a retomada da tese ou posição defendida).

RESUMO

No primeiro momento, deve-se ler o texto do qual se pretende fazer o resumo para:

- Na 1ª. leitura, apreender o assunto e o tema tratados;
- Na 2ª. leitura, verificar se há palavras desconhecidas e pesquisar seu(s) sentido(s) no dicionário;
- Na 3ª. leitura, identificar o tópico frasal de cada parágrafo (sua idéia principal).

Na elaboração do resumo, devem-se destacar, quanto ao conteúdo, **o assunto e o objeto do texto, as articulações das ideias e as conclusões do autor.**

Os procedimentos para se resumir um texto são:

- Redigir em linguagem objetiva (uso da 3ª. pessoa do discurso);
- Evitar a repetição de frases inteiras do texto original;
- Respeitar a ordem em que as idéias ou fatos apresentados no texto original.

Finalmente, o resumo:

- Não deve apresentar juízo valorativo ou crítico (estes pertencem à resenha);
- Deve ser compreensível por si mesmo, isto é, dispensar a consulta ao texto original.

Veja que, no resumo, você utiliza as suas próprias palavras. Não convém copiar trechos do texto de modo a construir o resumo. Ele deve nascer da compreensão do texto e reunir somente as idéias principais nele contidas.

O ato de resumir textos objetiva instrumentalizá-la a fim de você possa, ao ler, apreender aquilo que realmente é essencial. Ao resumir o texto, você vai expor, em poucas palavras, o que o autor expressou de uma forma mais longa. Assim, deve saber discernir o essencial do secundário e relacionar as idéias principais.

Aprendendo a resumir, você terá mais facilidade ao estudar as diferentes disciplinas, uma vez que saberá encontrar num texto as idéias mais relevantes.

ENTREVISTA

A ENTREVISTA é um texto muito utilizado na Comunicação social que serve para a transcrição do diálogo entre um entrevistador e um entrevistado.

Antes de iniciar qualquer entrevista, é necessário seleccionar :

- O TEMA
- Os objectivos da entrevista
- A pessoa a entrevistar

GUIÃO DE ENTREVISTA

Para facilitar a condução da entrevista, deve construir-se um guião que respeite alguns procedimentos:

- Elaborar perguntas de acordo com o tema, os objectivos da entrevista, as expectativas do entrevistador e de possíveis leitores, ouvintes ou espectadores.
- Construir perguntas variadas (mais abertas – *O que pensa de...?* – ou mais fechadas - *Gosta de...?*, evitando influenciar respostas e procurando alternativas para eventuais fugas ao tema)
- Adequar as perguntas ao entrevistado (personalidade, nível etário, nível socio-cultural...) e à situação (momento lugar).
- Seleccionar um vocabulário claro, acessível e rigoroso.
- Estabelecer o número de perguntas e proceder à sua ordenação.

TEXTO DA ENTREVISTA

Ao passar o texto a limpo, é importante ter em conta :

- A pontuação.
- A ortografia.
- A apresentação gráfica.

A entrevista é um gênero textual primordialmente oral, realizada sob a forma de uma conversa e, posteriormente, transcrita para publicação. Trata-se de um evento eminentemente interacional, cujo objetivo principal é obter informações.

A base de uma entrevista é o jogo entre perguntas e respostas. Essa composição do gênero, no entanto, requer que se atende algumas questões relevantes:

- As perguntas têm de ser pensadas com base nas informações que se obter e devem ser discutidas previamente com o entrevistado, para que ele também se situe em relação ao que lhe será perguntado.
- Uma entrevista não é propriamente um bate-papo informal e, sim, uma interlocução estruturada e com objetivos, devendo, portanto, ser monitorada e conduzida pelo entrevistador. Se o entrevistado é prolixo, evasivo ou disperso, cabe ao entrevistador retomar o rumo da interlocução para que não se perca de vista o assunto em questão.
- Há vários graus de formalidade na interlocução, o que depende de alguns fatores: importância social do entrevistado, idade, titulação, etc. Isso determina o tipo de linguagem utilizada, incluindo-se aí a seleção dos pronomes de tratamento, maior ou menor coloquialismo, uso de vocabulário técnico ou não e complexidade das estruturas lingüísticas utilizadas. Por exemplo: é diferente dizer “Qual é a saída para o impasse?” e “O que **o senhor julga ser** a saída para o impasse?”
- O suporte em que uma entrevista é publicada sinaliza um possível posicionamento do entrevistador e, por conseguinte, o rumo da entrevista. Uma revista de orientação religiosa que convida um cientista para falar sobre o tema das células-tronco embrionárias provavelmente tentará polemizar o assunto e, eventualmente, questionar os argumentos do entrevistado.

Observe a seguinte possibilidade de pergunta: “o senhor acredita, de fato, que vidas humanas podem ser sacrificadas em nome da ciência?”. Ao construir sua pergunta, usando a expressão **de fato** (recurso de ênfase) e **sacrificar vidas humanas**, o entrevistador confere um tom emocional à sua interrogação. Compare-a com esta outra versão: “O senhor acredita que **embriões** podem ser **utilizados para** o desenvolvimento da ciência?”. Na segunda formulação, o tom é mais objetivo e menos emocional (vidas humanas x embriões; sacrificar x utilizar).

Em resumo, uma entrevista não é um texto neutro e puramente informativo: ele reflete posicionamentos ideológicos, visões de mundo, crenças pessoais, etc., e a veiculação de informações acontece em meio a esses elementos.

RESPOSTA DE QUESTÃO INTERPRETATIVA –

interpretar se parece com comentar: em ambos os casos, é necessário discutir o que foi lido, a partir de um determinado contexto, dado pelo enunciado. Quando se comenta, entretanto, opina-se a respeito do lido, fazem-se considerações pessoais mesmo que direcionadas, enquanto quando se interpreta, procura-se reproduzir o conteúdo do texto, procura-se entendê-lo resumindo-o, parafraseando-o ou associando-o ao contexto dado pelo enunciado; -para responder bem esse tipo de questão, convém seguir o "roteiro", que é apresentado na própria questão.

Estrutura:

Escrita em 3ª pessoa

Preferencialmente em mais de um parágrafo

Relaciona as informações do texto do material de apoio

Dispensa a opinião de quem escreve

Apresenta interpretação do texto de apoio

Deve evitar a extrapolação do material de apoio

Tópico frasal com a apresentação da idéia básica dos textos e depois a apresentação das fontes

Necessita de citação para ilustrar ou comprovar as interpretações feitas.

-

CARACTERÍSTICAS DE RESPOSTAS I INTERPRETATIVAS

INTERPRETATIVA

Parte do texto de apoio;

Escrita preferencialmente em 3ª pessoa;

Deve usar trechos do texto de apoio para comprovação;

Apresenta a opinião do aluno, apenas de forma sutil, baseada na

interpretação do referencial oferecido;

O aluno apresenta argumentos, apenas a análise dos dados oferecidos

Usa o texto(s) de apoio;

Organizar preferencialmente com tópico frasal com a idéia central;

Organizada em poucos parágrafos;

Uso abundante de conectivos;

O texto obriga a apresentação de conclusão;

O texto não deve apresentar sugestão.

Resposta Argumentativa

Estrutura-

Tópico frasal respondendo à pergunta feita + conectivo de justificativa+ justificativa(argumento)+ explicação+ comprovação + sugestão (se possível)

Extrapola o texto de apoio

Escrita preferencialmente em mais de um parágrafo

Escrito preferencialmente em 3ª pessoa

Dispensa a opinião de quem escreve, sem usar 1ª pessoa.

EDITORIAL

Expressar a opinião acerca de determinado assunto pode ser uma grande prova de responsabilidade. Todos nós temos direito à opinião, mas, para fazer uso dela, há de se orientar pela ética.

A mídia é um dos grandes fornecedores da opinião pública. Por meio dela, o indivíduo toma conhecimento dos fatos sociais, culturais e econômicos que ocorrem no mundo para, a partir de tais informações, poder construir as próprias opiniões sobre os mais variados assuntos.

Funções características do gênero "Editorial":

Editorial – gênero de caráter opinativo, normalmente não assinado, uma vez que é por meio dele que o jornalista/editor expressa oficialmente a opinião de determinado veículo de comunicação (jornal, revista, etc.) acerca dos fatos mais relevantes no ambiente político, social e econômico.

O editorial costuma apresentar a seguinte estrutura:

Introdução – parte em que o editor apresenta o tema que será abordado.

Desenvolvimento – parte em que o editor apresenta a argumentação propriamente dita. Podem ser constituído de depoimentos, citações, dados estatísticos, pesquisas e outros argumentos de autoridade, a fim de fundamentar as idéias discutidas no texto.

Conclusão – parte em que o editor pode recorrer à retomada da opinião central, por meio da síntese das idéias expostas no texto; propor solução para o problema abordado; levantar outras questões acerca do tema ou, ainda, apoiar-se de uma autoridade no assunto para corroborar a opinião defendida pelo jornal.

Impessoalidade – por se tratar de matéria não-assinada, é peculiaridade ser escrito em terceira pessoa do singular ou em terceira pessoa do plural ou em primeira pessoa do plural.

Topicalidade – é o direcionamento para determinado tópico a fim de que o texto se torne mais preciso e objetivo sobre o que se deseja opinar.

Condensabilidade – o editorial deve ser claro e breve.

Plasticidade – “editorial” é um gênero que deve primar pela agilidade, uma vez que se inspira em fatos que ocorrem no dia-dia.

CHARGE E CARTUM

A palavra humor, cuja origem está associada à Medicina, era usada para denominar o temperamento humano. Atualmente, essa palavra, além de ser usada para designar se uma pessoa está de bom ou mau humor, encontra-se também relacionada a textos em que o objetivo principal é provocar o riso no leitor, explorando o caráter cômico de determinadas situações.

Mas, como podemos caracterizar o *humor*? Que elementos (imagem, desenho, palavra, gesto, etc.) constituem o discurso de humor? E quando à risada provocada pela leitura de um texto humorístico, estaria ela ligada ao **que** se diz ao **como** se diz, ou seja, de que maneira como o discurso é constituído naquele contexto específico?

A **charge** ou **Cartum** são algumas que têm essa função.

Características dos gêneros textuais “charge” ou “cartum”:

Charge

Palavra de origem francesa, que remete à idéia de ataque. O chargista, portanto, parte para o ataque.

Representação gráfica de caráter burlesco e caricatural que, por vezes, se vale do exagero de determinada característica saliente com o fim de chamar a atenção do leitor e veicular uma opinião a respeito de um fato atual.

A forma mais comum de charge é a de apenas uma imagem, mas ela também pode ser criada com outras formas gráficas, como, por exemplo, uma sequência de dois ou três quadros ou, ainda, encontrar-se dentro de quadros, ou ser totalmente aberta com ausência ou não de balões e legendas.

Encontra-se intimamente ligada a fatos, situações de determinada época e religião.

Quando transferir a charge para um ambiente diferente daquele em que foi criada, ela perderá o potencial comunicativo a respeito do fato que a originou. É, pois, limitada pelas características de temporalidade e perecibilidade e, atualmente, é definida como “artigo assinado”.

Cartum

Do inglês *cartoon*, significa desenho.

Assim como a charge, o Cartum apresenta uma situação humorística. No entanto, difere daquela por ser universal e atemporal, ou seja, o entendimento e o efeito de sentido do Cartum independem da região ou da situação em que foi criado.

São usados temas gerais, que podem ser reconhecidos por qualquer tipo de leitor.

Pode também utilizar-se de uma ou mais imagens circunscritas ou não por quadros, bem como fazer legendas.

CARTA ARGUMENTATIVA

A carta tem uma estrutura muito parecida com a da dissertação, isto é, introdução, desenvolvimento/argumentação e conclusão. Já nas cartas, enquanto na dissertação é a informatividade que predomina, na carta a função conativa é fundamental. Assim, fica claro que o diálogo estabelecido entre o eu-emissor-rementente e o receptor-destinatário deve ser explícito.

Essa proposta, por sua vez, apresenta sempre uma atenção especial: um espaço de comunicação interpessoal no qual a construção de argumentos é a mediada por uma interlocução sólida, isto é, uma boa carta deve conseguir ter bem definida a imagem de quem a escreve e de quem a recebe, o que significa que a interlocução proposta pela carta deve ser particularizada, indo além de um preenchimento formal e padrão. É a **interlocução** que garante, nesse tipo de texto, o lugar fundamental da argumentação. Lembre-se ainda de que você deverá levar em consideração sua leitura da coletânea. Vejamos as partes de uma estrutura ortodoxa:

1. Locativo: Local e data (sem pontuação final); À direita da folha; Pular duas linhas
2. Vocativo: A quem se destina a correspondência, o que é normalmente indicado pelo próprio tema da prova; A direita da folha; Pular duas linhas
3. Formatação: Iniciar o corpo da carta (letra maiúscula) e obedecer ao alinhamento dos parágrafos e das imagens, direita e esquerda; Apresentação do motivo da carta; Argumentos sólidos que visam a persuadir o leitor ao fim desejado, ou mudar a sua opinião diante do assunto; Desfecho, com a retomada do motivo e os agradecimentos; Escrever na primeira pessoa do singular; Não assinar a carta (na Unicamp, usar apenas as iniciais do nome; na PUC, um pseudônimo).

Importante: a carta é uma modalidade redacional livre, logo, permite o uso de tanto a narração quanto da descrição e da dissertação. A linguagem e a formalidade de uma carta dependem do fim que ela objetiva: alguém da esfera do Estado, ou familiar, ou comercial, ou para um(a) amante, para uma seção de jornal etc. Quanto mais formal for seu valor, mais importante se faz o rigor da linguagem e, conseqüentemente, o uso adequado dos pronomes de tratamento.

No vestibular, prevalecem o conteúdo e a linguagem da carta, que devem obedecer ao conjunto de exigências feitas no enunciado da prova, portanto, a abertura e o fechamento recebem menor atenção da banca examinadora.

RELATO -exposição escrita ou oral sobre um acontecimento: -tipo de narrativa em que alguém conta um episódio importante de sua vida; -apresenta os elementos essenciais do texto narrativo (personagens, fatos, tempo e espaço); -tem como narrador o protagonista, isto é, a personagem mais importante da história. -convém colocar título (Relato de...).

Estrutura

Traços da reportagem
proxima-se mais da descrição do que da narração
Uso do discurso de autoridade
Não é necessário clímax
Desenvolve idéias das perguntas que responde onde, como, por que

RELATO

A investigação nos Transtornos da Conduta Alimentar tem constituído um foco de atenção em psicologia e psiquiatria nessas últimas décadas (Toro, 2000). De concreto, temos que as investigações epidemiológicas vêm mostrando um aumento considerável no número de pessoas acometidas de Bulimia Nervosa e Anorexia Nervosa nos últimos anos (Eagles et. al, 1995; Sáiz et. al, 1999).

Calcula-se, de fato, que a prevalência desses transtornos oscila entre o 0,5 e o 4% (Carbajo et. al, 1995). Concretamente, o DSM-IV assinala a prevalência da Anorexia Nervosa na população adolescente e juvenil feminina entre o 0,5 e o 1%, e a da Bulimia Nervosa entre o 1 e o 3% (DSM.IV).(…)

COMANDO DE NOTÍCIA: Construa uma notícia que tenha a seguinte temática: Como a preocupação com a imagem tem levado os adolescentes a comportamentos que coloquem a própria vida em risco.

Crie um fato a ser desenvolvido;

Faça-o entre 10 e 15 linhas;

Crie uma manchete;

Baseie-se no referencial acima, porém trabalhe informações externas.

CARTA DO LEITOR

Siga as seguintes orientações:

Apresente a estrutura completa pertinente a este tipo de carta;

Não se esqueça de que precisa reforçar a justificativa, o motivo da carta em seu desenvolvimento;

Retome o vocativo;

Procure, mesmo que seu argumento seja subjetivo, embasá-lo de forma coerente;

Assine apenas como leitor ou leitora;

Faça seu texto em até 15 linhas.

CARTA DE RECLAMAÇÃO

Um fotógrafo brasileiro sentiu-se lesado pela propaganda do sanduíche big tasty de uma conhecida empresa de fast food e como forma de protesto fotografou a propaganda e a imagem real, colocando-as à disposição de qualquer consumidor na Internet. Imagine-se na posição do fotógrafo brasileiro sentindo-se lesado pela propaganda. A partir daí, escreva uma carta ao gerente nacional da empresa de fast food reclamando do fato de que o produto vendido não é o mesmo que o prometido, e exigindo que a empresa tome medidas diante da situação. Ao fazê-lo, você pode propor sugestões de como se resolver a questão. Construa o seu texto entre 12 e 15 linhas, respeitando a estrutura do gênero solicitado. Para organizar seu texto, siga as orientações abaixo:

O ANÚNCIO

A REALIDADE



Apresente a estrutura completa pertinente a este tipo de carta;

Não se esqueça de que precisa reforçar a justificativa, o motivo da carta em seu desenvolvimento; - Retome o vocativo;

Trabalhe argumentos e justificativas que sejam coerentes com sua reclamação;

Assine apenas como consumidor ou consumidora.

ATENÇÃO NA REDAÇÃO DA UEM SERÃO AVALIADOS:

TEMA- COERÊNCIA- TIPOLOGIA- GRAMATICAL- COESÃO

ORGANIZAÇÃO PARA O CONTEÚDO

ORGANIZAÇÃO PARA A FORMA

ORGANIZAÇÃO FINAL

TEMÁTICAS-

LEIA ALGUMAS MATÉRIAS SOBRE OBESIDADE INFANTIL E NA ADOLESCENCIA

LEIA SOBRE BULLYING;

PROPOSTAS:

ELABORE UM RESUMO SEGUINDO ÀS INSTRUÇÕES

ELABORE UM ARTIGO DE OPINIÃO;

FAÇA UM TEXTO INSTRUCIONAL DE COMO EVITAR A OBESIDADE

ELABORE UMA RESPOSTA INTERPRETATIVA A ALGUM PONTO DO TEXTO

ELABORE UMA RESPOSTA ARGUMENTATIVA. A ALGUMA PERGUNTA DO TEXTO.

Obesidade na adolescência e suas implicações futuras

A adolescência trata-se de uma fase de transição e indecisão devido à grande quantidade de informações que recebemos, porém fundamental para o desenvolvimento do ser humano mais completo tanto físico como emocional.

É um período da vida onde ocorrem várias mudanças físicas e psicológicas, altamente influenciadas por fatores genéticos e étnicos. É uma fase de muitas transformações que refletem de hábitos dos familiares e principalmente dos amigos, ou seja, de outras pessoas de sua convivência social, daquela cultura em que este indivíduo está inserido.

E é aí, nesse quadro, onde devemos dar maior atenção principalmente a adolescentes com algum tipo de problema em especial, como é o caso de **adolescentes obesos**.

Devido às suas condições, adolescentes obesos podem possuir graves problemas emocionais, sofrerem de depressão e outros problemas ligados à condição física, sendo que muitos deles até já consideraram o suicídio como sendo o melhor caminho para se livrar das humilhações que por vezes passam devido à sua obesidade. Talvez por consequência de tantos problemas no convívio social, jovens com excesso de peso geralmente possuem menos amigos do que os adolescentes magros de sua idade.

A obesidade entre os adolescentes alcançou proporções de epidemia em muitos dos países desenvolvidos. Nos Estados Unidos, cerca de 15% dos adolescentes são considerados obesos!

No organismo de qualquer pessoa, as calorias consumidas por meio dos alimentos, quando não são queimadas (utilizadas), são armazenadas em células de seu corpo, no tecido adiposo. Na gordura, assim digamos.

Em termos científicos, a obesidade acontece quando uma pessoa armazena uma quantidade muito grande de energia, isto é, o tecido adiposo cresce exageradamente. As causas para o desequilíbrio entre calorias ingeridas e queimadas podem variar de pessoa para pessoa. Fatores genéticos, ambientais e psicológicos, entre outros, podem causar a obesidade.

Fatores psicológicos que contribuem para obesidade

Fatores genéticos da obesidade

Fatores ambientais que contribuem para obesidade

O adolescente obeso hoje

Aspectos psicossociais

Sobre o tratamento da obesidade

Pesquise leia artigos sobre o assunto.....

Bom Vestibular- Profª Sônia